

MÁRCIO HENRIQUE MURACA

**JORGE AMADO:
UM CRONISTA DA GUERRA**

**UBERLÂNDIA-MG
2012**

MÁRCIO HENRIQUE MURACA**JORGE AMADO:
UM CRONISTA DA GUERRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras – Curso de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Teoria Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Kenia Maria de Almeida Pereira.

UBERLÂNDIA-MG

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M972j Muraca, Márcio Henrique, 1975-
Jorge Amado : um cronista da guerra. / Márcio Henrique Muraca. -
Uberlândia, 2012.
140 f.

Orientadora: Kênia Maria de Almeida Pereira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Letras.
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica - Teses.
3. Amado, Jorge, 1912-2001 - Crítica e interpretação - Teses. 4. Literatura e
história - Teses. I. Pereira, Kênia Maria de Almeida. II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 82

MÁRCIO HENRIQUE MURACA

**JORGE AMADO:
UM CRONISTA DA GUERRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras – Curso de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Teoria Literária.

Resultado: Aprovado Data: 02/02 de 2012

Banca examinadora:

Kenia Almeida

Profa. Dra. Kenia Maria de Almeida Pereira (Orientadora) – UFU

Nelson Ramos

Prof. Dr. Nelson Luís Ramos – UNESP/Campus São José do Rio Preto

Joana Araújo

Profa. Dra. Joana Luíza Muylaert de Araújo – UFU

Aos indignados, mas afáveis...

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia, pela oportunidade do Mestrado em Teoria Literária, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (**FAPEMIG**) pelos 15 meses de bolsa de estudo, imprescindível para concluir-lo.

À minha família, aos meus pais, em especial à minha *mãe*. Sem o apoio deles, em seus vários sentidos, teria sido ainda mais difícil o meu recomeçar de vida neste país via carreira acadêmica; sem *ela*, eu diria que, muito provavelmente, impossível.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram, sobretudo Sandra Bisco, em Ribeirão Preto, e Luís Eduardo Borda, em Uberlândia, com quem convivi por quase dois anos sob um teto de muita arte, riso e longas conversas agradabilíssimas. Ao Hugo Freitas Marquez, pela paciência e constante frase: “Vai dar certo”.

Aos professores das disciplinas que cursei com muito prazer. Com eles e elas amadureci ideias e cresci: Profa. Dra. Irlei Machado, Profa. Dra. Joana Luíza Muylaert de Araújo, Profa. Dra. Kenia Maria de Almeida Pereira, Prof. Dr. Luiz Humberto Martins Arantes, Profa. Dra. Maria Ivonete Santos Silva e Prof. Dr. Roberto Daud.

À Profa. Dra. Regma Maria dos Santos que, juntamente com a Profa. Dra. Joana Luíza Muylaert de Araújo, colaborou com valiosas orientações na banca de qualificação.

À Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha, coordenadora do Mestrado em Teoria Literária, pela competência e simpatia frente a um Programa que cresce.

Ao Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro pela abertura de portas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e por ter lançado a pergunta básica, na primeira aula de que participei em nível de pós-graduação: “O que é literatura?”.

Aos meus colegas/amigos de turma, todos inesquecíveis.

Ao ex-secretário do curso Mestrado em Teoria Literária Renato Bernardo da Silva e à atual secretária Maiza Maria Pereira, sempre prestativos e pacientes.

Agradeço, em especial, à Profa. Dra. Joana Luíza Muylaert de Araújo e à minha orientadora Profa. Dra. Kenia Maria de Almeida Pereira – a primeira por ter me apontado caminhos e ser amiga; a segunda por ter me orientado caminhos e ser amiga.

“Do ponto de vista moral eu considero a época inteira condenável; e a arte boa somente quando se contrapõe a este decurso das coisas. [...] Na verdade, foram Tolstoi e Dostoievski que nos fizeram ver como na literatura se pode condenar em bloco todo um sistema. Para eles, a questão não é [...] que o capitalismo tenha este ou aquele defeito, mas a opinião de Tolstoi e Dostoievski é que o sistema inteiro, assim como é, é desumano.”
(LUKÁCS, “Diálogo Sobre o Pensamento Vivido”, 1986, p.29).

Resumo

Esta pesquisa aborda as 103 crônicas de Jorge Amado compiladas no livro *Hora da Guerra* (2008), publicadas pelo autor baiano entre 1942 e 1945 na coluna homônima do jornal *O Imparcial*, de Salvador. Foram utilizados como princípios metodológicos revisão bibliográfica sobre a vida e a obra do autor, sobretudo no período do Estado Novo (1937-1945), textos que tratam da crônica e do jornalismo, sobre a Segunda Guerra Mundial e referências sobre o recorte temático que serviu de base para a análise crítico-literária: censura, antisemitismo e o líder nazista Adolf Hitler. Tendo em vista esses temas, privilegiou-se a articulação entre literatura e história, entre crônica e militância política, verificando-se, principalmente, as decisões do Partido Comunista na época da guerra e como elas influenciaram a escrita do autor. A ideologia comunista que perpassa os textos foi confrontada com o posicionamento humanista de Jorge Amado, o que revelou, por vezes, contradições ou sinais antagônicos, resultado da tensão entre o engajamento do escritor diante do período de maior convulsão do século XX e sua visão de mundo orientada a favor do oprimido em geral. No plano formal, foi observada a linguagem coloquial permeada pelo discurso panfletário, às vezes revestido por um tom emocionalista e indignado, principalmente quando trata das vítimas do nazifascismo. Foi igualmente problematizada a questão da crônica como texto literário, baseando-se em autores que refletiram sobre o gênero, sobre o jornal como fonte de sustento para escritores, assim como a visão do próprio Jorge Amado em relação ao texto jornalístico. Concluiu-se o estudo com algumas reflexões advindas da intersecção entre o projeto estético-ideológico do autor baiano, a validade de sua crônica de guerra nos estudos literários e o desvelamento do espírito de uma época e as facetas de um escritor ao se ter como base não sua obra consagrada, mas seus textos distanciados da crítica e do público.

Palavras-chave: Jorge Amado. Crônica. Comunismo. Segunda Guerra Mundial. Hitler. Censura. Antisemitismo.

Abstract

The present study investigates Jorge Amado's 103 articles compiled in the book *Hora da Guerra* (2008) published between 1942 and 1945 on the newspaper *O Imparcial* (city of Salvador, Bahia state). As a methodological principle, a bibliographical review based on the author's life and work, especially in the period of *Estado Novo* (1937-1945), books on newspaper articles and journalism, on Second World War, as well as references on themes that were focused in this analysis: censorship, anti-semitism and the Nazi leader Adolf Hitler. In light of such issues, the study searched for the relationship between literature and history, newspaper article and political engagement, by verifying mostly the decision made by the Communist Party at the War time and how they influenced the author's writing. Communist ideology that is clearly seen in the texts was put in face with Jorge Amado's humanist position, which sometimes revealed contradictions or antagonistic signals as a result of the tension between the author's political engagement in the most overwhelming period of the twentieth century and his worldview in favour of the oppressed people. In formal terms, it is also clear in the texts the colloquial language permeated by a "pamphlet discourse", sometimes dressed up in an emotional way with a voice of indignation, especially when it comes to victims of Nazi fascism. Newspaper article as literary texts was also questioned based on authors who reflected on such literary genre, on newspaper as a source of income for writers, as well as Jorge Amado's thoughts on journalism. This study was concluded with some reflections that emerged from the intersection between Jorge Amado's literary and ideological project, the validity of his "War articles" in literary studies and the spirit of a time as well as the many facets of a writer that emerge not by verifying his well-known work, but by focusing on those unknown to both literary critics and general readers.

Keywords: Jorge Amado. Newspaper Article. Communism. Second World War. Hitler. Censorship. Anti-Semitism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DE UM <i>BEST SELLER</i> BRASILEIRO	15
2. O PAÍS DO CARNAVAL VAI À GUERRA	45
3. HORA DA CRÔNICA	68
3.1. Amado & Hitler	81
3.2. Amado & A Fogueira	93
3.3. Amado & O Judeu	105
4. CONCLUSÃO/CONTRADIÇÃO	116
5. BIBLIOGRAFIA	123
6. ANEXOS	
6.1. Crônicas e Temas de Jorge Amado em <i>Hora da Guerra</i>	132
6.2. Crônicas em que Jorge Amado faz referência a Hitler	136
6.3. Crônicas em que Jorge Amado faz referência aos judeus e aos campos de concentração	139

INTRODUÇÃO

“O campo político contaminou todo enunciado. Mas sobretudo, ainda mais, porque a consciência coletiva ou nacional está “sempre inativa na vida exterior e sempre em vias de desagregação”, é a literatura que se encontra encarregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa [...]” (DELEUZE&GUATTARI, *Kafka – Por Uma Literatura Menor*, 1977, p.27).

“Há algo de profundamente errado na maneira como vivemos hoje. [...] a busca por bens materiais visando o interesse pessoal foi considerada uma virtude: na verdade, esta própria busca constitui hoje o pouco que resta de nosso sentimento de grupo.” (TONY JUDT, *O Mal Ronda a Terra – Um Tratado Sobre as Insatisfações do Presente*, 2010, p.15).

Kafka escreve em 25 de dezembro de 1911: “A literatura tem menos a ver com a história literária do que com o povo”¹. Se o artista-intelectual no século XX tinha seu “valor” na sociedade articulado a um espírito de missão direcionado ao coletivo, na atualidade o que esse sujeito aspira desvelar é o desconforto do mundo, no sentido não da denúncia dos processos histórico-sociais tendo em vista a revolução que transformará a sociedade; antes, uma problematização do sentimento de indignação – e de “beco sem saída” – que assola um planeta mergulhado num certo *sintoma* de corrupção geral e falência total das instituições.

No campo literário, cem anos após a afirmação de Kafka, a **literatura**, sua teoria e história são colocadas sob suspeita nesse contexto. De um lado então se pergunta: “Literatura para quê?”, como o fez Antoine Compagnon ao levantar a questão num tempo em que “a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros” (COMPAGNON, 2009, p.21)². De outro é sentenciado, como o fez Terry Eagleton, em seu *Teoria da Literatura – Uma Introdução*: a teoria literária não existe porque a literatura *não* existe (EAGLETON, p.297)³. Se o primeiro teórico termina seu texto de modo mais otimista, clamando que a literatura é desejável porque “frágil, exercício jamais fechado, nunca fixo, sempre em

¹ Citado em DELEUZE;GUATTARI, 1977, p.27.

² O autor reflete sobre a literatura francesa moderna e contemporânea (história, crítica, teoria) no século XXI, retomando a discussão desde dois séculos anteriores. Abarca não apenas as letras na França, mas a literatura em geral e sua função clássica (instruir enquanto diverte, “pedagógica”), romântica (reunificar a experiência, redenção pela cultura, “ideológica”), moderna (“lingüística”) e pós-moderna (neutralidade, recreação, “impoder sagrado”). Veja-se COMPAGNON, 2009, 57p.

³ Eagleton aponta as fragilidades de conceituações de **literatura**, a exemplo de “escrita imaginativa” (em oposição a uma escrita calcada em fatos) ou como “arranjo peculiar da linguagem” (formalistas russos) ou circunscrita na noção de “valor” (literatura é aquilo que se acredita ser literatura). Não sendo nenhuma delas “objetiva como um inseto”, o autor conclui que são as relações ideológicas de poder de uma época que determinam, de modo bastante frágil, o que é ou não literatura. Veja-se EAGLETON, 2006, p.1-24.

devenir" (COMPAGNON, 2009, p.56), o segundo, ao sublinhar que a classificação de algo "como literatura é extremamente instável" (EAGLETON, 2006, p.19), conclui que os "juízos de valor" que constituem tanto a literatura como a teoria que sobre ela se debruça são "historicamente variáveis" e "em estreita relação com as ideologias sociais" (EAGLETON, 2006, p.24). Literatura, teoria, crítica e história literária seriam narcísicas, portanto?

Esses parágrafos servem como prelúdio para certas questões a respeito do objeto deste estudo, proposto numa época que pode ser alcunhada de *desconfiança*: por que se voltar às crônicas de guerra de Jorge Amado, romancista *best-seller*, considerando que tais textos são eivados de um discurso panfletário, resultado da militância stalinista do autor num período distante e que, em grande parte, não passam de comentários inflados sobre os temas de guerra, conscientemente direcionados aos inimigos políticos do projeto soviético de redenção do espoliado? No plano teórico-metodológico, sob quais perspectivas essas crônicas – se é que podem ser consideradas como tal – podem ser abordadas? Onde podem se situar nos Estudos Literários? São elas textos que se inscrevem na relação entre literatura e política?

Não há respostas graves ou fechadas, mas existem justificativas que emergem da própria problematização esboçada acima. A primeira é que os estudos sobre a obra do autor baiano são, quase exclusivamente, baseados em seus romances; sejam os da primeira fase, nos quais predomina o ufanismo ideológico, período que se inicia nos anos 1930 e se estende até 1956, com o lançamento da trilogia de *Os Subterrâneos da Liberdade*, ou os da segunda fase, inaugurada com *Gabriela, Cravo e Canela*, em 1958, quando o autor dá passagem a um ufanismo cultural – a Bahia como metonímia de um Brasil “colorido” e “apimentado”.

O segundo aspecto refere-se aos textos em si. De modo esquemático, as 103 crônicas da coletânea *Hora da Guerra* (2008) podem ser lidas partindo da oposição entre aquelas que “envelheceram”, porque atreladas à referencialidade, não passando muito de um comentário sobre notícias de segunda mão, e aquelas que perduram, uma vez que, no plano de conteúdo, seus temas reverberam na atualidade (antisemitismo, anticomunismo, extremismo) e, no plano formal, refletem elementos de expressão característicos do autor, como o apelo à tradição popular. Portanto, uma leitura que, intuitivamente, por assim dizer, compara e separa uma função poética de uma função prática da linguagem. (JAUSS, 1994, p.29).

Embora o fator ideológico contamine os textos, a amplitude temática fornece um retrato da *ambientação*⁴ político-cultural do país e do mundo na época da guerra, na visão de

⁴ Ambientação no sentido do “espírito” de uma época, e não da realidade. A literatura, ainda que na forma de crônica, não deixa de ser recriação de um tempo, por mais que almeje comentar fatos. Assim, ao configurar seu texto, o escritor, mesmo baseando-se no aspecto referencial, não deixa de ficcionalizar, de fazer uma fabulação

um escritor de 30 anos, empenhado no social. Nesse sentido, Jorge Amado utiliza o espaço da coluna “Hora da Guerra”, no jornal baiano *O Imparcial*, para resenhar *Fogo Morto* (1944), de José Lins do Rego, ou para responder a perguntas insistentes dos leitores sobre a opinião dele a respeito do *fenômeno* “Chico Xavier”, o polêmico e então jovem médium.

De certo modo, portanto, a crônica de Jorge Amado, ao ir além dos acontecimentos do conflito, serve como uma “historiografia”, ainda que suspeita. É justamente a verificação desse elemento particular de desconfiança (lê-se militância comunista-stalinista) que faz emergir o espírito de uma geração de artistas e intelectuais que convivia com o fervilhar de ideologias, por vezes não tão distintas na prática, as quais tinham como anel a transformação do mundo, ainda que isso significasse a eliminação – violenta – do inimigo. Uma época que forçava a *crença* no coletivo, em contraste com a *descrença* individualista atual.

Para tal verificação, uma abordagem que partiu do destrinçar de três temas no terceiro capítulo que perpassam o conjunto de textos de *Hora da Guerra*. São eles: “Hitler” (como metáfora do inimigo da liberdade e da igualdade), a “fogueira de livros” (como metáfora da censura de tempos ditoriais) e a “questão judaica” (metáfora da perseguição). Embora, em si, não haja nada de *metáfora* nesses temas, eles assim funcionam porque Jorge Amado os elege como “narrativas catastróficas”, frutos dos processos históricos injustos, que justificariam o movimento revolucionário comunista que poria fim na luta de classes.

E o que se quer saber de Jorge Amado cronista? Justamente o seu posicionamento em função de tais temáticas, em confronto com a história de um lado e sua militância comunista de outro, o que revela **contradições** ou **sinais antagônicos** que hoje podem saltar aos olhos como absurdos – efeitos da tensão entre os ideais de liberdade do autor e sua obrigação de servir ao Partido Comunista, fazendo de sua crônica, muitas vezes, mero panfleto maniqueísta e reducionista, o qual pode ser associado a uma concepção de “literatura de propaganda” que coloca a política que defende como uma “alegoria do bem” (BOSI, 2002, p.122)⁵. No plano da composição, de antemão, a conclusão um tanto provocadora: paradoxalmente, Jorge Amado usa um discurso que evoca o religioso: lamentos, profecias, cânticos...

que acompanhada “da palavra ‘literatura’ adquire um valor de verdade sobre aquele tema que está sendo tratado.” (SANTIAGO, 2004). Entrevista “Silviano Santiago: Literatura é Paradoxo”. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2375_1.shtml>. Acesso em: 14 nov. 2011.

⁵ Alfredo Bosi em *Literatura e Resistência* sublinha o **perigo** do *patrulhamento ideológico* da crítica ao condenar esses paradoxos estético-ideológicos dos escritores: “Assim fazem liberais e esquerdistas quando julgam e condenam a obra de Ezra Pound, que teve um momento de simpatia por Mussolini. Ou acusam a alienação presente na obra de Borges, que na vida pública foi indulgente com a ditadura sangrenta do general Pinochet. Ou lembram que Fernando Pessoa tangenciou a política cultural nacionalista e saudosista de Salazar nos anos [19]30. Os exemplos são, aliás, mais numerosos do que seria de desejar.” (BOSI, 2002, p.123).

Para este aspecto do “desvelamento” de paradoxos, foi importante resgatar o percurso biográfico do autor no primeiro capítulo e a contextualização histórica nos planos europeu e nacional na época do conflito mundial, no segundo capítulo. Não há como ler as crônicas de Jorge Amado sem buscar esse diálogo com sua trajetória política, as estratégias do Partido Comunista e com a movimentação do governo Vargas e dos líderes das “nações” no “jogo de pôquer” da Guerra. Não se pretende sugerir com isso que a busca pelas relações entre literatura, biografia e história sirvam como meio para uma escritura “natural” ou “plana”. Pelo contrário: esse jogo é complexo e desnivelado. O que se defende aqui é a perspectiva de Antonio Cândido (2000) e Aijaz Ahmad (2002) de que o objeto artístico não é mero reflexo do social, já que a “intervenção” do artista deixa nele suas marcas (indecifráveis?), o que desfaz um paradoxo teórico: “[...] explicar pelo contexto um objeto que interessa precisamente porque escapa a esse contexto e sobrevive a ele.” (COMPAGNON, 2001, p.22).

Por último, convém elencar algumas perguntas que surgiram durante este trabalho, como já sugeridas anteriormente: As crônicas de guerra de Jorge Amado são crônicas que atingem um grau literário ou são uma espécie de panfleto? O seu estudo é relevante para a Teoria e a História Literária? São textos exemplares de uma literatura social empenhada e combativa ou apenas um engajamento pragmático raso com vistas à propaganda stalinista e aos próprios interesses do autor, que fazia carreira em meio a essa militância ideológica?

O enfrentamento de tais questões tem como ponto de partida uma noção particular de literatura apontada como *texto de risco*⁶. Por mais que as crônicas de Jorge Amado, tomadas no conjunto, pareçam à primeira vista simplórias, elas carregam riscos porque escritas nas condições aqui delineadas (guerra, stalinismo, jornal) e sua leitura, na distância das décadas, também se arrisca ao ter de lidar, por exemplo, com textos de um autor consagrado mundialmente cuja obra ajudou a moldar uma determinada identidade brasileira – a figura que se tornou Amado pode intimidar. Contudo, literatura não seria isso? Correr riscos, tanto o escritor quanto o crítico? Não é esse perigo do fracasso que atrai alguns ao exercício do *texto*?

Não há muito segredo quando se tem em mente que o pensamento dialético que deve perpassar este estudo é que, em larga medida, as crônicas de *Hora da Guerra* configuraram uma obra produzida no engano político (a ilusão stalinista) e sustentada pela ideologia teleológica (e messiânica?) segundo a qual o mundo tem como fim/meta a resolução das distorções

⁶ Robert B. Alter, sobre o romance *Ver: Amor* (1986), de David Grossman, conclui que se trata de uma “espécie de escrita que corre riscos [...] mas também tem o poder de iluminar a história recente de modos inesperados.” (ALTER, 1998, p.137). É sob tal perspectiva que, aqui, introduzimos a noção de *risco*.

sociais e econômicas⁷. Como a argumentação ideológica de Amado que sustentaria seu posicionamento em relação aos temas da guerra em curso tinha de ser mantida na subestrutura dos textos, emergiu no plano de superfície uma moralidade simples, do tipo “olho por olho...”: nazifascistas matam e destroem; são cruéis, portanto devem ser mortos e destruídos.

Por outro lado, há que se relevar a “cegueira” da época em razão da proximidade dos fatos e acontecimentos, agravada pelo cenário apocalíptico de uma *guerra total* que teve como desfecho a bomba nuclear, inimaginável hoje. Um terceiro elemento: descontada a motivação política, não há como passar despercebido na leitura das crônicas o lirismo humanista de Amado reconhecido em toda sua obra, tanto na primeira como na segunda fase.

Vale ainda considerar que a crônica em geral, por mais escorregadia que seja sua definição, tem como energética *cacos* que a realidade joga de modo *benjaminiano* a nossa volta⁸, amarrados com uma certa “poesia”, própria da linguagem escrita que, não sendo oral, por mais ordinária que pareça no papel (ou na tela), contém o ritmo único de composição daquele ser que a elaborou. Quanto mais arriscado for esse texto, mais atrativo ou repulsivo ele pode vir a ser. A crônica de guerra de Amado localiza-se entre uma coisa e outra.

Esta introdução não poderia finalizar sem a máxima atribuída⁹ a Gramsci, que já se tornou lugar comum do ideal de esquerda: “pessimismo da razão, otimismo da vontade”.

⁷ Em sentido análogo, a concepção moderna de história teleológica baseia-se na **evolução**, sendo o passado inferior ao presente e o progresso força de movimento a um futuro melhor. Daí as vanguardas no Modernismo e a “tradição da ruptura”, assim chamada por Octavio Paz. Antonio Cândido em *Literatura e Sociedade* enuncia sua abordagem do Modernismo brasileiro como “evolução da nossa vida espiritual”, regida pela *dialética* entre “localismo” (afirmação do nacionalismo) e “cosmopolitismo” (conformismo com a imitação de padrões europeus) (CANDIDO, 2000, p.101). Entre moderno e Modernismo, temperado com ideais socialistas revolucionários, está o Jorge Amado da primeira metade do século XX.

⁸ “[...] o artista não se serve de seus instrumentos – pedra, som, cor ou palavra – como o artesão; serve-se deles para que recuperem sua natureza original. Servo da linguagem, qualquer que esta seja, transcende-a. Essa operação paradoxal e contraditória [...] produz a imagem. O artista é criador de imagens: poeta” (PAZ, 1982, p.27). A palavra, na escrita, sempre é uma seleção-reflexão, mais do que na fala. Isso por si já não é poético?

⁹ A pesquisa não localizou a frase específica em uma determinada obra de Antonio Gramsci, embora ela seja citada em inúmeros textos acadêmicos que tratam de seu pensamento. Certamente, ela sintetiza o ideal socialista marxista que tem como premissas a razão (“consciência das massas”) e a ação (“revolução proletária”).

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DE UM *BEST SELLER* BRASILEIRO

“Não pretendi nem tentei jamais ser universal senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro. Poderia mesmo dizer, cada vez mais baiano, cada vez mais um escritor baiano.” (JORGE AMADO, “Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras”, pronunciado a 17 de julho de 1961).¹⁰

“Toda a minha infância foi marcada por essa violência que nada conseguia brecar; as brigas, a morte fácil, e eu brincando na praça de Ilhéus, lembro-me de meu tio e meu primo – o que mais tarde matou o homem – chegando, correndo e gritando: ‘Vamos, menino, vamos, depressa’.” (JORGE AMADO, depoimento a Alice Raillard, em 1985, p.183).

Jorge Amado é sinônimo de popular. Se há ainda um termo que traduza com maior precisão tanto sua trajetória pessoal quanto seu legado literário, essa palavra é *povo*. Em simbiose com liberdade e mestiçagem, ela é o elemento fulcral de uma vida dedicada a pintar, muito além de um mero retrato, as cores do imaginário de uma gente. Povo esse que hoje pode se afirmar como “baiano” (com aspas, porque metonímia de brasileiro e vice-versa!), construção essa que teve como um de seus arquitetos modernos um escritor que transitou entre o ufanismo político e o cultural. Jorge Amado de Faria nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, na zona cacaueira da Bahia.

Sucesso editorial no mundo, o marco de sua guinada ao estrelato, ao *best-seller*, parece ser preciso: é a partir de seu romance *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em agosto de 1958 pela Livraria Martins Editora, com tiragem de “20 000 exemplares, que se esgota em quinze dias” (TAVARES, 1980, p.40) e que já “em dezembro do mesmo ano era lançada a sexta edição consecutiva do romance” (TAVARES, 1980, p.89). *Gabriela* é seu primeiro livro depois de se afastar do Partido Comunista. Um ano depois, a obra já havia recebido cinco prêmios, entre os quais o Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro, e o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro¹¹.

Dois anos e meio após *Gabriela*, Jorge Amado é eleito, por unanimidade, para a Academia Brasileira de Letras – em grande parte pelo sucesso do romance. Ilustra tamanha repercussão a colocação do poeta Manuel Bandeira de que o baiano “ingressara no ilustre

¹⁰ TAVARES, Paulo. *O Baiano Jorge Amado e sua Obra*. Rio de Janeiro: Record, 1980, p.7. Vale lembrar que a obra de Tavares apresenta uma extensa cronologia biográfica de Jorge Amado, como também informações detalhadas sobre suas obras, número de personagens, traduções, etc.

¹¹ Os outros prêmios outorgados em 1959 foram: prêmio **Paula Brito**, da antiga prefeitura do Distrito federal, Rio de Janeiro, o prêmio **Luísa Cláudio de Sousa**, do PEN Clube do Brasil, Rio de Janeiro e o prêmio **Carmen Dolores Barbosa**, de São Paulo. (TAVARES, 1980, p.90).

sodalício pela mão de uma senhora – dona Gabriela.”. A essa época a obra atingia sua 20^a edição, com cerca de 160 000 cópias (TAVARES, 1980, p.89-90).

O estrondoso sucesso que Jorge Amado viria a se tornar a partir de então levou boa parte da crítica a dividir sua obra em dois momentos. O primeiro, engajado, estritamente atrelado à sua militância política com orientação comunista, fase associada à literatura ideológica que emerge a partir da década de 1930. Sua segunda fase, agora livre do compromisso com o Partido Comunista, é basicamente vista como uma colorida crônica de costumes. Nas palavras de Alfredo Bosi, em seu clássico *História Concisa da Literatura Brasileira*: “Na última fase abandonam-se os esquemas da literatura ideológica [...], tudo se dissolve no pitoresco, no ‘saboroso’, no ‘gorduroso’, no apimentado do regional.” (BOSI, 1976, p.457). Em *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia*, Eduardo de Assis Duarte define a primeira fase do escritor: “[...] que vai de *O país do carnaval* (1931) a [Os] *Subterrâneos da liberdade* (1954) –, composta por livros mais diretamente vinculados ao debate político-ideológico dos anos 1930 e 1940.” (DUARTE, 1996, p.17). Outros críticos, em contraste, enxergam essa bifurcação de forma mais suave, mais para uma mudança de tom e cor do que propriamente uma alteração de rumo, uma ruptura extrema na obra amadiana.

Se para muitos críticos *Gabriela* se distingue inteiramente dos romances anteriores do baiano, Amado, na análise de Alberto da Costa e Silva, organizador de *Essencial Jorge Amado*, “continuava a tecer o que começara, mal saído da adolescência, em *Cacau*”. Entretanto, o romancista passa a incorporar modulações em suas obras que resultam em uma nova tessitura, menos sisuda: “uma maestria nos jogos da linguagem e uma imaginação mais alegre, solta e encorpada. O lirismo de sua prosa adoça o cômico, o picaresco, a irreverência, a sátira.” (COSTA E SILVA, 2010, p.12).

Observação similar faz Miécio Táti em *Jorge Amado, Vida e Obra*, no qual sustenta que não se pode dizer que com *Gabriela, Cravo e Canela* um novo autor teria subitamente nascido, a resvalar-se “em um gênero de romance até então inexplorado na sequência de sua obra literária.” (TÁTI, 1961, p.160). O ensaísta se aproxima da visão de Costa e Silva, adjetivando as modulações de Amado a partir de 1958: “romance picaresco, anedota que se desenvolve em meio a lances divertidos e plenos de humanidade, [...] espírito ágil de narrador bem-humorado a imaginar situações de vivo pitoresco [...]” (TÁTI, 1961, p.160). Em conclusão, Táti afirma que tais elementos não se encontram ausentes nos livros anteriores, mas que aqueles “não faziam um sistema, eram linha acessória que corria paralelamente a uma linha mais acentuada, dramática [...]” (TÁTI, 1961, p.160-161).

Jean Roche tampouco reconhece na obra de Amado, a partir de *Gabriela*, uma cisão extrema que faria separar o artista engajado, realista, daquele que passa a pintar arte *naïf*, simplesmente. Roche, em seu *Jorge Bem/Mal Amado*, classifica *Gabriela* como um “romance histórico, visto que transporta sua ação de volta para 1924-25”, retomando, assim, “o tema do declínio dos coronéis” (ROCHE, 1987, p.92). Na sequência, destaca o não maniqueísmo que perpassa o romance, “nenhum estereótipo”, mas antes “personagens complexas porque são vivas” (ROCHE, 1987, p.92), o que se aproxima da observação de Táti, como se nota no parágrafo anterior. Roche, portanto, reconhece uma clara “ação política do romance”, *aparentemente* uma das obras “menos engajadas”, embora chegue à conclusão de que o “marxismo” teria sido suplantado, em *Gabriela*, pelo humor – “palavra capital”: “Amado se pôs a escrever, sorrindo, sobre o que é sério, rindo, sobre o que é grave [...], é da linhagem de Rabelais, ou de Molière, tanto quanto da de Castro Alves.” (ROCHE, 1987, p.92-95).

O próprio Jorge Amado rejeitou a separação rígida de sua obra sob o binômio engajado/popular, como revela na famosa entrevista concedida em 1985 à jornalista francesa Alice Raillard, na qual o escritor diz, sem esconder a veemência das palavras:

Tudo isto é uma tolice incomensurável. Mas perdura até hoje [1985]: as duas obras, a do início, revolucionária, denunciando a injustiça social, e a outra. Não, minha obra é uma unidade, do primeiro ao último momento. Só se pode dizer que existe, no início, uma profusão do discurso político, correspondendo ao que eu era então.

(AMADO, apud RAILLARD, 1990, p.267).

Mais à frente, o escritor reconhece novos ares, contudo:

Gabriela aparece como uma etapa clara de uma outra época em minha obra [...] ela é clara, mas não no que se refere ao abandono do discurso político. [...] O que caracteriza *Gabriela* é uma respiração mais ampla [...]. Se há um elemento novo e importante, mais importante do que tudo que caracteriza meus livros anteriores, é o humor.

(AMADO apud RAILLARD, 1990, p.267).

Como se nota, há uma convergência entre os autores citados e o próprio Amado, portanto: a leveza bem-humorada é a principal modulação na obra amadiana a partir de *Gabriela*, *Cravo e Canela*. Assim, é reconhecidamente inegável a mudança na trajetória do autor, embora, como se viu, não sob aqueles elementos redutores já descritos (político x pitoresco). Jorge Amado reconhece essa “respiração mais ampla” que “depois ficou para sempre” em sua obra (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.267).

Roche aponta: “Não adianta alegar que nada mudou em Jorge Amado”, e logo pergunta: “*Gabriela* representaria, então, o início de uma segunda fase, com menos engajamento político e mais arte?” (ROCHE, 1987, p.95). Questionamento semelhante o fez Táti, duas décadas antes de Roche e três anos após o lançamento da primeira edição de *Gabriela*: “Poder-se-á, em conclusão, falar em Jorge Amado a enveredar por um caminho novo [...]? Evolução? Recuo?” (TÁTI, 1961, p.166). Já Itazil Benício dos Santos, no livro *Jorge Amado: Retrato Incompleto*, é incisivo: “Não há dúvidas, todos, leitores, conhecedores da obra de Jorge Amado, críticos, o próprio autor, reconhecem que, a partir de *Gabriela*, nasce nova fase em sua obra.” (SANTOS, 1993, p.164).

Tais questionamentos (que na atualidade talvez já soem irrelevantes) são, na verdade, o ensejo para a pergunta com a qual todo escritor que produz um fenômeno editorial com frequência se depara – como e por que se deu tanto sucesso? No caso de Jorge Amado, sua obra ainda vende e continua a ser adaptada para outras mídias. Bosi vai associar tal estrondosa repercussão precisamente pela mudança de rumos do baiano, pelo mosaico de tipos populares a desfilar *alegres* pela Bahia: “[...] soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franqueariam um grande e nunca desmentido êxito junto ao público.” (BOSI, 1976, p.456-457).

Da mesma forma, o rompimento de Amado com o Partido Comunista teria provocado certa *liberação* no escritor. A decepção com o stalinismo teria sido realmente uma mudança no modo de ver a vida que o próprio escritor reconhece, como afirmou a Raillard: “Eu recorria ao discurso político como se pensasse que a ação fosse insuficiente para mostrar a realidade.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.267). Mais recentemente, José Castello, em seu artigo intitulado “Jorge Amado e o Brasil”, afirma que a reviravolta na trajetória de Amado resultou na “ruptura com uma visão mais ortodoxa do mundo”. Sua visão, conclui, não é mais “esquemática” ou “programática, mas viva, cheia de contradições e de incongruências – como a realidade, de fato, é.” (CASTELLO, 2011, p.16)¹².

Jorge Amado não deixa de reconhecer outro elemento que o tornou mais propenso àquela *leveza* que se encontra posteriormente em sua obra. A maturidade teria lhe trazido aquilo que quando “se é jovem, generoso, apaixonado, a gente sente impelido por um elã formidável, e quando a idade só deu uma experiência limitada, geralmente não se tem senso

¹² Este artigo se encontra em site dedicado a Jorge Amado, organizado pela editora Companhia das Letras, a qual, a partir de março de 2008, tem reeditado toda a obra do baiano. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/professores2/02.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

de humor”, e por isso: “foi somente quando cheguei perto de meus quarenta anos [...] que o humor fez sua aparição.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.267-268).

De qualquer modo, Jorge Amado se viu *best-seller* e rodeado, a cada ano, a cada publicação, pelos louros do sucesso e pela liberdade da independência financeira. O afastamento ideológico-panfletário lhe proporcionou, senão duas fases em sua produção literária, certamente dois momentos em sua vida pessoal. Seu êxito estaria na ausência, a partir do final da década de 1950, do “comunismo” em suas obras? Roche acena negativamente, ao analisar o sucesso de *Gabriela*¹³. Entretanto, sonhos puderam ser concretizados após a ruptura, nessa reviravolta na vida de Amado. A casa no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, na Bahia, onde viveu desde 1963 até seus últimos dias, foi erguida graças ao sucesso que se iniciou retumbante em 1958. Jorge Amado conta:

Esta casa, como eu sempre digo, foi o imperialismo americano que me permitiu construí-la! Era um velho sonho meu ter uma casa na Bahia. [...] Eu tinha a vontade, mas não o dinheiro. Foi então que vendi os direitos cinematográficos de *Gabriela* à Metro Goldwyn Mayer. Em 1960-61 [...]. Com os dólares no bolso, tomei a decisão imediata. Comprei todos esses terrenos, esse pedaço de colina, que estavam à venda.
(AMADO apud RAILLARD, 1990, p.19-20).

Muito diferente era sua vida em meio aos compromissos com o Partido Comunista que, na constante atividade de representante do mesmo, no frequente cumprimento de tarefas, viagens, encontros, que nunca se acabavam, impunha-se o maior de todos os sacrifícios a Amado – a impossibilidade de escrever, de viver como escritor profissional: “[...] eu não queria ser outra coisa, nada mais me interessava.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.117). Sua paixão pela escrita terminava à medida que sua militância e defesa da causa comunista o envolviam, sugando-lhe por completo:

O trabalho político me tomava cada vez mais tempo [...], desde a minha volta do exílio não pude mais escrever. No Brasil tornou-se impossível! A vida política absolutamente não me permitia. Passei alguns anos sem escrever, e sentia uma necessidade cada vez mais premente de voltar ao meu trabalho literário. Até fins de 55, quando declarei que não aceitaria mais adiar a decisão de retomar a minha atividade de escritor.
(AMADO apud RAILLARD, 1990, p.213).

¹³ Jean Roche em *Jorge Bem/Mal Amado*, aqui citado, tem como proposta analisar os elementos questionados pela crítica em relação a Jorge Amado. Os eixos da obra de Roche partem da divisão dessa crítica que ora censura ora incensa o percurso amadiano e indaga: “– Quais são as indicações e os limites de seu engajamento político? – O selo impresso pela presença do escritor Jorge Amado em sua obra não será mais constante e profundo? – Sua arte não passa de uma facilidade natural, ou evoluiu de uma maneira não-aleatória, em função de uma vontade?” (ROCHE, 1987, p.11-12).

Neste ponto, é interessante assinalar que Jorge Amado *não* se desligou, segundo suas próprias declarações, da ideologia comunista da mesma forma extrema como se afastou das atividades burocráticas – daquele “trabalho político”, em suas palavras: “Deixei de militar, de ser um militante do Partido. Mas não me demiti, nem fui excluído dele [...] Parei de trabalhar para o Partido em dezembro de [19]55, exatamente no dia de Natal...” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.263).

Na segunda metade dos anos 1950, ele participou “ainda de certas atividades do Partido” e declara que esteve em “vários congressos, uma reunião ampla, do Comitê Central [que ele comenta mais à frente]” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.263). Uma ação de Amado importante, mais para o final dessa mesma década, foi “o jornal *Paratodos* – Oscar Niemeyer, Moacir Werneck de Castro, James Amado – uma publicação quinzenal cultural, muito amplo, fizemos um grande trabalho” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.214)¹⁴. Amado declara que o jornal já representava uma “divergência de linhas” do comunismo, menos sectária e não stalinista. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.265).

O fato que provocou tal divisão dos membros do Partido na época deu-se “quando *O Estado de São Paulo* publicou um relatório sobre o Congresso e o stalinismo foi publicamente desmascarado que eles [comunistas] convocaram o Comitê Central [...] em abril ou maio de [19]56, uma das experiências mais estranhas e, de uma certa forma, mais enriquecedora da minha vida”. Como resultado, “houve divisões, e muitas dissensões intelectuais pararam de militar, um grande número abandonou definitivamente o Partido.” Ele conclui:

Então publiquei *Gabriela* – eu decidira escrever uma história de amor, insistindo em que fosse uma história de amor, mas sem abandonar o contexto social, a questão da realidade brasileira. [...] Aí, vários responsáveis do PC, alguns que até eram meus amigos, claro que sob instruções da direção, que permaneceu stalinista, [...] atacaram-me violentamente. Trataram meu livro de lixo, inclusive amigos meus.

(AMADO apud RAILLARD, 1990, p.264-265).

Se desde 1945, Jorge Amado “vivia e trabalhava”, ainda que “sem sê-lo”, como “funcionário do Partido” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.263), se ele não dispunha de “um minuto, era reunião atrás de reunião [...] tudo isso durante dez anos”, a compensação

¹⁴ Em nota de Alice Raillard sobre o jornal: “Uma coleção completa de exemplares de *Paratodos* foi entregue à Fundação Jorge Amado pelo próprio escritor. Alguns títulos apresentados; três poemas de João Cabral de Melo Neto [...] também em junho de 1957, um artigo sobre Mestre Vitalino. O pintor Augusto Rodrigues, atento à cultura popular, participou ativamente na divulgação desta obra, nos fins da década de 1950. Em junho de 1957, um artigo consagrado a Pierre Seghers, de Moacir Werneck de Castro [...]. O prefácio da edição chinesa de *Geopolítica da fome* de Josué de Castro [...]” (RAILLARD, 1990, p.259).

dessa agenda rigorosa tem seu reconhecimento (e certa dose de orgulho) na oportunidade que teve de conhecer o Brasil todo, o continente americano, assim como a Europa e outras nações do globo: “Naquele tempo, eu viajava muito [...], por causa da minha atividade política: Movimento da Paz, Movimento Comunista, movimento de intelectuais, etc.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.253). Isso se reflete, certamente, em sua obra e interage com aquele ideal (e menos ideologia) com que mais se identificou e fez permear sua trajetória: “Interesso-me somente por aquilo que toca o povo” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.270).

A afirmação converge para a consideração de Deleuze e Guattari (1977, p.27) sobre Kafka: “a literatura tem a ver é com o povo”. Certamente o *povo* é o centro nervoso, o coração palpitante, a energética com que Jorge Amado encontrou motivação para a construção de uma obra a qual acabou por representar de forma modelar (e metonímica) a Bahia como o Brasil e ele próprio como um brasileiro – ou, sobretudo, como um dos seus personagens.

Esta é a visão de Ilana Seltzer Goldstein em *O Brasil Best Seller de Jorge Amado*. Retomando, ainda, a dinâmica literária de Amado antes e depois de *Gabriela*, a autora se refere a esse câmbio de tom ao explicitar os elementos de “mestiçagem, o sincretismo religioso, a festa e a malandragem”, mais presentes após “1958, quando a utopia política parece dar lugar a uma utopia cultural alegre e mestiça que persistiu até os últimos dias – mas cujo prenúncio se encontrava já nos primeiros romances.” (GOLDSTEIN, 2000, p.22).

A unidade da obra apregoada pelo próprio autor reside, então, menos no ideal político como motor de sua escrita e mais no povo. A lógica, portanto, é a de que o interesse de Amado sempre recaiu, ainda mais especificamente, na liberdade desse povo, em sua representação miscigenada e sincrética. Tanto assim que é impressionante como o vocabulário (povo) tantas vezes surge nas declarações do autor à imprensa, como também em sua escrita de modo geral¹⁵. Outro fator que se liga a isso, o qual Amado confessa a Raillard (e que merece estudo), está em sua tese de que haveria, na verdade, um “conflito entre o povo e a classe média” que repercutiria “sobre muitos aspectos” sobre seus livros. Ou seja, a parcela da população com que Jorge Amado se identifica é claramente, como ele declarou outras vezes, os excluídos e marginalizados na estratificação social¹⁶. Na sequência, ele comenta sobre

¹⁵ Semelhante observação faz Goldstein ao analisar um manuscrito de Jorge Amado, no qual o baiano traz uma definição de *povo*, “palavra tantas vezes acionada pelo escritor: o ‘povo’ é o grupo que não se identifica nem com as ‘falsas elites’, nem com a classe média, ‘enredada de mediocridade e incapaz de pensar grande.’” (GOLDSTEIN, 2000, p.84).

¹⁶ No discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1961, Jorge Amado expressa: “Minha geração, esses romancistas dos anos [1930] chegava para a vida e para a criação novelística com o peito oprimido sob a angústia do Brasil e do homem brasileiro [...] Quanto a mim, busquei o caminho nada cômodo de compromisso com os pobres e os oprimidos [...], quis ser [...] voz de suas ânsias, dores e esperanças [...] criar sobre eles e para eles.” (SANTOS, 1993, p.76).

Quincas Berro Dágua¹⁷, que deixa sua *honrada* família para se tornar um vagabundo, entre bêbados, prostitutas, gente sem qualificação, entre o álcool, a jogatina e a malandragem:

A classe média é tudo aquilo que Quincas abandona: o cargo de pequeno funcionário, os discursos, a caneta de ouro, o chefe, as adulgações, os retratos nas paredes de salão – seu e de sua esposa –, a filha, o genro, toda aquela vida mesquinha, estreita, lastimosa e sem horizontes da pequena burguesia, com suas fachadas de moral, de religião, de dignidade, tudo só aparência, e o grotesco. E, por outro lado, a grandeza do povo. Quincas rompe com a classe média, com a sua existência de pequeno-burguês mesquinho para tornar-se um homem do povo, completamente do povo, um verdadeiro vagabundo. Aí este conflito é totalmente tangível, e colocado em perspectiva no meu trabalho. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.269).

Essa visão de *povo*, em contraste àquela de uma classe média pragmática e ambiciosa que visa ascensão, cujas ações/relações planejadas se encobrem pelo véu das aparências, que o autor deu destaque em sua obra a uma população *ralé* de botequim, de cortiços, de pescadores, circos, bordéis, roças e terreiros – “sou [...] o romancista dos vagabundos e das putas [...]” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.270) –, um modo de viver guiado por um ultrahedonismo, por assim dizer, forçado pelas condições: um povo que sempre teve pouco (ou nenhum) direito de planejar, porque seu destino se encontra na roda viva imposta pela sobrevivência imediata, do agora, já, em contraste com as instituições *duras* do Estado.

Daí que nasce aquele recorte de elementos que Goldstein se refere, a mestiçagem que se faz na pele desse povo, o sincretismo religioso que apaga os limites entre a fé do explorador e a do explorado, suas festas que todos reúnem e as pequenas contravenções dos malandros (os anti-heróis), meio de *ir* sobrevivendo naquelas relações sociais. A Bahia então surge como o espaço de representação desse conflito entre classe média e desqualificados. E ela vem pintada com cores vibrantes, tom onírico muitas vezes, e, se para alguns, esse retrato tangencia o caricatural, para outros, é como uma pintura que expressa a *pura brasiliade*, como nos quadros de Di Cavalcanti ou como na obra de um dos amigos mais próximos de Amado, o argentino naturalizado brasileiro: Carybé¹⁸.

¹⁷ *A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua*, cuja primeira publicação se deu na revista carioca *Senhor*, em 1959, e “que integrará, em 1961, [...] o livro *Os Velhos Marinheiros: Duas Histórias do Cais da Bahia*.” (TAVARES, 1980, p.41). Sobre “Quincas Berro Dágua”, Costa e Silva afirma ser “uma das mais bem-acabadas e tocantes das novelas – contos longos ou romances curtos – jamais escritas, a fazer par com *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, *A Sinfonia Pastoral*, de André Gide, *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway, e *Campo Geral*, de Guimarães Rosa.” (COSTA E SILVA, 2010, p.209).

¹⁸ Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo (1897-1976), conhecido como Di Cavalcanti foi pintor, desenhista, ilustrador e caricaturista brasileiro, retratou *Gabriela* duas vezes (uma delas na primeira edição do livro). Em *Navegação de Cabotagem*, Jorge Amado lembra que, na França, em 1985, admirou uma grande tela de Di Cavalcanti, pendurada no alto da escada no apartamento de um editor: ele e Zélia reencontraram no quadro “o Brasil, o sol e as mulatas.” (AMADO, p.287). Carybé (1911-1997), pseudônimo de Hector Julio Páride

Claro que tudo isso pode ser visto com desconfiança, mais como um projeto que intencionou colocar o nordeste e a Bahia como o rosto do Brasil, partindo de seu *povo* miscigenado¹⁹ – portugueses-índios-negros, matrizes originárias, em contraposição (e certa desqualificação) das imigrações “mais recentes” de europeus e asiáticos no sul-sudeste do país. Esse é o ponto de vista de Goldstein ao buscar o arcabouço de tal projeto de construção da identidade brasileira no trabalho de Jorge Amado. Como um grande soldado, entre outros, da premissa de que tudo que converge ao povo (fruto daquela “fábula de três raças”)²⁰, de que o valoriza, de que bebe em sua fonte, é digno de nota e honraria, o que aproxima do ideal do autor de *Casa Grande & Senzala*: “sem mistura, não há arte verdadeiramente rica, nem genuinamente nacional. Para Gilberto Freyre e para Jorge Amado a arte, a sexualidade são os territórios privilegiados para o sincretismo ‘racial’ e cultural.” (GOLDSTEIN, 2000, p.107)²¹.

Nessa perspectiva que a Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA) é a celebração desse projeto, no coração de Salvador, instalada em um casarão colonial no Pelourinho desde 1986 – mesmo ano em que Amado é homenageado por Fidel Castro, no VIII Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano. Nas palavras de Goldstein, a instituição, “concebida” por Amado e “devotada” a ele, representa o “ápice de uma trajetória menos espontânea e natural do que o leitor poderia imaginar, e que talvez seja, em breve, apontada como ‘templo’ ou ‘etapa da coroação’ pelos biógrafos santificadores [...]” (GOLDSTEIN, 2000, p.70).

De qualquer modo, a política de informação da FCJA tem alcançado grande impacto cultural quando se depara, por exemplo, com dados sobre o número de visitantes (100.000,

Bernadó, além de artista plástico foi historiador e jornalista, retratou em muitas de suas obras a Bahia e seu povo. Jorge Amado lançou em 1986 *O Capeta Carybé*, relatando as aventuras do amigo.

¹⁹ Convém lembrar o movimento oposto ao ideal de miscigenação como fator positivo, no final do século XIX, como esclarece Joana Luíza Muylaert de Araújo ao tratar do crítico Sílvio Romero: “O projeto dos intelectuais nacionais [...] implicava [...] um processo de uniformização das diferentes culturas de origem negra, indígena e mestiça [...] uma urgência de se branquear a cultura brasileira. Branquear, ocidentalizar, afirmar a hegemonia da cultura europeia, este é o processo básico da teoria romeriana da mestiçagem e, simultaneamente, o alvo, a meta final na construção da brasilidade.” (ARAÚJO, 2007, p.43-44).

²⁰ Goldstein estabelece pontos de contato, bem como diferenças, sobre o *ideal* da miscigenação na perspectiva de Gilberto Freyre e Jorge Amado. A antropóloga conclui que nessa *fábula das três raças* (portugueses, ameríndios e africanos), “duas são mais importantes” na visão dos dois: “a ‘branca’ e a ‘negra’.”. (GOLDSTEIN, 2000, p.114). Renato Ortiz, em seu livro *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, discute de que não existiria uma identidade nacional originária e autêntica. Em seu lugar, uma “pluralidade de identidades”, tecidas pelos diferentes grupos sociais em diferentes contextos históricos. Ortiz destaca que Gilberto Freyre “oferece ao brasileiro uma carteira de identidade”, por meio de uma “harmonização na unicidade da identidade nacional”: “O mito das três raças, ao se difundir na sociedade, permite aos indivíduos, das diferentes classes sociais e dos diversos grupos de cor, interpretar, dentro do padrão proposto, as relações sociais que eles próprios vivenciam.” (ORTIZ, 1985, p.42-43).

²¹ Muito embora Jorge Amado tenha declarado que o pensamento de Gilberto Freyre (também outro autor muito lido no exterior) não tivera repercussão na Bahia, Goldstein vê que os conceitos de Amado sobre nacionalidade frequentemente sugeriam as noções do autor de *Casa Grande & Senzala*: “Quando dava opiniões sobre problemas sociais, religião, arte ou novos livros, Amado recorria a argumentos muito próximos aos de Freyre [...]” (GOLDSTEIN, 2000, p.115).

em 2003), pesquisadores (120, em 2002 e 2003), eventos (65, em 2002 e 2003), doações de livros/folhetos referentes ao universo de Jorge Amado (2.693), publicações pela editora própria *Casa de Palavras* (108) e produção intelectual (492)²². A diretora da instituição Myriam Fraga, à frente da *Casa* desde o ano de abertura, faz uma reflexão sobre a memória e a necessidade de preservação da mesma:

Durante toda sua existência um homem guarda marcas que o diferencia, conferindo-lhe identidade e reconhecimento. O arquivo de Jorge Amado guarda uma história de vida, o traçado de um percurso de quase 90 anos e, pela sua extensão e magnitude, uma presença nítida na geografia política e social, não só do Brasil, mas de outras partes do mundo onde desenvolveu suas atividades de escritor em plena sintonia com seu tempo.

(FRAGA, 2002, p.7)

As palavras da diretora sintetizam a trajetória de Amado em pinceladas gerais: longo percurso, magnitude (de produção), geografia política e social, sintonia com o tempo. São reveladoras também, porque cada pincelada guarda uma teia imensa de relações que passam pelas ideologias que marcaram nada menos do que o século XX.

Segundo Goldstein, o volume de manuscritos do autor (sem contar outros materiais) é “rico” (e ainda pouco estudado). Em sua análise, essa riqueza é conferida “tanto pela variedade de assuntos abordados como pela abrangência cronológica.” (GOLDSTEIN, 2000, p.71). A antropóloga destaca que os *manuscritos* (na verdade, datilografados e com correções a mão) têm a vantagem de incluírem “textos conhecidos” como também “escritos que dificilmente seriam encontrados de outra maneira.”. Ela conclui: “É interessante ter acesso a textos tão variados, para perceber recorrências e contradições no discurso de Jorge Amado.” (GOLDSTEIN, 2000, p.71). O próprio escritor em suas memórias de *Navegação de Cabotagem* confessa: “Em tão longa e difícil travessia quem não se fere e não se suja?” (AMADO, 1992, p.633).

Portanto, um percurso tão longo, uma obra tão extensa – Amado praticamente escreveu a vida toda, sobre temas diversos, desde muito cedo – invariavelmente leva um escritor a deixar aquelas “marcas” que Fraga lembra em seu texto. Se a Fundação Casa de Jorge Amado reflete a conquista de um projeto que se esforçou em notabilizar a identidade nacional como alegre, festeira e guerreira (sangue negro), cordial (presença portuguesa) e de colorido tropical (índios, fauna e flora): espaço melhor que represente essa idealização, essa

²² Dados do estudo (referência: maio de 2004) conduzido por Erenilda Custódio dos Santos Amaral e Suzana Ramos Ferreira, ambas pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia-BA. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000544/01/Preserva%C3%A7%C3%A3o_da_mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2011.

fábula, vem a ser a Bahia, caldeirão de detalhes e particularidades culturais, o mosaico de cores primárias da América do Sul, o ideal de que todo brasileiro (e toda humanidade, por que não?) lá encontra sua origem. Nas palavras de Jorge Amado sobre a instituição e que abre, inclusive, o *site* da Fundação:

[...] o que desejo é que nesta Casa o sentido da vida da Bahia esteja presente e que isto seja o sentimento de sua existência. Que ao lado da pesquisa e do estudo, seja um local de encontro, entre Bahia e outros lugares [...]. (AMADO apud AMARAL; FEREIRA, 2005, p.2).

Zélia Gattai, esposa e fotógrafa oficial de Jorge Amado, comenta em seu livro *A Casa do Rio Vermelho* sobre o cobiçado²³ acervo do marido, disputado, inclusive, por instituições estrangeiras, como a Universidade de Boston, que enviou uma carta ao marido lhe pedindo “que recebesse uma comissão de professores que voaria para a Bahia, especialmente para conversar com ele sobre um pedido de doação de seu acervo para a universidade americana.” Daí a ideia de construir outra *casa* para abrigar todo esse material começou a ser amadurecida. Zélia Gattai, na sequência que merece ser citada aqui, faz questão de assinalar que o acervo do marido ia aumentando a cada dia, na residência que ficou conhecida, como já mencionado, a “Casa do Rio Vermelho”, construída na rua Alagoinhas, número 33, bairro de mesmo nome, em Salvador:

[...] composto de centenas de traduções de livros seus [Jorge Amado] para cinquenta tantas línguas, em várias edições, artigos do autor e sobre o autor, recortes de jornais e revistas, teses de doutorado sobre sua obra, vindas de várias partes do mundo; centenas de fotografias e negativos, filmes, retratos e caricaturas do escritor, retratos de personagens dos romances vistos por artistas renomados como [...] Gabriela, vista por Di Cavalcanti [...]. (GATTAI, 1999, p.274).

Zélia Gattai, nascida em 1916 e falecida em 2008, é um *capítulo* próprio quando se pretende mergulhar no universo amadiano. Grande companheira desde 1945, sua trajetória se enlaça aos ideais do marido, tendo ela, igualmente, histórico – inclusive familiar – de militância política. Autora do sucesso editorial *Anarquistas, Graças a Deus* (1979), lançado quando a memorialista (como preferia ser denominada) contava com mais de sessenta anos de idade, Zélia tem seu acervo também conservado na Fundação Casa de Jorge Amado. Como

²³ Depois da resposta negativa à Universidade de Boston, Zélia Gattai conta que a Universidade de São Paulo pleiteou os arquivos de Amado. Embora o marido tenha acenado positivamente para a proposta – pelo menos seu acervo ficaria no Brasil – Zélia confessa: “Me alarmei. Embora paulista, não achei justo que um material tão rico, inspirado pela Bahia, fosse embora daqui [...]” (GATTAI, 1999, p.275). A ideia de um centro cultural nasceu então do volume de material na residência e do interesse por ele.

lembra Goldstein, a memorialista Zélia Gattai, além de outros livros, “escreveu sobre períodos da vida do casal”, como na obra *Um Chapéu para Viagem* [1982], no qual “conta como ela e Jorge se conheceram; *Jardim de Inverno* [1988] relata o exílio na [então] Tchecoslováquia, e *Reportagem Incompleta* [1987] traz fotos do marido feitas pela própria Zélia.” (GOLDSTEIN, 2000, p.21).

No livro aqui mencionado, *A Casa do Rio Vermelho*, Zélia Gattai, além de relatar detalhadamente os paços iniciais da criação da “Casa de Jorge Amado” (um *presente* a ela, pois inaugurada no dia de seu aniversário, 2 de julho de 1986) monta um grande painel de sua vida familiar no lar onde viveu com Amado desde 1963. Um espaço onde adentraram muitos artistas e intelectuais, sem mencionar mães-de-santo, políticos e tantos anônimos oriundos daquele *povo* com que o escritor se identificava.

Em seu aniversário de oitenta anos, Amado recebeu uma grande festa em sua homenagem, organizada pela FCJA. Zélia rememora a celebração, também a coroação do escritor, do baiando que se tornou um marcante personagem brasileiro:

[...] a festa dos oitenta anos de Jorge, na Bahia, foi das mais belas e emocionantes que eu já vi. Aniversário de número redondo que nos trouxe amigos do Brasil inteiro e do mundo todo [...] veio a família de Caymmi e cantou para o velho amigo, no palco armado no Largo do Pelourinho. E nesse palco, quantos mais cantaram? Maria Bethânia [sic], Gal Costa, Caetano Veloso [...], e tantos e tantos outros que, com o povo da Bahia lotando a grande praça [...], entoaram numa só voz o “Parabéns pra você...”. (GATTAI, 1999, p.299).

O aniversariante Amado declarou ao jornal *O Estado de S. Paulo* a não surpresa diante do *show* impulsionado pelo povo, naquele cenário que por décadas retratara em suas obras: “Só na Bahia poderia se ver tanta gente festejando um homem que não é político, fazendeiro rico, cardeal ou general.”²⁴ O que vai ao encontro da constatação de Tavares ao ter em mira a Salvador mítica de Jorge Amado: “[...] é no cenário da velha cidade da Bahia, cheia de cores, tradições e mistérios mas também de chã cordialidade e alegria, que o romancista encontra a sua plenitude.” (TAVARES, 1980, p.185).

Zélia Gattai, após a referida lembrança da festa, reconhece o trabalho da “Casa” que se ergue azul, com janelas brancas, no centro histórico de Salvador, cujo símbolo é um exu (que já vinha aparecendo em edições de Amado), desenhado por Carybé: “[...] a Fundação Casa de Jorge Amado vai de vento em popa. Já festejou seu décimo aniversário e, sempre sob

²⁴ Declaração de Amado a *O Estado de S. Paulo* sobre a homenagem aos seus oitenta anos. 11/8/1992. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/literatura/jorge_amado_frases.shtml> Acesso em: 24 mar. 2011.

orientação de Myriam Fraga, Cláudius Portugal e também de Germano Tabacof, ela cumpre seu objetivo, segue o seu destino.” Logo, Zélia festeja: “Centro de cultura no coração da Bahia, num Pelourinho restaurado, lindo, alegre, onde o povo canta e dança nas praças e ladeiras, a Fundação Jorge Amado edita livros, publica revista, promove exposições, orienta estudiosos.” (GATTAI, 1999, p.299)²⁵.

A dedicatória que a paulista Zélia Gattai faz em seu livro *A Casa do Rio Vermelho* diz muito sobre o projeto amadiano: “Para Jorge, que me ensinou a amar a Bahia.” (GATTAI, 1999, p.5). Com o baiano, Zélia travou amizade com vários artistas, pensadores, homens e mulheres que marcaram seu nome no breve século XX. Conheceu Pablo Neruda, Sartre, Simone de Beauvoir, Picasso, assim como Graciliano Ramos²⁶, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, José Saramago, entre tantos outros. Foi ela testemunha também do sucesso a cada lançamento do marido, a cada tradução que chega a quase cinquenta idiomas, viu o companheiro receber inúmeros prêmios, como o Camões, em 1994, convites e homenagens sem fim, suas obras serem adaptadas para outras mídias com extremo êxito popular, acompanhou o “baiano romântico e sensual” (como ele mesmo se autodefiniu em 1958 e título de um livro de Zélia)²⁷ na revisão de seus escritos, em suas andanças pelo mundo e pelas ruas da Bahia. O casal apenas oficializaria sua união em 1978, quando já avós.

Em *Navegação de Cabotagem*, Jorge Amado declara, nas últimas páginas do denso volume de memórias, seu sentimento a Zélia, mãe de seus dois filhos (João Jorge, nascido em 1947, e Paloma, nascida no ano de 1951):

Dá-me tua mão de conivência, vamos viver o tempo que nos resta, tão curta a vida!, na medida de nosso desejo, no ritmo de nosso gosto simples, longe das galas, em liberdade e alegria, não somos pavões de opulência nem gênios de ocasião, feitos nas coxas das apologias, somos apenas tu e eu. Sento-me contigo no banco de azulejos à sombra da mangueira, esperando a noite chegar para cobrir de estrelas seus cabelos, Zélia de Euá envolta em

²⁵ A revista era intitulada *Exu*. Segundo o site da FCJA, foi criada “para ser porta-voz da Fundação Casa de Jorge Amado”, alcançando enorme sucesso, “chegando a uma tiragem de cinco mil exemplares [...]. A Revista Exu teve 36 edições, sendo publicada pela última vez em setembro de 1997.”. O site não informa os motivos por que a revista parou de ser publicada, já que o mesmo menciona o destaque que obteve “em opiniões e críticas não só no Brasil, mas em diversos locais onde passou a ser veiculada.”. Disponível em: <http://www.jorgeamado.dreamhosters.com/?page_id=200>. Acesso em: 24 mar. 2011.

²⁶ Jorge Amado estabeleceu amizade próxima com Graciliano Ramos (1892-1953). Em *Navegação de Cabotagem*, diz: “[...] acompanhei dia a dia, com admiração e amizade, a vida de Graciliano Ramos e sua criação literária, poucas lhe compararam. Cheguei de Santiago do Chile às vésperas de sua morte, escalado para falar à beira do túmulo, não consegui passar das primeiras palavras. (AMADO, 1992, p.27).

²⁷ Zélia Gattai, junto com os filhos João Jorge e Paloma, publicou *Jorge Amado, Um Baiano Romântico e Sensual: Três Relatos de Amor*, em 2002. Em seu texto, a autora analisa o escritor Amado: “Seus painéis sempre foram mais eróticos e coloridos que os de outros autores realistas brasileiros. [...] O que suas histórias quase sempre realçam é a sensualidade dos trópicos.” Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/professores/professores01.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

lua: dá-me tua mão, sorri meu sorriso, me rejubilo no meu beijo, laurel e recompensa. Aqui, neste recanto do jardim, quero repousar em paz quando chegar a hora, eis meu testamento. (AMADO, 1992, p.637).

Jorge Amado faleceu no dia 6 de agosto de 2001. Quatro dias depois, quando completaria oitenta e nove anos, uma urna com suas cinzas foi enterrada ao pé daquela mangueira referida na declaração acima, na “Casa do Rio Vermelho”. Zélia Gattai, em maio de 2008, teve suas cinzas misturadas às de Amado, no recanto do mesmo jardim.

Neste ponto que um retrospecto, um tanto pelo avesso, faz-se aqui necessário. Descortinam-se as décadas de um Jorge Amado militante político, nascido do menino crescido entre conflitos, tensões de um tempo e um espaço, uma era em que homens desbravaram matas no sul da Bahia vertendo-as em *terrás*, grandes áreas produtoras de cacau. Fruto cor de ouro esse de onde se jorrou a essência dos finos chocolates que adoçariam as vidas de cidadãos da Europa e de outros rincões do globo.

É preciso então voltar a Paris, 1949. Aos trinta e sete anos, um baiano comunista conta: “De ministério em ministério, de repartição em repartição, acompanho Pablo Picasso pelas ruas [...], no esforço para resolver o problema da estada de Pablo Neruda na França.” (AMADO, 1992, p.159). Jorge Amado, não menos lírico ao longo do seu texto, assim inicia o testemunho daquele ano que encerrava a década de quarenta do século XX. Ele então segue narrando e afirma que os dois trotavam de “dieu em deu” e

[...] o dia é especial para o pintor. Françoise, sua mulher, fora para o hospital com dores de parto. Ele desejava menina, se chamaria Paloma: a paloma [pomba, em espanhol] da paz, desenho de Picasso, cobre os muros da cidade na propaganda do I Congresso Mundial dos Partidários da Paz que vai se iniciar no dia seguinte [...] (AMADO, 1992, p.159-160).

Neruda, por sua vez, desembarcara em Paris duas semanas antes, com passaporte falso e de bigodes, “fugitivo do Chile onde havia sido expulso do Senado”. Picasso²⁸, mesmo com a esposa prestes a dar à luz, prossegue obstinado de “autoridade a autoridade”, em busca de solução. Amado se oferece a resolver os detalhes finais, logo após Picasso telefonar ao hospital e saber que “nascera a menina Paloma”: “Vai ver tua filha e tua mulher, propus, Picasso recusou: só quando terminar.”. O problema de Neruda, por fim, encontrou um

²⁸ Eduardo de Assis Duarte lembra a definição de artistas e intelectuais engajados no sonho socialista como *compagnons de route*, os “companheiros de viagem” da revolução, cujo alimento para suas obras era o “impulso de esperança e utopia”: “De Picasso a Malraux, de Brecht a Maiakovski, boa parte da produção artística da época deixa-se marcar por um inconfundível ardor participante e impregna-se da atmosfera de radicalismo político então vigente.” (DUARTE, 1996, p.18).

desfecho satisfatório: “Pablo deixaria a França de carro, a polícia da fronteira estaria avisada para não criar problema, voltaria assim que tivesse passaporte em ordem.”. A esposa de Neruda na época, Delia del Carril²⁹, o aguardava na Suíça. O casal é trazido para a França sem problemas, Neruda, agora sem bigodes e com passaporte legal, tem seu nome verdadeiro ali registrado: Naftáli Ricardo Reyes. Jorge Amado reafirma que “Picasso cuidou do caso atévê-lo completamente resolvido”, e quanto a ele, “me encarreguei da viagem, designei guardacostas, dois jovens comunas brasileiros no gozo de bolsas de estudos em Paris.” (AMADO, 1992, p.160). Por fim, o escritor baiano conclui:

De volta ao hotel contei a Zélia as andanças do dia, os telefonemas de Picasso para o hospital, o nascimento de Paloma. – Se um dia tivermos uma filha ela se chamará Paloma. – Decide Zélia, arrebatada. O caso se deu em 1949, nossa Paloma nasceu em 1951. Até parece de propósito, a sementinha foi posta em Varsóvia durante o II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, a paloma nos muros da cidade, inspiradora.

(AMADO, 1992, p.160-161).

O episódio com desfecho feliz contado em *Navegação de Cabotagem* descortina, em tom leve, claro e poético, o Jorge Amado profundamente engajado ao ideal comunista. Dez anos mais tarde, como aqui já mencionado, o escritor viria a se afastar do PC, e sua utopia encontraria ares mais quentes que o da Europa pós-guerra.

Voluntariamente exilado em Paris desde 1948, após sofrer perseguição política – um ano antes seu mandato de deputado federal havia sido cassado, pouco depois de o PCB ser posto na ilegalidade³⁰ –, Amado viveu anos no deslocamento entre países, no sonho, juntamente com tantos outros artistas e intelectuais, de que o comunismo pudesse curar as mazelas de nações cujo povo se via no atraso de relações sociais opressoras. A União Soviética, ainda mais forte após a vitória sobre o nazifascismo, era o modelo de civilização para o grupo do qual o baiano fazia parte. Igualitária, pacífica, desenvolvida e fomentadora das artes, a URSS *brilhava*. Em 1985, Amado confessa: “para mim o regime soviético, aquele

²⁹ Delia del Carril nasceu na Argentina em 1884 e faleceu em 1989, aos 104 anos, em Santiago do Chile. Conheceu Pablo Neruda (1904-1973) nos anos 1930. Apesar da diferença de idade – na época, com cinquenta anos e ele, trinta – mantiveram-se juntos por vinte anos. Apelidada de *Hormiga* pelo pintor chileno Isaías Cabezón (1891-1963), em razão de seu incansável esforço de ajudar intelectuais em dificuldades, a artista foi uma comunista cuja militância se fez, em boa parte, ao lado de Neruda. Disponível em: <<http://www.mac.uchile.cl/virtual/d2/index.html>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

³⁰ De acordo com a página na *internet* do PCB: “[...] este movimento de afirmação política [período de legalidade do PCB, entre 1945 e 1947] é brutalmente interrompido pela Guerra Fria: entre 1947 e 1948, o Partido é posto na ilegalidade e perseguido pelo Governo Dutra. Compelido à clandestinidade, o PCB responde à truculência do governo do Marechal Dutra com uma política estreita e sectária (expressa nos Manifestos de 1948 e 1950), o que conduz os comunistas a um profundo isolamento [...].” Disponível em: <<http://wwwpcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

das democracias populares, era absolutamente sem nódoas, tinha apenas virtudes [...]” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.139).

Antes de partir para o exílio na França, em 28 de janeiro de 1948, Jorge Amado deixou com o cineasta Rui Santos o argumento do filme *Estrela da Manhã*, rodado na cidade de Paraty, com direção de Jonald de Oliveira e música de Dorival Caymmi, que também atuou na obra. *Estrela da Manhã* foi o primeiro filme brasileiro a ganhar um prêmio internacional³¹ – o do Festival de Karlow-Vary, não menos do que na Tchecoslováquia, sob a esfera comunista da então União Soviética. País aquele, aliás, onde saíram traduções de *Mar Morto* e *Terras do Sem-Fim*, obras de Amado publicadas no Brasil, respectivamente, em 1936 e 1943.

Foi também para a então Tchecoslováquia que Jorge Amado se mudou com a esposa e o filho João Jorge (nascido em 1947, no Rio de Janeiro), após expulsão da França em 1950, em razão de sua militância política. Vale lembrar que Zélia havia ficado no Brasil com o filho, quando Amado foi para a França. Em fevereiro de 1948, um mês após a partida do marido, ela assistiu a agentes do DOPS³² invadirem sua residência em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro. Os oficiais “apreendem ou inutilizam livros, arquivos e fotografias na presença dela, com o filho de apenas dois meses.” (TAVARES, 1980, p.37). É quando então decide embarcar para Paris com o bebê, onde a família fixa residência no Hotel Saint-Michel, no Quartier Latin, em frente à Sorbonne.

Todo esse movimento tem seu contraponto no conforto de uma estrutura ideológica que abarca figuras ilustres, como se pode notar. Foi nesta época que o casal estabeleceu relações com vários escritores e artistas, como enumera Paulo Tavares, alguns aqui já mencionados: “Jean-Paul-Sartre, Aragon, Roger Vailland, Paul Eluard, Georges Sadoul, Pablo Picasso, Léger.” (TAVARES, 1980, p.37). Tavares cita as traduções de Amado que se sucederam na Europa: “em francês, *São Jorge dos Ilhéus* [publicado no Brasil, em 1944]; em polonês, *Terras do Sem-Fim*, *Suor* [publicado no Brasil, em 1934] e *Cacau* [publicado no Brasil, em 1933] e em Moscou, *São Jorge dos Ilhéus*.” (TAVARES, 1980, p.37).

Nessa perspectiva que Duarte aponta que nessa época o autor foi

[...] acolhido pela intelectualidade de esquerda com honras de escritor e político perseguido em seu país [...] participa, junto com Picasso, Neruda, Lukács e tantos outros, dos Congressos e movimentos internacionais alinhados à política externa da URSS e ocupa espaços na imprensa de esquerda, sobretudo na França. (DUARTE, 1996, p.219).

³¹ Paraty Guia. Disponível em: <<http://www.paratyvirtual.com.br/cinema.asp>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

³² Departamento de Ordem Política e Social – criado em 1924, foi o órgão do governo brasileiro, utilizado, sobretudo, durante o Estado Novo e, mais tarde, na ditadura de 1964.

Ainda no ano agitado de 1948, em agosto, Jorge Amado se torna vice-presidente do Congresso Mundial de Escritores e Artistas pela Paz, em Wroclav, Polônia. Quatro meses depois, segue para a União Soviética, depois de ter viajado pela Itália, Tchecoslováquia, Alemanha, Bélgica e Suíça, conforme atesta cronologia de Tavares. O ano de 1949 continua com as viagens pela Europa, especialmente pelos países do leste, participando das atividades ligadas ao partido, como no movimento mundial pró-libertação de Pablo Neruda, em outubro. É nesse vaivém que segue travando conhecimento com personalidades do mundo todo.

No dia 19 de dezembro deste mesmo ano, falece de mal súbito, no Rio de Janeiro, sua filha do primeiro casamento, Lila, com apenas quatorze anos de idade. Jorge Amado havia se casado com Matilde Garcia Rosa em 1933, aos vinte e um anos. Separou-se onze anos depois, em 1944. Talvez porque neste período tenha iniciado seus constantes deslocamentos como resultado de sua militância política, é quase nula a informação sobre esse casamento. Tais deslocamentos nesses anos incluem prisões (em 1936, no Rio de Janeiro, “decorrente da repressão antidemocrática sob pretexto do levante ocorrido em Natal, no mês de novembro de 1935”³³, em 1937, em Manaus, e em 1942, em Porto Alegre) e exílio na Argentina e no Uruguai (de 1941 a 1942), combinados com as atividades como escritor e com os estudos no curso de Direito na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro (concluído em 1935, mas, que segundo Tavares, Amado “negligencia em receber o diploma”). Em julho de 1945, um ano após a separação da primeira esposa, une-se com Zélia Gattai na capital paulista, já leitora dos livros dele – os dois se conheceram no início do mesmo ano, em janeiro, no Congresso Nacional dos Escritores, que se realizava no Teatro Municipal de São Paulo³⁴.

Foi nesse congresso que Jorge Amado presidiu a delegação baiana de escritores. Nele, é eleito vice-presidente do “conclave que resulta numa manifestação democrática contra a ditadura estado-novista.” (TAVARES, 1980, p.35). Na companhia de Caio Prado Júnior e Oswald de Andrade, é então preso pela quarta vez pela polícia política do governo. Todos são

³³ O levante ocorrido com a tomada pelos comunistas de quartéis no Rio Grande do Norte, Pernambuco e Rio de Janeiro foi promovido pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), cujo “núcleo dinâmico” era o PCB. A ANL – posta na ilegalidade pelo governo – surgiu como um movimento antifascista que, juntamente “com socialistas e antigos ‘tenentes’ insatisfeitos com a aproximação entre Vargas e os grupos oligárquicos afastados do poder em 1930”, articula a insurreição de 1935, logo derrotada pelo governo, o qual passará a ações repressivas sobre o campo democrático e sobre o PC. Disponível em: <<http://wwwpcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

³⁴ Em *Navegação de Cabotagem*, Jorge Amado comenta: “O Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, convocado pela recém-formada Associação Brasileira de Escritores (ABDE), reunido no Teatro Municipal de São Paulo, ultrapassou de muito os limites de festivo convescote literário para ganhar foros de acontecimento histórico, marco na luta contra a ditadura do Estado Novo ainda no poder, mas já abalada nos seus fundamentos pelas derrotas militantes de Hitler.” (AMADO, 1992, p.19).

libertados pouco depois. Amado então fixa residência em São Paulo, onde colabora no jornal *Folha da Manhã* e trabalha “também em traduções para a Editora Brasiliense, de São Paulo” (TAVARES, 1980, p.35).

Um mês antes do casamento com Zélia, Amado faz o lançamento da edição brasileira de *O Cavaleiro da Esperança*, biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes³⁵, escrita no Uruguai e na Argentina, publicada em Buenos Aires em 1942, sob o título *A Vida de Luís Carlos Prestes*. Na análise de Costa e Silva, trata-se de uma “obra política, portanto, de quem queria escrever romances politicamente partidários” (COSTA E SILVA, 2010, p.10). O ano que finda a Segunda Guerra e o Estado Novo, 1945, é também o ano que sela o início da amizade entre o poderoso editor norte-americano Alfred A. Knopf e Jorge Amado. Ainda na cronologia de Costa e Silva, há a menção de que Knopf viria a projetá-lo no mundo todo³⁶.

De fato, há estudos que apontam a relação entre as traduções de Jorge Amado a partir da editora de Nova York, Alfred A. Knopf Publishers, e o êxito editorial do baiano no exterior. O estudo de Marly D’Amaro Blasques Tooge, *Traduzindo o Brazil: O País Mestiço de Jorge Amado*, investiga tais relações. A autora lembra que o primeiro livro de Amado a ser publicado em língua inglesa foi *Terras do Sem-Fim*, em 1945, “por meio de patrocínio do Departamento de Estado Americano, que mantinha um programa e intercâmbio cultural como parte da ‘Política de Boa Vizinhança’ do presidente Roosevelt.” (TOOGE, 2009, p.7). Conhecer o outro por meio da literatura “trazida” era visto como um caminho eficaz, segundo Tooge. “Criou-se, a partir daí, um padrão de comportamento que perdurou por décadas”. Autores como Érico Veríssimo, Gilberto Freyre e outros “foram importantes nesse cenário”. A pesquisadora então destaca o vínculo entre Amado, Knopf e Freyre, isso porque o editor

[...] foi um dos maiores responsáveis pela divulgação da obra de Amado junto ao “grande público” norte-americano, e Freyre – amigo e “compadre” de Knopf – foi um escritor cuja obra influenciou sobremaneira muitos intelectuais de sua geração e cujas ideias aparecem refletidas na obra de Jorge Amado. (TOOGE, 2009, p.15).

³⁵ O poder de Luís Carlos Prestes (1898-1990) é expresso por Jorge Amado em *Navegação de Cabotagem*: “Fui despachado da Bahia para São Paulo pelo pecê com a tarefa de colaborar na organização do clube, tentar impor-lhe a linha política dos comunistas. A chamada *linha justa* daqueles que estavam de acordo com a direção partidária saída da Conferência da Mantiqueira [conferência de reorganização do PCB, na ilegalidade durante anos do Estado Novo, realizada em 1943, em Minas Gerais], pois muitos dela discordavam e só vieram acolher-se ao redil quando receberam ordem expressas de Prestes, ainda preso mas já mandando e desmandando.” (AMADO, 1992, p.19).

³⁶ É importante mencionar que Jorge Amado e seus livros foram proibidos de *entrar* nos Estados Unidos durante o período do *macarthismo* – referência ao senador Joseph Raymond McCarthy (1908-1957), cujas ações datam do fim da década de 1940 até meados da década de 1950, época em que o comunismo foi visto com grande temor e artistas e intelectuais (como Charlie Chaplin) sofreram perseguições (COSTA E SILVA, 2010, p.437).

Jorge Amado conta a Alice Raillard sobre como *Terras do Sem-Fim* chegou às mãos de Knopf: “um escritor brasileiro que vivia então nos Estados Unidos, Afrânio Coutinho, recomendou meu livro a Knopf, informando-o sobre a leitura etc., e Knopf me propôs editar o livro” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.205-206). Amado reconhece: “as edições Knopf foram muito importantes para mim, divulgaram muito os meus livros”. A amizade dos dois também vem à tona nas lembranças do escritor:

Alfred Knopf foi um grande amigo, era uma pessoa extraordinária. Primeiramente, conheci Blanche, sua mulher, em 45, ela era a presidente da empresa [...] Só vim a conhecer Knopf alguns anos mais tarde [...] Ele veio quatro vezes à Bahia [...] tinha uma verdadeira adoração pelo Brasil. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.205-206).

Embora o próprio Amado mencione que a primeira edição de *Terras do Sem-Fim* nos Estados Unidos não tenha ido “muito longe” e apenas “mais tarde, em 1960 e pouco, depois do sucesso de *Gabriela*, é que *Terras* foi reeditado; hoje [1985] tem até uma edição de bolso [...]” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.206), parece não haver dúvidas de que a rede de amizades que o baiano foi tecendo ao longo de sua vida, imbricada à militância política e aos seus ideais regionais concernentes à sua obra literária, foi determinante para que sua carreira viesse a encontrar grandioso êxito, quando finalmente incorporou aqueles elementos discutidos antes: o humor, a leveza, etc. Um pouco mais à frente em sua entrevista à Raillard, Jorge Amado, ao se referir a Knopf, não deixa de expressar: “Tive muita sorte na vida, porque conheci, tive por amigos, às vezes muito íntimos, alguns dos grandes homens de nosso tempo, daqueles que marcaram a nossa época.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.207).

Em 2 de dezembro de 1945, Jorge Amado é eleito deputado federal pelo estado de São Paulo. Exercendo intensa atividade na Câmara Federal em 1946, teve entre seus projetos de lei o que instituiu a liberdade de culto religioso (ainda em vigor), acabando com décadas de perseguição e violência a religiões marginalizadas, sobretudo aquelas ligadas à cultura africana, num país cuja fé oficial era o catolicismo:

[...] era uma repressão das mais violentas a toda hora a polícia invadia os terreiros de candomblé, quebrava tudo, batia em todo mundo [...] A perseguição religiosa era imensa: era uma forma de repressão contra toda a matriz negra da nossa cultura, contra todas as expressões da cultura negra. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.37).

A atividade de Amado no Congresso continua em 1947. Em março, o escritor é “agraciado com medalha oficial comemorativa do Centenário de Castro Alves.” (TAVARES,

1980, p.36). Isso se deu, principalmente, porque seis anos antes Amado havia publicado a biografia *ABC de Castro Alves*. No mesmo mês de março de 1947, é lançada pela Editora do Povo “a peça *O Amor de Castro Alves*, cujo título posteriormente foi mudado para *O Amor do Soldado*”. Jorge Amado a escrevera em 1944, “a pedido da atriz Bibi Ferreira, que contudo não a leva à cena por se ter dissolvido a companhia teatral.” (TAVARES, 1980, p.35).

Amado se contradiz, de certo modo, ao comentar sobre a escrita de roteiros televisivos e de textos teatrais: “[...] mais de uma vez propuseram-me, pediram-me que escrevesse diretamente para a televisão. Sempre recusei porque acho que não sei fazer isto, da mesma forma que não sei escrever uma peça de teatro. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.281). *O Amor do Soldado* foi sua única investida em dramaturgia.

Em 1948, no dia 8 de janeiro, o PCB mais uma vez é posto na ilegalidade. Com o cancelamento do registro do partido, a Câmara Federal cassa o mandato de Jorge Amado, juntamente com os demais parlamentares comunistas (COSTA E SILVA, 2010, p.11). É então que o baiano, no dia 28 daquele mês, decide viajar para a Europa, em exílio voluntário. Zélia chegaria com o filho, um mês depois, após aquela invasão de sua residência por agentes do Departamento de Ordem Política e Social.

No período de intensa militância, entre viagens, palestras e congressos, Amado recebe em Moscou o prêmio Stálin em 1951, pelo conjunto de sua obra. Em maio de 52, retorna com a família para o Rio de Janeiro “e, em 1954, publica a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade* (formada pelos romances *Os Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite* e *A Luz no Túnel*), tendo por eixo a atuação dos comunistas na clandestinidade.” (COSTA E SILVA, 2010, p.11). Duarte comenta que na trilogia “ocorre uma flagrante exacerbação do propósito de fazer a narrativa um meio de intervenção política.” (DUARTE, 1996, p.219). O ensaísta ainda menciona que o prêmio Stálin foi concedido a Amado também “por seu trabalho em favor da consolidação da paz” e que, no mesmo ano desse agraciamento, houve

[...] a publicação [...] do livro *O Mundo da Paz* – narrativa de viagem e de propaganda dos países do bloco stalinista. Nesse texto, Amado celebra o realismo socialista como novo método literário e destaca alguns princípios gerais, de certa maneira subjacentes a quase toda a sua produção anterior [...] (DUARTE, 1996, p.219).

Tal método, continua o autor de *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia*, tem sua concepção baseada na “função social e política” da obra, na qual o escritor tem como dever “mostrar o caminho”, “marchar à frente do povo, captando a realidade em seu desenvolvimento revolucionário e guiando seu texto pelas perspectivas otimistas.”. Isso

justifica a empolgação do baiano, como segue a análise de Duarte, no que tange aos “trabalhos do pós-guerra realizados no Leste Europeu e com a participação coletiva no desenvolvimento industrial da URSS”, refletindo “a postura eufórica de [Os] *Subterrâneos da Liberdade* com relação ao comunismo.” (DUARTE, 1996, p.219-220).

Interessante notar a observação de Costa e Silva ao registrar a publicação de *Os Subterrâneos da Liberdade* por Jorge Amado, de volta ao Brasil. Como que ironicamente, aquela euforia comunista muito em breve se dissolveria:

Sem talvez o pressentir, Jorge Amado despedia-se com esses romances do realismo socialista. As experiências europeias dos últimos anos tinham começado a esgarçar-lhe a fé. As revelações por Khruchov dos crimes de Stálin, no XX Congresso do Partido Comunista da URSS, em fevereiro de 1956, completaria a desilusão. Jorge Amado desliga-se do PCB. (COSTA E SILVA, 2010, p.11).³⁷

Em um século em que a humanidade se multiplicou pelo planeta, que a ciência levou uma raça a inimagináveis perspectivas e a violência das relações mostrou-se crua e nítida em filmes e fotografias, não é de se estranhar o esfacelamento de ideologias que arrastaram consigo um sem número de militantes e simpatizantes. Se tempos mais calmos e soltos encontraria Jorge Amado no final da década de 1950 – sobretudo em 1958, aos braços de *Gabriela* –, desde muito cedo o menino *grapiúna*³⁸ já experienciava de perto o choque da violência na zona cacauíra da Bahia.

A cronologia biográfica de Amado publicada por Tavares traz que, em setembro de 1913, Jorge escapa “ilesa de um atentado contra o pai, com quem se encontrava à varanda da fazenda Auricídia.”. Mesmo “ferido a tiro no peito”, João Amado de Faria “consegue refugiar-se com a criança dentro de casa.” (TAVARES, 1980, p.25). Em depoimento a Raillard, Jorge Amado afirma:

³⁷ Nikita Sergueiévitch Khruchov (ou Khrushcov) (1894-1971) foi um dos braços-direitos de Stálin e secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCURS) entre 1953 e 1964 e líder político do mundo comunista. Em 1956, Khruchov chocou o mundo ao apresentar o relatório secreto – logo supostamente vazado – intitulado *Sobre o Culto da Personalidade e As suas Consequências*, no XX Congresso do PCURS, no qual “revelava” os crimes de Stálin e todo período sombrio de seu governo. Sobre o episódio que mudaria os rumos do mundo comunista, veja-se o texto (de caráter revisionista) “Khruchov e a Desagregação da URSS”, de Mikhail Kilev. Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/Khruchoveadesagregacaodaurss.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

³⁸ Em 1982, Jorge Amado publicou *O Menino Grapiúna*, livro de memória narrado com lirismo, centrado em sua infância. Vale mencionar que “grapiúna” se diz dos habitantes do litoral, designação dada pelos sertanejos. Nele, Amado também reflete o presente: “Não serão as ideologias por acaso a desgraça do nosso tempo? [...] Sonho com uma revolução sem ideologia [...].” (AMADO, 1982, p.107-108).

[...] meu pai era muito corajoso, participou de todas essas lutas. Ele foi ferido três vezes: na primeira eu estava com ele, e tinha um ano de idade. Foi o ferimento mais grave. Depois foi ferido no ombro, numa fuzilaria, e numa outra vez um indivíduo atirou nele em uma emboscada em Ilhéus [...]. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.187).

As referidas lutas têm sua justificativa esquadinhada no livro *Tensões do Tempo – A Saga do Cacau na Ficção de Jorge Amado*, de Antonio Pereira Sousa. Na obra, lê-se que Amado “nasceu numa roça de cacau, bem no meio de intrigas que resultaram no desbravamento das terras do sul da Bahia para plantio de cacau.” (SOUSA, 2001, p.38). A infância, em meio não só a disputas de terra, mas a todo sistema de relações que, basicamente, se tripartia em coronéis-trabalhadores-exportadores, formou-se como matéria essencial a qual orientou as ações do escritor ao longo de suas existência. Sousa atribui, inclusive, que tal vivência de Amado, entre o seio determinado da família que sempre lutara pela “cidadania” daquelas terras (vindo a ganhá-las e perdê-las) e sua ligação com seus trabalhadores, tivesse sido determinante para sua “militância de esquerda ainda no frescor da juventude, ao filiar-se à Juventude Comunista em 1932, aos vinte anos de idade.” (SOUSA, 2001, p.40).

Essa identificação de Jorge Amado com tais relações fizeram, ainda na análise de Sousa, o jovem escritor “a guardar intacta, no plano da ação, a esperança, ao denunciar mais tarde, em seus romances, [...] os dramas sociais, aqueles sofrimentos gritantes dos trabalhadores à sombra das árvores dos cacaueiros.” (SOUSA, 2001, p.40). E cita que no livro *O Menino Grapiúna*, Jorge Amado conta que:

Entre Pontal e Pirangi, antevi o amor e tratei com a morte. A vida do menino foi intensa e sôfrega [...] De nada gostava tanto como dessas idas a Pirangi, em companhia de trabalhadores e jagunços: ampliavam seu universo e impediam que medrasse em seu espírito qualquer espécie de preconceito [...] (AMADO, 1982, p.50-51).

A natureza também deixa sua violência na família Amado. Uma grande enchente do rio Cachoeira inunda a fazenda de João Amado em 1914, “obrigando a família a alojar-se numas acomodações de antiga enfermagem, em Ferradas, de onde segue para Ilhéus e vai instalar-se no bairro humilde do Pontal.”. João Amado, então, monta uma tamancaria. Três anos depois, agora no município de Itajuípe, volta “a adquirir terras para plantar cacau, envolvendo-se nas lutas pela conquista de roças que futuramente viriam a ser romanceadas em *Terras do Sem-Fim*.” (TAVARES, 1980, p.26).

No contexto mundial, eclodia a Primeira Guerra entre 1914 e 1918. Na Rússia, em 1917, “a revolução que levaria os comunistas, liderados por Lênin, ao poder.” (COSTA E

SILVA, 2010, p.433). Tavares levanta que a família Amado “passa a dividir a estadia entre a cidade e a fazenda, distante cerca de três horas a trem e a cavalo”, e conta que nesse ano, com seis anos de idade, Jorge acaba comparecendo com o pai “ao julgamento dos implicados nas sangrentas lutas do Sequeiro do Espinho e é escolhido pelo juiz para sortear os jurados – cena que irá ficar registrada pelo romancista em *Terras do Sem-Fim.*” (TAVARES, 1980, 26). Amado confirma e confessa: “[...] eu realmente assisti àquele processo. Ele me marcou muito [...] São as coisas que vivi, que conheci em minha infância, e que estão na base de tudo o que depois criei e recriei.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.196).

Esse universo que se formou no cenário das disputas violentas, entre tocaias, emboscadas, tudo girando em um sistema com caracteres feudais ligando coronéis e trabalhadores e, capitalista, entre esses produtores de cacau e exportadores, Jorge Amado testemunhou até cerca dos dez anos de idade: “Mundo de uma primeira experiência, de uma vida vivida com intensidade [...]” (SOUZA, 2001, p.45).

Em março de 1922, Jorge Amado é internado no Colégio Antônio Vieira, mantido por jesuítas na “cidade da Bahia”, onde já chegou alfabetizado. Antes, os pais o fizeram iniciar “o aprendizado de suas primeira letras” (TAVARES, 1980, p.26) em Ilhéus, na escola de Dona Guilhermina, local traumático ao menino grapiúna:

[...] vivi lá um terror total. Por qualquer coisinha ela batia nas mãos com uma palmatória, nos colocava de castigo, de joelho sobre os grãos de milho. Na hora em que minha mãe ficou sabendo, tirou-me da escola [...] fiquei em casa e aprendi a ler. Minha mãe sempre me dizia que eu aprendi a ler no *A Tarde*, que já existia naquela época [...] meu pai era assinante. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.39).

No colégio dos jesuítas (“a disciplina era rígida”)³⁹, escreve uma redação escolar intitulada “O mar”. Impressionado, o padre Luiz Gonzaga Cabral, lhe “vaticina brilhante futuro como escritor” (TAVARES, 1980, p.27) e “passa a lhe emprestar livros de autores portugueses e também de Jonathan Smith, Charles Dickens e Walter Scott.” (COSTA E SILVA, 2010, p.433). Apesar de todo encorajamento literário, o menino grapiúna, saudoso da liberdade das fazendas, da vida solta em Ilhéus, rebela-se e foge do colégio, empreendendo “longa viagem através dos sertões até alcançar Itaporanga, em Sergipe, onde residia o avô, José Amado, em cuja companhia demora uns dois meses quando, acompanhado do pai que o

³⁹ A citação (quase) completa sobre esse período merece ser lida: “Meu pai, que vivia no sul do Estado, em Ilhéus – era plantador de cacau –, fez-me entrar como interno no colégio dos padres jesuítas, o Colégio Antônio Vieira, tido como o melhor da cidade. Objetivamente não posso dizer que fui mesmo infeliz ali... mas a disciplina era rígida [...] o colégio dos padres para mim era uma prisão. Entretanto, lá conheci um homem incrível, o Padre Cabral, nosso professor de português [...]” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.31).

fora buscar, regressa à fazenda paterna no sul baiano. Aí permanece o resto do ano [1924]." (TAVARES, 1980, p.27). Amado iria se referir ao período que passou com o avô como "dois meses de maravilhosa vagabundagem" (COSTA E SILVA, 2010, p.433).

Primeiro em regime interno, Jorge então é matriculado no Colégio Ipiranga que funcionava no prédio onde falecera Castro Alves. Já como externo, em março de 1927, aos quatorze anos, começa a trabalhar no jornal *Diário da Bahia*, sob direção de Muniz Sodré. Sua estreia literária se dá com um poema modernista na revista baiana *A Luva* (TAVARES, 1980, p.37). No ano seguinte, participa do grupo de jovens em torno do poeta Pinheiro Vargas, "panfletário" do jornal *O Imparcial* – publicação que ele voltaria a colaborar em 1942, no qual escreveria a coluna "Hora da Guerra", crônicas em torno dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, objeto deste estudo.

O final da década de 1920 é marcado na trajetória de Jorge Amado pela *Academia dos Rebeldes*. Sousa observa que nessa época Amado havia vislumbrado a "chave de sua nova liberdade" nos livros que compartilhava com Adonias Filhos, que mais tarde viria "a se tornar romancista e crítico literário, também nascido nas terras do cacau", e, além de outros adolescentes, o futuro etnólogo Edson Carneiro (SOUSA, 2001, p.46). Aprendizes de escritor, a *Academia dos Rebeldes* surge "no impulso das esperanças emanadas na onda de diferentes movimentos sociais urbanos" (SOUSA, 2001, p.46). Tais movimentos, na visão de Sousa, são expressos no modernismo ("que abria o País para a consciência de uma originalidade estética"), enunciados no tenentismo ("que se opunha aos conchavos das oligarquias da República Velha") e proclamados no comunismo – "cujo partido no Brasil (fundado em 1922) se colocava em defesa dos interesses da classe operária." (SOUSA, 2001, p.46).

Se a primeira década de vida de Amado foi marcada pelas tensas relações entremeadas na *saga do cacau*, refletindo em suas obras como *Terras do Sem-Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, o final dos anos 1920 (Jorge, em sua plena juventude) marcaria o escritor ao introduzir a vida boêmia, "vivida intensamente nas festas populares, nas feiras livres, nos mercados, nos saveiros, nos grandes barcos de pesca, nos *chatôs* (espécie de salões literários), nas rodas de capoeira, nos mistérios dos candomblés." (SOUSA, 2001, p.46-47). Assim se completa a outra metade que permeia a obra de Jorge Amado: "a Bahia" (Salvador) e seu povo, sobretudo aquela parcela desqualificada. O escritor declara:

Literariamente, esta época foi muito importante para mim, mas ainda mais do ponto de vista humano, pelo conhecimento do povo baiano que adquiri. Conheci sua vida, sua cultura [...] Foram os anos fundamentais para tudo o que escrevi depois. Ainda hoje as linhas mestras do meu trabalho literário

repousam sobre estes anos da minha adolescência nas ruas da cidade da Bahia. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.39).

Essa vida (“minhas universidades”) da época da *Academia dos Rebeldes* é a gestação do popular romancista que, desde logo cedo, já se envolvia com o jornalismo, “exercício inicial para fazer emergir o escritor e reafirmar seu aprendizado da liberdade já exercida nas terras do cacau, na meninice vadia entre trabalhadores e jagunços.” (SOUZA, 2001, p.48). Ávido leitor, “praticamente leu todos os autores nacionais mais importantes”, o que trouxe ao jovem Amado “uma certa ideia de nacionalismo”. Com o *Modernismo*, marcado no Brasil pela Semana de Arte Moderna de 1922, surge “uma renovação literária de grande significação, verdadeira insurreição contra o conservadorismo então dominante nas letras.” (SOUZA, 2001, p.51).

É nesse palco de ruídos que mudariam a feição da humanidade, passados na primeira metade do século XX, ambiente esse conturbado, propício para a geração de duas guerras de proporções globais, da crise burguesa, a que a juventude de Amado se moldava (e se voltava). O ano de 1929 viria se somar aos grandes nós desse período com a quebra da bolsa de valores de Nova York, catalisando o declínio da produção de café no Brasil e atingindo outros setores, levando o pai João Amado à bancarrota:

[...] conseguiu tornar-se um fazendeiro rico; foi quando construiu a casa em Ilhéus [...] Depois veio o craque de 29 e ele perdeu tudo. Só lhe restou um pouco de terra, e foi tudo o que teve até o fim da vida. Foi pobre, ou melhor, humilde, não era pobre, tinha do que viver, não é?, mas sempre enganchado à terra, que para ele era tudo. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.188).

O ano de 1930 trouxe dois importantes acontecimentos na trajetória de Amado. No plano pessoal, o término do seu romance de estreia, intitulado *O País do Carnaval*, o qual viria a ser publicado em setembro do ano seguinte no Rio de Janeiro por Schmidt Editor (TAVARES, 1980, p.28). Sobre o romance, Amado diria a respeito do pessimismo que o cerca, diferente da leveza do conjunto de sua obra que o popularizou: “[...] é o livro de um jovem de dezoito anos [...] todo o pessimismo que transparece neste romance é totalmente artificial. É uma atitude [...] ingenuamente literária. É uma máscara, uma roupa emprestada.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.45).

Quanto ao contexto político, a Revolução de 30 que, segundo Jorge Amado, teria influenciado sobremaneira suas ações – dele e de toda sua geração de nordestinos –, muito mais que o movimento modernista: “[...] nossa geração não sofreu qualquer influência do

modernismo – um movimento regional de São Paulo.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.52-53). O baiano sublinha a ação dos “tenentes”:

[...] o modernismo como fenômeno é historicamente limitado, tem um começo e um fim. Mas, ao mesmo tempo, tinha uma enorme efervescência que ultrapassava o modernismo e que levava consigo o tenentismo: a revolta dos jovens oficiais começou em 1922. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.58).

Em entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte:

Trinta é a grande data. Até então nós fazíamos uma vida de subliteratura, escrever poemas... era ainda a luta contra o Parnasianismo, o academicismo [...] Antes de 30, a epopeia da Coluna Prestes já havia nos tocado como algo heroico que se passava no interior do país [...] Depois, há o movimento da chamada “Aliança Liberal” [...] a Revolução de 30 não tomou nenhum aspecto socialista, nem marchou para uma radicalização, mas modificou muita coisa neste país. (AMADO apud DUARTE, 1996, p.272).

A Revolução de 30 põe fim à política do *café com leite* (conchavo da República Velha que alternava na presidência políticos de São Paulo e Minas Gerais), destituindo do poder Washington Luís e nomeando Getúlio Vargas presidente. É no bojo da “revolução” que a geração dos romancistas de 30 emerge com uma proposta decisiva no cenário literário nacional, cujo marco havia se dado em 1928, com o livro *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida. Um romance, no qual, segundo Jorge Amado, se “falava da realidade rural como ninguém fizera antes” (COSTA E SILVA, 2010, p.434).

Amado observa que: “[...] desta Revolução de 30 [...] surge o movimento conhecido como o romance de 30, portador de uma literatura que vem tratar dos problemas do povo e de uma escrita baseada na língua falada no Brasil.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.60).

Já em *Navegação de Cabotagem*, Amado rememora, sintetizando:

Em 1933 os ecos da Semana de Arte Moderna esvaíam-se, afirmava-se o Romance de Trinta, expressão literária dos movimentos políticos e literários que resultaram na revolução da Aliança liberal. Em verdade o ciclo ficcional pós-modernista se iniciara em 1929, no rastro da Coluna Prestes, com o lançamento de *A Bagaceira* de José Américo de Almeida. (AMADO, 1992, p.25).

Parece bastante evidente que Jorge Amado minimiza os tais ecos do movimento paulista de 22, contrapondo-o à geração nordestina de 30, de postura antiburguesa e comprometida com uma revolução proletária – e com certa razão, pois em suas palavras “o

modernismo nasce na órbita dos grandes proprietários do café” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.57), o que se assemelha à observação de Duarte ao observar que o grupo envolvido na realização do evento de 22 (e que “dele emergiu na cena cultural”) foi apoiado pelo Governo de São Paulo e pelo *Correio Paulistano*, este ligado à oligarquia, além do “aval de setores da elite cafeeira” (DUARTE, 1996, p.21). Na conclusão de Duarte, em paralelo com a análise de Amado, a literatura modernista de fato incorporou tendências de vanguarda, rompendo em muito com aquele conservadorismo das letras afirmado por Sousa, mas é “inegável” que, de modo geral, passou longe da “questão social” (DUARTE, 1996, p.21), embora tenha se aproximado de elementos do popular nacional.

Por outro lado, em termos mais literários e menos políticos, aproximando-se do pensamento de Sousa, Duarte afirma que o “chamado romance de 30, a par de seus vínculos com a tradição regionalista do século XIX, muito deve à revolução estética iniciada em 22.”, bastando lembrar, como continua o autor, “a preocupação com a identidade nacional (e com as diferenças regionais), com a renovação da linguagem literária e a pesquisa das formas populares de expressão”, fortemente presentes nos romancistas de 30. No caso de Jorge Amado, especificamente, “modernismo, tenentismo e comunismo funcionarão como referenciais muito precisos numa trajetória em que política e literatura vão caminhar lado a lado.” (DUARTE, 1996, p.20).

Sob esses vetores, os anos 1930 receberão o jovem Amado, empolgado para mostrar a que veio. Mudando-se para o Rio de Janeiro em 1931, quando em fevereiro desse ano “obtém uma das primeiras colocações no exame vestibular da Faculdade Nacional de Direito” (TAVARES, 1980, p.28), logo passa a colaborar na revista literária *Boletim de Ariel* e vai residir com o modernista Raul Bopp, autor de *Cobra Norato* (1931), onde tem início a amizade com inúmeros artistas e intelectuais:

Raul e eu alugamos juntos uma casa em Ipanema [...] juntava tanta gente naquela casa [...] quando Rachel [de Queiroz] chegou ao Rio, passamos o tempo todo juntos. Foi em grande parte sob sua influência que eu [...] me engajei no movimento comunista. Entrei na Juventude Comunista e desempenhei um papel ativo dentro da universidade – na Faculdade de Direito, onde eu estudava com Carlos Lacerda, Ivan Pedro, Martins e dois ou três outros, éramos os principais líderes de esquerda.
(AMADO apud RAILLARD, 1990, p.49).

No período de 1931 a 1935, vários acontecimentos marcaram a vida do baiano, como a referida filiação ao PCB, em 1932, quando se aproxima dos escritores nordestinos, afastando-se do grupo católico a que se ligava Otávio de Faria e Augusto Frederico Schmidt. É nessa

época que Amado passa, como ele declarou na citação, a militar ativamente, “freqüenta reuniões e palestras, vai às ruas participar dos *meetings*, dispersados muitas vezes a tiros e patas de cavalo”; é quando também “passa a devorar” a literatura impregnada de “utopia libertária” do leste europeu (DUARTE, 1996, p.28). Em entrevista, Amado declara sobre esse momento: “Tudo para mim era a Rússia, a Revolução Russa, a literatura russa” (DUARTE, 1996, p.274), o que se assemelha aos discursos realizados nos Estados Unidos em assentamentos mineiros, os quais se convertiam em massa ao comunismo: ““[...] Em místico silêncio, quase em êxtase religioso, nós admirávamos tudo que vinha da Rússia.”” (HOBSBAWN, 1998, p.72).

Em junho de 1933, termina seu livro *Cacau* – publicado pela Ariel Editora em agosto, com tiragem de dois mil exemplares (que logo se esgota) e depois outra edição com três mil cópias, devido, sobretudo, a curiosidade que provocou em razão de sua proibição seguida de apreensão “pela polícia carioca quanto liberada no dia imediato por interferência de Oswaldo Aranha [então ministro da fazenda].” (TAVARES, 1980, p.29). Com o romance *Cacau*, explica Duarte, Jorge Amado começa a deixar o sentimento de revolta pequeno-burguesa que domina *O País do Carnaval* para inserir “pontos de vista de esquerda”, atitudes essas que se estenderiam visivelmente até *Os Subterrâneos da Liberdade*, na década de 1950 (DUARTE, 1996, p.28).

O contexto mundial apresentava Hitler como chefe do poder da Alemanha e Roosevelt torna-se presidente dos Estados Unidos. No Brasil, a Revolução Constitucionalista eclode em São Paulo, em 1932. Vargas é eleito presidente pelo voto indireto em 1934, ano do lançamento de *Suor*, publicado em agosto também pela Ariel Editora. Sobre *Cacau* e *Suor*, Amado confirma que ambos romances representam bem seu “encontro com a esquerda”, “com o romance proletário dos anos 1920, com a literatura soviética da primeira fase e com os escritores americanos que surgiam [...]. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.56).

Ainda na primeira metade da década de 1930, além do primeiro casamento com Matilde Garcia Rosa em 1933 e o nascimento da filha Lila em 1935, Jorge Amado tem sua primeira tradução, entre dezenas que viriam futuramente: *Cacau* é publicado em Buenos Aires, por volta de junho de 1935. Nesse mesmo ano, em setembro, é lançado no Rio de Janeiro o romance *Jubiabá*, pela José Olympio Editora. Em dezembro, o baiano vê *Cacau* e *Suor* traduzidos para o russo (TAVARES, 1980, p.30).

Entre 1936 e 1940, Amado começa a enfrentar problemas em função de sua militância comunista. É nesse período que conhece a falta de dinheiro e trabalho, devido às perseguições políticas; conhece também duas detenções, a primeira em 1936 e a segunda, um ano depois, o

que lhe deixa marcas por toda vida: “A prisão me ensinou. Na prisão você se vê nu no sentido [...] que está inteiramente vulnerável e exposto a tudo; a gente fica reduzido àquilo que é.” (AMADO apud RAILLARD, 1990 p.103).

Aos vinte e quatro anos, em agosto de 1936, mês de seu aniversário, Amado faz o lançamento de *Mar Morto*, pela José Olympio. Em dezembro, recebe o prêmio Graça Aranha e, em abril do ano seguinte, viaja por toda a América do Sul até alcançar o México e Estados Unidos. Nessa viagem, além de conhecer várias personalidades, como Diego Rivera (1886-1957) – um dos maiores pintores mexicanos –, conclui o romance *Capitães da Areia*, publicado também pela José Olympio, em setembro de 1937 e que seria seu livro mais vendido. É em dezembro que, “à frente da Escola de Aprendizes Marinheiros na capital baiana”, 1.694 de seus livros são queimados em praça pública. (TAVARES, 1980, p.31-32).

Em situação difícil depois da última prisão, Amado passa algum tempo, já em 1938, no apartamento de Rubem Braga, em São Paulo. É dessa época seu único livro de poesias intitulado *A Estrada do Mar*, impresso em edição particular. De volta ao Rio de Janeiro, após temporada na Bahia, Amado intensifica sua colaboração em jornais e revistas e, só em 1941, faz lançamento de um livro: a biografia *ABC de Castro Alves* pela recém-fundada Livraria Martins Editora, de São Paulo (TAVARES, 1980, p.33).

A ditadura de Vargas, ferrenha aos dissidentes, implode o sonho (pueril) de que do “reformismo liberal” da Revolução de 30 (a face branda do tenentismo) poderia ter emergido uma revolução proletária. A realidade getulista era autoritária e seguia, ambígua, os ideais totalitários gerados na crise burguesa de que o mundo havia se ressentido e lutado contra (ou tentado remodelar) nas primeiras décadas do século XX. O “mundo da paz” socialista se descortinava ainda como solução? Para Amado, sim. Em agosto de 1941, o baiano decide então partir para a Argentina e Uruguai, um autoexílio onde pesquisa a vida de Luís Carlos Prestes para a biografia *O Cavaleiro da Esperança*. De volta ao Brasil, em 1942, é preso em Porto Alegre e enviado ao Rio de Janeiro e, posteriormente, é forçado a permanecer na Bahia.

A Segunda Guerra Mundial havia eclodido anos antes, em setembro de 1939, quando as tropas alemãs invadiram a Polônia. Entretanto, com a entrada da União Soviética na guerra em 1941 (lê-se comunismo ameaçado) e do Brasil em 1942, além dos acontecimentos desastrosos que colocavam o mundo em polvorosa, a palavra de ordem do PC passa a ser *unidade* (nacional e mundial). Era hora da guerra, tempo de união – inclusive dar as mãos a Vargas e aos imperialistas norte-americanos e britânicos – a fim de combater o mal supremo, fruto “diabólico” nascido do Eixo: o *nipo-nazifascismo*.

Na apresentação do livro *Hora da Guerra*, Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein observam que quando Amado voltou a Salvador, em dezembro de 1942, “encontrou a cidade literalmente em pé de guerra”, que se agitava “com as notícias que chegavam de toda parte dando conta das atrocidades cometidas pelos nazistas.”. Amado, a convite do amigo Wilson Lins, passa a colaborar no jornal *O Imparcial*, na coluna “Hora da Guerra”, na qual “comentava principalmente os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, mas também a política latino-americana, eventos culturais, a situação soviética, personalidades e fatos diversos da época.” (FRAGA;GOLDSTEIN, 2008, p.10). Fraga e Goldstein destacam que a publicação teve vida até o início de 1945, último ano do Estado Novo de Vargas e fim do grande conflito mundial, quando o baiano decide ir para São Paulo, chefiando a delegação de escritores baianos naquele I Congresso Brasileiro de Escritores, onde conheceria Zélia (FRAGA;GOLDSTEIN, 2008, p.9-14).

Os anos de *Hora da Guerra*, o período que compreende, basicamente, entre fins de 1942 e fins de 1944 é o foco de interesse neste estudo. Jorge Amado, nessa época, faz dois lançamentos: o romance *Terras do Sem-fim* (escrito no Uruguai), publicado em setembro de 1943, e o romance *São Jorge dos Ilhéus*, publicado em dezembro de 1944, ambos pela Livraria Martins Editora, de São Paulo.

A sua preferência pela crônica, ao se posicionar em relação à Segunda Guerra Mundial, em vez do romance, por exemplo, certamente tem suas motivações. Além do trabalho pago regularmente, a “trincheira” que *O Imparcial* lhe abria ao lhe entregar a arma de um gênero enxuto como a crônica que, diariamente no seu caso, lhe dava a oportunidade de expressar, no limite estreito de poucos parágrafos, sua clara posição, orquestrada em tom panfletário pela ideologia comunista e as diretrizes de Moscou.

Nessa perspectiva que o próximo capítulo se dedica a questões do grande conflito mundial. Em sua órbita, a movimentação do Partido Comunista no mundo e seus braços no Brasil – ainda que na clandestinidade –, bem como as ações do governo Vargas. Tudo isso visto sob a *pena* (ou máquina de escrever) de Jorge Amado, o qual não poupa palavras, rajadas, disparadas contra Hitler, Mussolini, Franco e Plínio Salgado, entremeadas, é claro, com louvações a Stálin; crônicas um tanto panfletárias, porém mescladas com tom literário, apresentadas, por vezes, com certo “lirismo”, e que, por isso, talvez perdurem candentes até hoje, rasgo de literatura por onde se vislumbra um tempo-cicatriz.

Este é o Jorge Amado que aqui interessa, um cronista da guerra.

2. O PAÍS DO CARNAVAL VAI À GUERRA

“O Brasil entrara na guerra. Ao lado dos Aliados. Todos nós nos reunimos, todos: exilados, esquerdistas, comunistas, e decidimos voltar. Na medida em que nosso país estava em guerra contra o Eixo, entendemos que era nosso dever voltar ao Brasil. Voltamos.”

(JORGE AMADO, depoimento a Alice Raillard, 1985, p.180).

Por que a Segunda Guerra Mundial ainda hoje atrai tanto interesse, inclusive popular? Há quase tantas publicações nas bancas de revistas quanto há títulos nas livrarias que tratam especificamente acerca do conflito sob as mais variadas perspectivas. Essa é, aliás, a via de mão dupla que a Guerra em geral desperta em todos nós. De um lado, a **história**, as razões factuais de cada jogada do conflito que ainda levam muitos pesquisadores a lançar inúmeras questões que continuam sem respostas mais precisas, seja pelo fato de arquivos permanecerem *indisponíveis* em alguns países seja pela impossibilidade de se compreender as decisões, muitas vezes contraditórias, dos personagens que fizeram a “guerra total”. Por outro lado, o conflito que, de uma forma ou outra, envolveu todo planeta possui um aspecto que vai além das batalhas e que toca a **memória**, nem sempre real e vivida; a *guerra imaginária, psicológica – e ideológica?* –, deixou pelas décadas sua marca na humanidade.

Este dorso, de forma análoga, relaciona-se com o conceito de Benedict Anderson, trazido por Stuart Hall em seu *Da Diáspora*, de que as nações, mais do que entidades políticas soberanas, são “comunidades imaginadas” (HALL, 2003, p.26). Povos vão à “guerra” movidos pelos valores em torno da pátria (pão, glória e defesa, basicamente), sendo esta autodefinida pela identidade forjada em noções abstratas, contrária à “solidez de uma rocha”, não garantida “para toda a vida” (Bauman, 2005, p.17). Sob esse viés que um filme como *A Lista de Schindler* (1993) e um documentário como *Arquitetura da Destrução* (1989) com frequência encontram êxito popular, ainda que “ficcionalizem” uma realidade.

Tanto a “guerra de fato” como a “guerra instalada nos corações” moldaram o mundo em que hoje se vive. Os efeitos estão por toda a parte: desde o poderio norte-americano (ainda que balançado pela crise de 2008 e a de 2011), a aldeia global (mesmo que esta encontre suas resistências), o esfacelamento da ex-Iugoslávia nos anos 1990, até a xenofobia (fruto do revanchismo inscrito nos nacionalismos de outrora) e o neonazismo, que persiste.

Como lembra Boris Fausto no prefácio intitulado “Olhares Cruzados”, de *Hora da Guerra*, quando Jorge Amado se senta pela primeira vez para escrever as crônicas no jornal *O Imparcial* de Salvador, em dezembro de 1942, o período mais terrível da guerra ia ficando

para trás. A URSS, depois do choque da invasão alemã, consegue com esforço hercúleo deter os inimigos já próximos de Moscou e, no ano seguinte, cercar o exército alemão em Stalingrado. Assim também em relação à Grã-Bretanha que, após as noites de tormenta sob o céu de máquinas da *Luftwaffe* (aeronáutica alemã), consegue reagir à fúria germânica na defesa da ilha – evento conhecido como “Batalha da Inglaterra”, título homônimo da crônica de Amado, de 26/9/1943, na qual o escritor afirma: “Devemos ao povo inglês a possibilidade de que a luta continuasse, de que hoje o nazismo esteja vivendo seus dias finais.” (AMADO, 2008, p.113). Os EUA, depois de muita hesitação, já haviam entrado no conflito após o ataque nipônico a Pearl Harbor, em 1941 (FAUSTO, 2008, p.14). Quanto ao Brasil, em agosto de 1942, depois do afundamento de embarcações por submarinos do Eixo, o governo de Getúlio Vargas, pressionado pelo povo, decidira declarar guerra à Alemanha e à Itália.

Diante da página em branco, Amado está no olho do furacão. Pairam os fatos da guerra, a movimentação do Eixo e dos Aliados, o governo Vargas, assim como o sangue do baiano se revolta junto com o da população, todos ansiosos pelo fim do conflito e a derrota do fascismo. Um terceiro elemento faz pulsar ainda mais rápido o coração de Amado: o comunismo, a URSS como uma das forças de libertação do mundo ameaçada por Hitler. Como não escrever sobre a guerra em tom candente, entremeado por uma “narrativa” que visa a emoção e a revolução? Na crônica “Luzes da Vitória”, de 23/1/1944: “A neve embranquece as ruas da capital da União Soviética. Os homens passam com seus capotes pesados, as mulheres atravessam os passeios com uma decisão no olhar.” (AMADO, 2008, p.161).

Para embarcar no olhar de Amado sobre a Guerra, é preciso ter em mente que seu texto tende mais para aqueles fatores da guerra imaginária e psicológica (uma vez que ele a vivia de longe) e ideológica (o comunismo no *front*), onde Hitler, por exemplo, é demonizado e Stálin, endeusado, do que propriamente pelos fatos **crus** do período. Distante a guerra no tempo, é imprescindível que alguns elementos históricos sejam então resgatados, a fim de que se abra um panorama do que vivia o Brasil e o mundo, para uma compreensão mais adequada sobre o que – e como – Amado escreveu. É preciso, pois, uma reconstituição mínima do que o escritor encontrou ao retornar a Salvador depois do autoexílio no Uruguai e na Argentina.

Uma vez que também suas crônicas extrapolam os anos do conflito em si, faz-se necessário ainda recuar às origens da guerra. Ao inscrever sua utopia política e o sentimento de indignação contra as “forças do mal” do Eixo em suas crônicas, Jorge Amado foi forçado a comentar fatos (por vezes distorcidos) e citar *personas* (por vezes deformadas) que fizeram a

guerra mundial dos 31 anos, naquela concepção de Hobsbawm⁴⁰, homem, como Amado, moldado no comunismo e no decênio de 1930. O contexto em que o baiano escreve é o que nos interessa agora, porque como sugere Boris Fausto, o olhar do presente – “livre de pesadas cargas ideológicas” – deve ser cruzado com o olhar do passado – envolto na “dramaticidade do conflito”, na “quebra de rotina” (noites de blecaute, por exemplo, nas cidades brasileiras), na quebra que a própria cultura trata de representar (com traços, é claro, eivados de reducionismos e simplificações), introduzida em filmes, na música popular, nas caricaturas, “como uma espécie de contraponto brejeiro às tensões de guerra.” (FAUSTO, 2008, p.14-15).

A obra de Philippe Masson, *A Segunda Guerra Mundial: História e Estratégias*, em análise profunda do conflito, sobretudo quando destaca suas características geoestratégicas, destaca que, do início de 1942 em diante, Adolf Hitler não teria mais “grandes ilusões” de vencer a guerra. Nos primeiros dias do ano, o Führer teria admitido ao embaixador japonês Oshima não saber como deter os norte-americanos. Após a queda germânica em 1945, o general Alfred Jodl, integrante da cúpula nazista e condenado à forca nos Julgamentos de Nuremberg, afirmou que Hitler sabia “desde os primeiros meses de 1942 que a Alemanha não podia ganhar a guerra.” (MASSON, 2010, p.43). Hobsbawm também afirma que depois do fracasso alemão em Stalingrado – “verão de 1942-março de 1943” –, “todo mundo sabia que a derrota da Alemanha era só uma questão de tempo.” (HOBSBAWM, 1998, p.47).

Nessa época houve *sugestões* de Mussolini para que o Führer tentasse se reaproximar (mais uma vez) de Stálin, ficando livre da guerra a leste e, assim, concentrando esforços na defesa da Europa Meridional e Ocidental contra as forças anglo-americanas. Masson faz uma importante colocação ao destacar que Hitler teria sido evasivo à pressão do italiano, já que saberia o quanto tal reaproximação com a URSS, naquela altura, poderia ser perigosa:

De fato, os contatos entre alemães e soviéticos constituem um dos aspectos mais ignorados da Segunda Guerra Mundial, sendo difícil apreciar sua importância exata, por não se ter acesso aos arquivos soviéticos, apesar das mudanças políticas recentes. (HOBSBAWM, 1998, p.47).

As reais intenções no jogo de pôquer iniciado por Hitler, no qual obrigou a participação de Stálin, Churchill, Roosevelt e, no caso tupiniquim, Vargas, constituem a grande sombra que até hoje perdura quando se busca formar um improvável quebra-cabeças.

⁴⁰ Eric Hobsbawm (1917-), em seu *Era dos Extremos – O Breve Século XX, 1914-1991*, concebe a era da guerra total como tendo iniciado em 1914 (início da Primeira Guerra Mundial) e terminado em 1945 (fim da Segunda Guerra Mundial). O período entre-guerras (1918-1939), ainda que canhões tivessem se calado e bombas não tivessem explodido, insere-se no contexto de “colapso e catástrofe” que caracteriza a “guerra mundial de 31 anos” (HOBSBAWM, 1998, p.30).

No plano geral, tem-se uma ideia do que se tinha no tabuleiro, mas os detalhes que ainda desafiam estudosos são ainda tão obscuros quanto as notícias da guerra que chegavam a Amado na época – principalmente quando se põe em perspectiva o filtro comunista a que o escritor estava submetido. É assim que muito se justifica o maniqueísmo e o espírito incisivo que aflora em suas colocações (a máquina de escrever como arma, metralhadora). O artista, assim como todo cidadão, deve posicionar-se claramente contra o *diabólico* Eixo, do inimigo que ameaça a unidade mundial, a liberdade dos povos, segundo o que pregava Moscou.

Portanto, uma leitura mais atenta das crônicas de Jorge Amado sobre a guerra passa pela movimentação de Stálin no conflito. A razão principal, como também sugere Fausto, é que os textos de Amado contra o nazifascismo foram escritos “da perspectiva política” do PCB – Amado era membro desde 1932 –, seguindo de perto as diretrizes da URSS (FAUSTO, 2008, p.17). Como lembra Hobsbawm, o comunismo soviético havia surgido como um sistema alternativo para se alcançar um novo mundo (vitória proletária) que o capitalismo era incapaz de promover (HOBSBAWM, 1998, p.62). A vitória dos Aliados significaria para comunistas como Amado um espírito de *levante* que se apossaria dos povos, de revolução socialista que se disseminaria pelo mundo, objetivo maior da Revolução Russa de 1917.

Essa perspectiva utópica parecia não encarar a ambivalência que marcou a postura dos principais líderes-protagonistas diante dos acontecimentos do conflito. Isso se confirma, por exemplo, como mencionado anteriormente, nas vias abertas entre Berlin e Moscou, ainda que um novo acordo em 1943, como incitou Mussolini, seria perigoso na visão de Hitler. Ofertas de paz da parte soviética parecem ter ocorrido em 1941, após batalhas arrasadoras contra a URSS que levaram Stálin a cogitar a perda de Moscou. Hitler teria recusado a proposta do cessar de hostilidades; em troca, o Kremlin abandonaria “os países bálticos, da Bucovina e de uma parte da Ucrânia” (MASSON, 2010, p.43). A concretização das tentações de paz entre Moscou e Berlin sempre dependeram da percepção que cada governo tinha das possíveis cartadas que poderiam ser lançadas de ambas as partes após algum acordo. Em 17/7/1943, Jorge Amado publicava a crônica “Monólogo de Adolf”, na qual satiriza Hitler, *desesperançado*, tentando se aproximar de Stálin: “Oh! Simpáticos bolcheviques russos! [...] Vamos nos unir contra os sórdidos capitalistas anglo-americanos, judeus internacionais. Stálin, quero alisar o teu bigode, eu te amo, acredita na minha amizade!” (AMADO, 2008, p.92). Em nosso diálogo com a história, a pergunta, um tanto irônica: Quantas vezes, no entanto, Stálin não havia desejado *alisar* o inconfundível bigode do Führer?

O pacto germano-soviético, em qualquer momento da guerra, colocava os países democráticos ocidentais em um dilema, pois reconheciam que a URSS teria papel

fundamental na vitória contra o Eixo. Um combate a leste com o Exército Vermelho era fator fundamental para o esgotamento de Hitler, obrigado a se mover em duas frentes...

Por outro lado, os riscos: em caso de vitória do Führer, a Alemanha teria a Europa nas mãos e, com o desmantelamento da URSS, teria um vasto império territorial oriental⁴¹, espaço vital que englobaria as terras férteis da Ucrânia e o petróleo do Cáucaso, além de farto “trabalho escravo” (HOBSBAWM, 1998, p.47); caso Stálin fosse o vencedor, o imperialismo soviético sairia extremamente fortalecido da guerra. De fato, com o fracasso alemão em 1941 e no ano seguinte (o primeiro grande revés à máquina de guerra germânica) – Hitler havia subestimado a capacidade soviética de resistir –, Stálin adverte os Aliados na Conferência de Teerã de 1943 (aquele que decidiria o futuro da Alemanha derrotada) sobre sua posição, agora, de força determinante na guerra. Uma série de vantagens políticas é conseguida diante dessa *chantagem*, o que inclui a anexação da Estônia, Letônia, Lituânia e do leste da Polônia.

Anos antes, não é surpresa, a URSS andava de mãos dadas com a Alemanha, embora negociasse simultaneamente com os países democráticos. Masson caracteriza o impasse que as democracias enfrentavam como uma “ironia da história”, dado que a ameaça de Hitler na Polônia (evento desencadeador da guerra) teria como solução “o apoio a um outro totalitarismo, a um outro imperialismo latente, o da União Soviética.” (MASSON, 2010, p.43). Nas aparências, Stálin responde aos pedidos da França e da Grã-Bretanha, mas, paralelamente, mantém negociações com Hitler, o que acaba resultando na assinatura do pacto germano-soviético de não agressão, em 1939. Pacto frágil e ambivalente.

A Alemanha, desse modo, evita a guerra na frente leste, embora Hitler tivesse preferido, como parece, resolver sua fome pela Polônia (e outras ambições) sem a necessidade de uma conflagração. Isso a princípio, já que é provável que o Führer intencionasse vencer o oeste em um primeiro momento para depois partir para leste, em busca daqueles ricos territórios soviéticos. De qualquer forma, o pacto resultou na invasão da Polônia por alemães em setembro e, em duas semanas, tropas soviéticas também invadiram o país, cumprindo o que determinava o tratado Berlim-Moscou.

Com a Polônia retalhada por alemães – que anexam uma parte da porção oeste diretamente ao Reich e a outra, onde se localiza Varsóvia, é transformada em Governo-Geral da Polônia, sob administração germânica – e soviéticos – a porção leste é anexada à Ucrânia e

⁴¹ “If we had at disposal the Urals, with their incalculable wealth of raw material and the forests of Siberia, and if the unending wheatfields of the Ukraine lay within Germany, our country would swim in plenty.” Assim disse publicamente Hitler, em 1936, que, em tradução nossa: “Se tivéssemos à disposição os Urais, com suas incalculáveis riquezas de matéria-prima e as florestas da Sibéria, e se os infinidáveis campos de trigo da Ucrânia se deitassem na Alemanha, nosso país nadaria em abundância.” (apud BULLOCK, 1993, p.687).

à Bielorrússia, além de uma área ao norte anexada à Lituânia –, o equilíbrio europeu corre sérios riscos diante da aproximação entre Berlim e Moscou. As razões do fracasso franco-britânico nas negociações com Stálin não são, ainda hoje, claras, em virtude, insiste Masson, da *impossibilidade de aceder aos arquivos soviéticos*.

Algumas hipóteses podem ser inferidas. A primeira é que Stálin poderia ter buscado negociar com que lhe ofereceria mais benefícios (mais territórios), além de mais garantias – ao evitar um confronto com Hitler, Stálin descarta a possibilidade de se ver abandonado pelos ocidentais, que poderiam muito bem ter expectativas de “assistir ao esgotamento recíproco de dois sistemas totalitários.”. Outro elemento apontado como geralmente negligenciado ou silenciado é o fato dos conflitos entre a URSS e o Japão nas regiões da Manchúria, na Sibéria e na Mongólia. Com o pacto entre Berlim e Tóquio anti-Komintern (anticomunista) em 1936, um embate com a Alemanha obrigaria Stálin a lutar em duas frentes, com um exército abalado pelos *expurgos* dos anos 1930 – quando o senhor do Kremlin liquidou ao menos cinco mil oficiais, além de generais, sob a alegação de “opositores políticos”.

Outra indagação que Masson coloca no primeiro capítulo de seu livro parte da lógica semelhante dos ocidentais em relação a um confronto Berlim-Moscou: Stálin, ao assinar o tratado com o Reich, abalaria o pacto anti-Komintern, desviando a ameaça germânica para oeste, o que provocaria um conflito europeu e um desgaste entre os Aliados e a Alemanha; o efeito maior seria a expansão socialista sobre uma Europa mergulhada em uma crise revolucionária desencadeada pela conflagração.

As estratégias de várias partes se mostram desastrosas. A França e a Grã-Bretanha esperavam que um acordo com a URSS poderia evitar a guerra e salvar, de alguma forma, a Polônia, dissuadindo os alemães da agressão. Stálin, por sua vez, ao pactuar com Hitler, erra ao ver a França como uma potência militar fortíssima que levaria a Alemanha a um grande desgaste – Paris logo capitularia diante das forças do Reich e Stálin estaria sozinho contra um poderoso Hitler no continente europeu. A Polônia também teria errado ao rejeitar qualquer acordo com a URSS e a Alemanha, confiante na ajuda da França e subjugando as forças germano-soviéticas. Os EUA teriam cometido a falha de não se decidirem a apoiar com mais veemência as potências ocidentais e de confiar, igualmente, na força militar francesa. Por fim, o erro maior é do próprio Hitler: o Führer esperava que o pacto assinado com Stálin obrigasse os poloneses a negociar e os franceses e britânicos a, mais uma vez, fazer concessões em um novo acordo nos moldes de Munique – de onde se origina o neologismo *muniqueísmo*, empregado por Jorge Amado em muitas de suas crônicas no sentido de capitulação, covardia,

rendição ou concessão ao inimigo para evitar conflitos. O cálculo de Hitler se mostra falso e, em 3 de setembro de 1939, a França e a Grã-Bretanha declararam guerra à Alemanha.

O Führer teria dito em várias ocasiões que nunca havia desejado aquela guerra – pelo menos não assim tão cedo... Tarde demais para ele e para o mundo.

Sob o ponto de vista de Hobsbawm, a derrapagem fatal de cálculo e estratégias:

[...] se um lado [democracias ocidentais] não queria guerra, e fez todo possível para evitá-la [Munique], e o outro a glorificava e, no caso de Hitler, sem dúvida a desejava ativamente, nenhum dos agressores queria a guerra que tiveram, quando a tiveram, e contra pelo menos alguns dos inimigos com os quais se viram lutando.

O historiador então conclui:

Que tipo de guerra queria a Alemanha, quando e contra quem, ainda são temas de discussão, mas duas coisas estão claras. Uma guerra contra a Polônia (apoizada pela Grã-Bretanha e a França) em 1939 não fazia parte de seu plano de guerra, e a guerra em que finalmente se viu, contra a URSS e os EUA, era o pesadelo de todo general e diplomata alemão.
(HOBSBAWM, 1998, p.45).

Portanto, o maniqueísmo, hoje, não pode ser a peça que impulsiona o entendimento da Segunda Guerra Mundial. A expansão de um capitalismo que se cansara na crise de 29 buscava, necessariamente, outra: domínio de terras e mares. A aventura lançada pela Alemanha no projeto do Führer mostrou-se realmente perigosa para o equilíbrio mundial até o momento em que os “desafiados”, por assim dizer, também previram o quanto seria vantajoso a derrota total (esmagamento por completo) do III Reich. Stálin certamente percebeu as possibilidades de alargamento da influência socialista e, hesitando entre se juntar a um conflito que, na aparência, se configurava entre nações imperialistas – e ele vinha alertando os ocidentais sobre o avanço nazista⁴² –, muito em breve se colocou disposto a um embate que daria uma feição distinta ao mundo do entre-guerras. Já que não se pôde evitar a fúria desordeira alemã, mesmo com concessões em Munique pelas democracias (Stálin ficou de fora, razão talvez de pactuar com Berlim em 1939), então que se destrua Hitler e seu sistema *nazi*, que o Eixo seja arrasado, porque das cinzas dessa “guerra justa” os vencedores

⁴² “The Western’s powers response showed how far they still were from seeing the problem as clearly as Stalin did”. Em tradução nossa: “A resposta das forças ocidentais mostravam o quanto longe ainda estavam de ver o problema [Hitler] tão claramente quanto Stálin via. (apud BULLOCK, 1993, p.562).

partilharão o mundo, como de fato ocorreu, em detrimento da Carta do Atlântico⁴³, referida por Amado na crônica “A Itália e a Carta do Atlântico”, de 13/9/1943: “[...] que assegura aos povos autodeterminação e as quatro liberdades fundamentais.” (AMADO, 2008, p.110).

Resta a pergunta: artistas, intelectuais comunistas como Jorge Amado teriam levantado a bandeira de Stálin seguindo cega e ingenuamente as diretrizes de Moscou ou sabiam das atrocidades e ambivalências do Kremlin e, ainda assim, em nome do socialismo, defendiam-no como a *cura* para as mazelas dos povos? Provavelmente, como se nota nas declarações, por exemplo, do próprio Amado, aquele filtro stalinista era altamente eficaz. Os *expurgos* do ditador soviético contra possíveis opositores de seu regime, o qual levou milhares de políticos e oficiais militares a trabalhos forçados na Sibéria, muitos morrendo de frio, fome e exaustão, tiveram imensa propaganda a favor do ditador durante os anos de perseguição contra os “inimigos do povo”.

Jorge Amado tampouco deve ter sabido que antes de Hitler decidir-se pela Operação Barbarossa (invasão da URSS em junho de 1941, rompendo com o pacto de não-agressão) ele esperava entender-se com Stálin “na base de uma espécie de partilha do Velho Mundo, numa repartição de esferas de influência” – as negociações fracassam porque Hitler julgou inadmissível o conjunto das exigências apresentadas por Molotov, o ministro do exterior soviético, o que basicamente incluía uma expansão da URSS na Escandinávia e no Báltico, além do sudeste europeu e em direção ao Mediterrâneo. Se o acordo tivesse logrado, Stálin teria de cumprir uma imposição do Reich que havia aceitado: a entrega à Gestapo (polícia secreta nazista) dos “refugiados políticos alemães, até mesmo os comunistas (MASSON, 2010, p.30). Mesmo um historiador marxista como Hobsbawm admite, ao se referir aos *expurgos*, que os “anos de 1942-5 foram a única vez em que Stálin fez uma pausa em seu terror.” (HOBSBAWM, 1998, p.47).

Voltando às origens da guerra, cabe lembrar a mansidão das potências ocidentais (o *muniquismo* a que Amado se refere), que assistem ao Führer minar o Tratado de Versalhes, assinado em 1919 como selo oficial do fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e colocando a Alemanha como causadora do conflito, o que a diminuía no panorama europeu ao se exigir a cessão de territórios para países fronteiriços, das colônias, restrição à indústria e ao tamanho de seu exército, bem como uma indenização pelos danos de guerra. Nessas condições, não é difícil prever o abatimento e humilhação do povo germânico perante a

⁴³ A Carta do Atlântico foi negociada em 1941 por Churchill e Roosevelt a bordo do HMS Prince of Wales, na qual se estabelecia a feição do mundo no pós-guerra. Entre outros pontos, o documento declarava a exclusão de barreiras comerciais, os ajustes territoriais deveriam estar de acordo com o *desejo dos povos*, cooperação econômica global e avanço do bem-estar social.

impossibilidade de um renascer econômico. Isso em um plano internacional, porque, no interno, havia “um enorme temor pelas manifestações revolucionárias”, um “sintoma da revolução russa”, a qual ameaçava os alemães “tanto quanto os judeus, uma raça vista como inimiga de todas as nações.” (MAGALHÃES, 1995, p.253).

No sentimento de angústia de todos, emergia o saudosismo da Grande Alemanha. Uma consequência dessa atmosfera é a queda da República de Weimar (democracia parlamentar, implantada no limiar da derrota na Primeira Guerra) e a ascensão do III Reich em 1933, explorando com habilidade o ressentimento do povo.

Do lado leste, a URSS traz a ameaça comunista aos ocidentais. Não é de se estranhar que uma política de apaziguamento baseada na concessão e no fechar de olhos para as investidas de Hitler apoderou-se das nações democráticas na década de 1930. A paciência dos ocidentais apenas termina em setembro de 1939 com a invasão da Polônia pelos nazistas em uma declaração de guerra não seguida, como pode parecer, de uma movimentação armada de contenção germânica. Embora não tenha havido nenhum grande combate até maio do ano seguinte, período esse conhecido como *drôle de guerre* (“guerra de diversão” ou “guerra de mentira”, como ficou conhecida no Brasil)⁴⁴, a não declaração de guerra à URSS pelas democracias é sugestiva. Naquele mesmo setembro, como aqui mencionado, as tropas de Stálin invadem a porção leste da Polônia. Não houve *nenhuma* reação a isso nem ao que se seguiu, a “agressão contra a Finlândia” por Moscou (MASSON, 2010, p.22).

Por que tal paradoxo? Masson atribui esse *lavar de mãos* de Paris e Londres, quando se trata da URSS, em razão do alvo específico que têm: a Alemanha. É como se tivesse havido um despertar de que Hitler desejava ferozmente uma segunda tentativa de hegemonia germânica. A declaração de guerra, agora, era para evitar uma “nova Munique” como pretendia o Führer – o que justifica aquelas afirmações de que nunca havia desejado o conflito. Masson conclui que o equilíbrio europeu é que estava em jogo no abrir de olhos das democracias; a *intervenção* nunca teria passado por razões ideológicas (noção ingênua) de deter a ameaça totalitária nazista ameaçadora de um mundo de paz e liberdade, sonho perseguido pelas democracias. Nesse despertar tardio no jogo cheio de blefes, o que a França e a Grã-Bretanha não querem de forma alguma é ver a Alemanha surgir como potência dominante na Europa. Daí que Stálin é visto como força a ser trazida para o lado ocidental, peça fundamental para conter o Führer.

⁴⁴ Segundo Nota do Revisor Técnico (N.R.T.) da obra de Masson, a “expressão *drôle de guerre* (correspondente em português à ‘guerra de diversão’) possui uma ambiguidade ao indicar ‘diversão’, tanto no sentido militar, de ‘espalhar tropas para atrapalhar o inimigo’, quanto de ‘diversão’ como guerra de ‘mentirinha’, de ‘araque’.” (MASSON, 2010, p.22).

A URSS, por sua vez, tampouco pretende se envolver numa guerra com os franceses e britânicos, com o Exército Vermelho minado de deficiências, sobretudo após os tais *expurgos* do senhor do Kremlin. As relações diplomáticas entre Moscou e as capitais ocidentais melhorariam “ao final do inverno de 1940” (MASSON, 2010, p.23). Sob o vislumbre das potências ocidentais de que a Alemanha era de fato o grande perigo – e metonimicamente Hitler seria o inimigo do mundo, encarnação do demônio, o anticristo – que a Segunda Guerra apresenta sua contradição: se os olhos *munistas* foram fechados para as agressões e imposições do Führer na década de 1930, após a declaração de guerra nenhuma das propostas de paz de Berlin foram aceitas.

Pelo menos duas vezes Hitler lançou propostas para se livrar da guerra indesejada: a primeira em outubro de 1939, após aniquilar a Polônia, e a segunda em junho de 1940, quando consegue que a França abaixe a cabeça com o apoio do marechal Pétain – duramente criticado por Amado na crônica “Pétain, o triste exemplo”, de 21/2/1943, na qual diz, referindo-se ao militar: “[...] sinônimo de traição [...] Triste exemplo de indignidade, melancólica velhice de um homem, repugnante fim de vida.” (AMADO, 2008, p.60). A Grã-Bretanha, mesmo tentada a um acordo, rejeita a ideia sob a liderança de Churchill. O que a história aponta é que os adversários do Eixo, a partir de setembro de 1939 e, sobretudo, após a entrada dos EUA na guerra, perseguiriam até o fim a vitória absoluta. Amado escreve em “Até a Rendição Incondicional”, de 28/1/1943: “Roosevelt e Churchill [...] declaram sua decisão de que a guerra só terminará com a ‘incondicional rendição da Alemanha, da Itália e do Japão’.” (AMADO, 2008, p.48). Em O “Gaiato de Madri”, de 27/7/1944, assim se lê: “Os povos em guerra e seus líderes mais eminentes já declararam clara e firmamente que só pode existir um única fórmula de paz: a de rendição incondicional.” (AMADO, 2008, p.235).

A marca que se instala no arrastar da guerra é justamente a do Eixo como o mal encarnado. É assim que Jorge Amado muitas vezes faz a “identificação do inimigo como um todo, sem distinguir entre governos e populações civis.” (FAUSTO, 2008, p.16). Anjos (os Aliados, principalmente a URSS) e demônios (o Eixo e seus apoiadores, *munistas*, mesmo no Brasil) surgem nessa atmosfera. O desejo dos Aliados e dos que se posicionam a seu favor é uma paz cartaginesa, “aquela que deixa os vencidos, segundo o adágio romano, apenas os olhos para chorar.” (MASSON, 2010, p.14). E nas palavras de Hobsbawm, de fato, a vitória dos Aliados “em 1945 foi total, a rendição incondicional. Os Estados inimigos derrotados foram totalmente ocupados pelos vencedores. Não se fez qualquer paz formal [...]” (HOBSBAWM, 1998, p.49).

O inimigo número um, o regime nazista, por exemplo, com seus campos de concentração e assassinato em massa, merecia tão somente a revanche dos Aliados: “Não pode haver acordo com um sistema que colocou a si mesmo como indigno diante da humanidade.” (MASSON, 2010, p.45). Na sequência, porém, Masson adverte que essa explicação não convence, porque até 1941 os alemães fazem uma “guerra correta” e o genocídio judeu apenas tinha começado. Sobre esse tema, o historiador depreende de uma conversa entre o presidente norte-americano Roosevelt e o embaixador britânico Anthony Eden que há “ceticismo ou indiferença” e que os mesmos *não* procurarão explorar isso em sua propaganda de guerra. Ainda mais delicada é a ideia de que os ocidentais nunca hesitaram “a aliar-se a outros totalitarismos, como os de Chiang Kai-shek, Mao Tsé-tung e mais ainda o de Stálin que nada tem a invejar o de Hitler.” (MASSON, p.45).

Mais à frente, Masson se refere a Roosevelt de uma forma que merece ser citada – síntese dos motivos pelos quais a Alemanha deveria ser arrasada:

Roosevelt quer esmagar o Reich para evitar o retorno das ambiguidades de 1918. A Alemanha deve sentir-se vencida. É preciso eliminar a lenda da punhalada pelas costas. O país será desnazificado, e a casta militar, associada sem razão ao regime, deverá desaparecer [...] Esmagada no aspecto militar, a Alemanha deverá ser ainda definitivamente enfraquecida e desmembrada. É a sua existência enquanto grande nação que está em causa. (MASSON, 2010, p.47).

O resultado inesperado das ações do presidente norte-americano em relação à redução da Alemanha a um “Estado pastoral”, desmantelada economicamente e *internacionalizada* no desmembramento do Reich, foi a facilitação da formação de uma hegemonia soviética na Europa. Roosevelt, ingenuamente, pressente que o sistema soviético de Stálin não é assim tão totalitário e deixa o senhor do Kremlin apossar-se, aos poucos, de metade do Velho Continente. A Guerra Fria mostrava sua face.

De qualquer maneira, o que interessa aqui é a postura da URSS desde as origens da guerra. Se até junho de 1941, Stálin estabelece negociações com Hitler, após a invasão alemã tudo muda no universo ideológico comunista. Convém mencionar a polêmica simpatia que comunistas nutririam pelos nazistas, enquanto, é claro, os dois regimes caminhavam em harmonia – aos olhos de quem estava de fora das negociações ambivalentes em Moscou. O

crítico Janer Cristaldo em seu artigo “A Grande Prostituta”⁴⁵ descreve Jorge Amado no começo da carreira como “estafeta do nazismo”. No parágrafo seguinte, Cristaldo explica:

Em 1940, durante a vigência do pacto de não-agressão germano-soviético, assinado por Stálin e Von Ribbentrop, [Jorge Amado] assume a edição da página de cultura do jornal pró-nazista “Meio-Dia”. Em uma reunião do Partido Comunista, é denunciado por Oswald de Andrade como “espião barato do nazismo” e instado pelo escritor paulista a retirar-se de São Paulo. Quando interrogado sobre o trabalho sujo deste período, Amado diz simploriamente: “Não me lembro” (CRISTALDO, 1998, p.2).

Menção semelhante o faz John W. F. Dulles em seu livro *O Comunismo no Brasil*. O autor cita Leônicio Basbaum (1907-1969), historiador brasileiro e militante do PCB: “muitos comunistas e simpatizantes brasileiros [...] faziam propaganda contra os Aliados e a favor da Alemanha [no início da guerra]” e alguns “intelectuais chegaram mesmo a trabalhar na imprensa de propaganda alemã e a receber subsídios da embaixada.”. Dulles finaliza afirmando que, segundo Carlos Lacerda, “Jorge Amado e Samuel Wainer receberam tais subsídios.” (DULLES, 1985, p.198)⁴⁶.

Nesta altura, convém resgatar a posição do governo Vargas diante do jogo de pôquer montado na época. O Brasil entraria no conflito a favor dos Aliados em 22 de agosto de 1942, quatro meses antes de Jorge Amado começar a escrever no jornal *O Imparcial*. A gota d’água para a declaração de guerra à Alemanha tem seu emblema no bombardeio de navios brasileiros por submarinos do Eixo, o que levou a população a exigir uma posição definitiva do governo. Roberto Sander contribui nesse aspecto com sua obra *O Brasil na Mira de Hitler – A História do Afundamento de Navios Brasileiros pelos Nazistas*. O jornalista destaca a revolta e indignação nacional que resultou em manifestações de protesto por todo o país, sobretudo por estudantes ligados à União Nacional dos Estudantes, a UNE, na capital federal.

O governo, diante de tantos afundamentos de navegações em um período tão curto, não teria como adiar uma ação mais firme contra o nazifascismo. O ministro da Guerra de Vargas, general Gaspar Dutra, *germanófilo* e que tantos obstáculos havia criado a uma atitude

⁴⁵ O texto do escritor e jornalista Janer Cristaldo se encontra em versão digital. Disponível em: <http://cultvox.locaweb.com.br/livros_gratis/amado_jorge.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2011.

⁴⁶ Samuel Wainer (1910-1980), filho de imigrantes judeus da Bessarábia radicados na capital paulista, inicialmente foi um esquerdista, jornalista ligado à revista *Diretrizes*, fundada por ele. Foi o único jornalista brasileiro a cobrir os Julgamentos de Nuremberg. Movimentou-se, na década de 1950, em direção a Vargas que, por sua vez, o apoiou na criação do conhecido jornal *Última Hora* (nomes como Nelson Rodrigues e Paulo Francis colaboraram na publicação), a fim de contrabalancear a propaganda *antivarguista*. Carlos Lacerda (1914-1977), figura conhecida por sua militância comunista nos anos 1930, abandona o PCB em 1939 e se torna grande porta-voz direitista no país. Marcado também por ações golpistas *derruba-presidentes*, Lacerda encarregou-se da tentativa de minar o lançamento de *Última Hora*, consciente de que o jornal faria propaganda a Vargas. Foi fundador da editora *Nova Fronteira*.

drástica contra os alemães, mostrou logo uma visão diferente. Sander cita o militar: ““Os afundamentos de nossos navios, ato monstruosamente criminoso, perpetrado friamente dentro de nossos próprios mares [...] cobre de luto os corações de todos os brasileiros [...].”” (SANDER, 2007, p.205).

Amado, na crônica “Carta do Marinheiro a Iemanjá”, de 3/2/1943, lembra o afundamento de uma embarcação sob o ponto de vista de um marinheiro, na famosa celebração que ocorre todo dia 2 de fevereiro: “Dona Janaína... Nesta tua festa do Rio Vermelho eu nada te trago senão a lembrança do meu navio [...] As feras chegaram, nos seus navios assassinos, e do meu barco, Iemanjá, resta apenas a lembrança dos que morreram, e foram muitos!” O baiano clama: “Hoje, Janaína, nós só te pedimos vingança [...] Os assassinos morrerão, um por um.” (AMADO, 2008, p.49-51).

Porém, não era apenas o sentimento de revanchismo que estava em jogo. Havia, obviamente, a ameaça de um ataque ao país face ao que os afundamentos representavam: a invasão a terras tupiniquins pelas forças do Führer. A extensão do litoral brasileiro, alinhado à África, poderia ser facilmente alvo alemão. É interessante citar aqui a epígrafe do livro de Sander que reproduz as palavras de Hitler: “No Brasil se acham reunidas todas as condições para uma revolução que permitiria transformar um Estado governado e habitado por mestiços numa possessão germânica.” (SANDER, 2007, p.15). Descontada a ausência de fonte/contexto de tal afirmação do líder alemão, não é ingênuo pressupor que a Alemanha vislumbrou *planos* para a América do Sul.

Antes de partirmos para outros elementos do conflito no Brasil, é preciso ainda concluir que de fato houve sérios temores de um ataque ao Rio de Janeiro (capital federal na época) vindo do mar. O Conselho de Segurança Nacional chegou a cogitar a transferência do Governo para a capital mineira, longe do litoral. Descartada a questão, uma vez que a Marinha garantiria proteção à cidade, Vargas tratou de reunir seu ministério. Era a primeira vez na ditadura do Estado Novo que “uma medida governamental seria tomada com base num sentimento que vinha de fora para dentro do governo e que expressava um anseio legitimamente popular”, visto que estava “em curso um movimento que misturava, num mesmo caldeirão, civismo, perplexidade e um certo pânico, causado por tantas mortes.” (SANDER, 2007, p.205-206).

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão censor diretamente controlado pelo gabinete de Vargas, anunciou naquele dia 22 de agosto de 1942 a decisão: “Diante da comprovação dos atos de guerra contra nossa soberania, foi reconhecida a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras – Alemanha e Itália [...].” O Japão ficara

de fora da declaração por não ter sido responsável por nenhuma destruição de navegação brasileira (SANDER, 2007, p.206).

Não apenas a soberania nacional e a comoção popular levaram o Brasil ao combate propriamente dito – Jorge Amado comenta o fato, em termos populares, na crônica “Soldados da Liberdade”, de 20/7/1944: “Logo depois de ter pedido a guerra, o povo pediu a guerra ativa.” (AMADO, 2008, p.232). Politicamente, Vargas teve como objetivo ao compor a Força Expedicionária Brasileira (FEB), no ano seguinte, além de controlar a situação interna que exigia uma *força militar* de fato, “projetar o país no cenário internacional.” (NEVES, 1995, p.308). Acrescenta-se a isso, mais especificamente, a ampliação das relações com os norte-americanos, reforçando, ainda, no plano interno, uma aliança política com os militares. Apenas um ano depois, em julho de 1944, é que as tropas brasileiras começaram a ser enviadas rumo à Itália – “De todas as partes do mundo, os antifascistas felicitam o povo brasileiro, que manda seus filhos para o bom combate.” (AMADO, 2008, p.233). Àquela altura, Vargas parecia *também* ter despertado para as vantagens de uma vitória dos Aliados.

Em seu artigo “A Economia Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial”, presente no livro *Segunda Guerra Mundial, Um Balanço Histórico*, Cézar T. Honorato e Geraldo Beauclair refletem sobre os enormes benefícios que a guerra trouxe para a economia brasileira. Os pesquisadores informam que isso teria sido possível graças à “formação de um expressivo estoque cambial, fruto do superávit da balança de pagamentos e da balança comercial articulado a um projeto industrializante implementado por Getúlio Vargas, aproveitando-se da adversidade da conjuntura.” (HONORATO; BEAUCLAIR, 1995, p.267). O Brasil deixava de importar e passava a exportar, sendo forçado a produzir internamente.

A FEB, de qualquer modo, parece ter sido obra de um setor das classes dominantes aliado a movimentos antifascistas e pró-capitalismo norte-americano. Assim destaca Luis Felipe da Silva Neves no texto *A Força Expedicionária Brasileira: 1944-1945*, também publicado no livro referido. O professor comenta que, por outro lado, havia a *quinta-coluna*⁴⁷ – sobre “quem” Jorge Amado tanto destilará horror em *Hora da Guerra* –, ou seja, as pessoas pró-Eixo dentro do Brasil. São esses “elementos que possibilitaram o símbolo da FEB – uma cobra fumando cachimbo – ao comentarem que seria mais fácil uma cobra fumar do que o país enviar tropas contra os alemães.” (NEVES, 1995, p.308-309). O lema da FEB passou a ser: “A cobra está fumando”. Amado comenta em sua crônica Soldados da Liberdade, referida

⁴⁷ Conforme explica Neves, o termo “quinta-coluna teve origem na guerra civil espanhola, quando Franco, avançando contra Madri com quatro colunas de tropas, referiu-se à ação de uma quinta, dentro da cidade atacada, composta de simpatizantes da causa legionária.” (NEVES, 1995, p.317).

anteriormente: “A quinta-coluna levantava então a bandeira de guerra simbólica e desenvolvia dezenas de argumentos para provar que nada tínhamos a fazer nos campos da Europa [...] hoje os soldados brasileiros estão prontos para a batalha.” (AMADO, 2008, p.233).

Única força latino-americana, embora *não* tão “pronta” para a batalha, com sérias deficiências de treinamento, preparo psicológico e carência de equipamentos, principalmente no início do combate, os mais de vinte mil soldados da FEB, oriundos de um país pobre e essencialmente agrário, conseguiram desempenho satisfatório na guerra. Em um movimento ao lado dos “ricos” norte-americanos (operação conjunta inédita até então na história do exército nacional), a força brasileira logrou, por exemplo, o aprisionamento de mais de vinte mil soldados da *Wehrmacht* (forças armadas alemãs), o que incluía dois generais, “fato não desprezível em função do número de soldados brasileiros.” (NEVES, 1995, p.310).

Se a Força Expedicionária Brasileira é um capítulo à parte – mesmo que marginal no contexto geral da Segunda Guerra, com deslizes e êxitos, assim como a postura pouco simpática que recebeu após o fim do conflito no próprio país e que mereceria aprofundamento –, é imprescindível, no que aqui nos interessa, um entendimento maior do processo que envolveu o Brasil no teatro bélico mundial. A razão disso, mais uma vez, porque as crônicas de Jorge Amado são escritas sob a visão de um comunista. O PCB, inimigo de Vargas, certamente teve de mudar de postura, numa espécie de aliança com a ditadura, se assim pode ser dito, em nome não apenas da *pátria socialista* (URSS), ameaçada por Hitler, como também da própria nação chocada com tantos inocentes mortos no afundamento de navios.

A *unidade*, aquela palavra de ordem dos comunistas frente à destruição do nazifascismo, falava mais alto e suspendia as diferenças. Em “Unidade Continental das Américas”, de 23/1/1943: “A unidade continental não será possível se em cada país não se concretizar a unidade nacional”. (AMADO, 2008, p.43). Já na crônica “Voz da Cultura”, de 14/6/1944, o escritor clama pela “sólida unidade dos escritores brasileiros, acima de quaisquer divergências estéticas, ideológicas e religiosas, pela democracia, contra a bestialidade e o obscurantismo nazifascista.” (AMADO, 2008, p.215). Conservadores e esquerdistas deveriam se unir – o nacionalismo, no fundo, era o denominador comum; na busca pela autonomia, a dependência era o paradoxo da nação, traço que permaneceu no pós-guerra.

Obra capital que objetiva preencher lacunas de uma história que muito tem a ser escrita é *O Brasil Vai à Guerra*, de Ricardo Seitenfus. Logo na introdução, o autor explica: “Subsistem muitas zonas nebulosas quanto às circunstâncias que conduziram o Brasil ao conflito. Apesar da recente abertura dos arquivos diplomáticos brasileiros, numerosas fontes permanecem até hoje inexploradas, senão inacessíveis.”. Duas perguntas de extrema

pertinência então encaminham seu projeto: “O Brasil desejou participar da guerra? Ou, preferindo-se uma pergunta menos acadêmica, qual encadeamento de circunstâncias levou o país à guerra?” (SEITENFUS, 2003, p.XV).

Inicialmente, vale lembrar que, no âmbito da política externa brasileira a partir de 1934 – já com Hitler no poder –, tem-se início uma intensa “atividade triangular” entre a Alemanha, a Itália (futuro Eixo) e os EUA com o Brasil. Contudo, a partir de 1935, há uma clara aproximação germano-brasileira, o que leva a preocupar os EUA e a supor que, muito em breve, a Alemanha estaria prestes a superar sua posição no comércio exterior com o Brasil. Tal aproximação se expressa não apenas no plano de trocas comerciais, mas também na luta anticomunista e na presença do “nazi-germanismo” no sul do país, em razão da forte colônia alemã que se mostrava ainda com escassa assimilação à cultura do país receptor.

Apesar dos obstáculos norte-americanos impostos no comércio entre Brasil e Alemanha, as negociações entre os dois países crescem extraordinariamente depois que Hitler chega ao poder. Em poucos anos, o Brasil se mostra relevante no comércio exterior alemão (sobretudo como fornecedor de algodão). Mais ainda: a partir de 1936, a despeito da oposição norte-americana, há projeções em grande escala na cooperação econômica germano-brasileira prevendo a “construção de um porto marítimo e de um arsenal naval no Rio de Janeiro, um complexo siderúrgico, uma fábrica de armas leves e o desenvolvimento de um programa ferroviário.” (SEITENFUS, 2003, p.24).

Quanto à luta anticomunista, tudo vem a calhar. Em 1935, com o pacto Berlim-Tóquio (anti-Komintern, mencionado antes) e, em novembro do mesmo ano, com a derrocada da Aliança Nacional Libertadora, organizado pelo PCB, com Luís Carlos Prestes clandestinamente à frente, Vargas fica na confortável posição frente ao apoio de peso contra seus opositores comunistas: a Alemanha de Hitler, avessa aos mesmos. É a partir dessa colaboração, inclusive com ligações entre a Gestapo e o DOPS, que surge o primeiro sucesso da cooperação anticomunista. A expulsão da judia de origem alemã Olga Benário, companheira de Prestes, extrapola a lei e a ética – grávida e declarando ser casada com um brasileiro, ela é entregue aos nazistas e, em suas mãos, não resistirá.

É nesse cenário de aliança que se inicia também toda uma rede de cooperação de combate à “infiltração judaica no Brasil”, fartamente documentada na obra *O Antissemitismo na Era Vargas*, de Maria Luiza Tucci Carneiro. Todo um arsenal de propaganda anticomunista também é imposto por Berlim. O que vai se assistir em seguida é a tentativa germânica de, aos poucos, usar a colônia alemã no Brasil (na maioria das escolas o idioma não é o português, assim como nos lares) para catapultar a ideologia nazista, embora nem

todos os colonos se afeiçoem a ela. O governo nacionalista de Vargas logo endurece e tensões começam a se formar.

Muito se poderia dizer também sobre as relações entre Brasil e Itália na mesma época. Em resumo, o comércio exterior se mostrava medíocre, a colônia italiana, embora expressiva, mostrava-se muito mais assimilada do que a alemã, e a aproximação do integralismo de Plínio Salgado⁴⁸ com o fascismo não logrou, da mesma forma que não havia alcançado êxito com o nazismo. Amado coloca em várias de suas crônicas Plínio Salgado como um grande *traidor* da pátria, além de outros adjetivos e deboche, como rato e *escroque*. A crônica “Considerações Quase Religiosas”, de 7/4/1944, é um exemplo: “Também aqui, nestas bandas da América o fascismo se apresentou revestido de máscara religiosa. Quem não recorda dos gritos histéricos do escroque Plínio Salgado, dizendo que ia salvar Deus e a religião?” (AMADO, 2008, p.207).

De todo modo, o Brasil sempre manteve boas relações diplomáticas com a Itália, o que viria a ser um dilema na guerra. O fascismo, por sua vez, encontrava adeptos em terras tupiniquins, levando os EUA a temer a ascensão de forças totalitárias no mundo. O liberalismo e a democracia norte-americanos corriam risco.

Com o golpe de Estado de Vargas em novembro de 1937, abrem-se duas fases nesse panorama que aqui se mostra. Seitenfus enumera os acontecimentos entre 1937 e 1938: “regime corporativo”, “ruptura entre a Itália e o integralismo”, “campanha de nacionalização no sul do país”, “as reações de Berlim e Roma, a tentativa de *putsch* [golpe de Estado] integralista de maio de 1938, as ações paralelas e subversivas das embaixadas italiana e alemã, e a ruptura com o Brasil oficial.”. A fase seguinte caracteriza-se pela “retomada do diálogo brasileiro-americano”, ainda que lento e, a seguir, uma reaproximação Brasil-Alemanha (SEITENFUS, 2003, p. 63-64).

O Estado Novo traz consigo dúvidas às democracias ocidentais: uma tendência latino-americana ou um golpe *inspirado* por ditadores europeus, no Eixo Roma-Berlim? O que parece ter havido foi, no mínimo, um forte aconselhamento alemão para o golpe de 1937. A

⁴⁸ Plínio Salgado (1895-1975), fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB), partido de extrema-direita, com fortes inclinações fascistas. À princípio, esteve ao lado da ditadura de Vargas, mas como esta deixou a AIB fora do governo e na ilegalidade, ataques a Vargas foram atribuídos aos integralistas. Salgado foi obrigado a buscar exílio em Portugal, onde também teria mantido contato com membros do Eixo, segundo Ricardo Seitenfus. Obra essencial sobre o assunto é *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Resservividade no Capitalismo Hiper-Tardio*, de José Chasin. Em prefácio de Antonio Cândido, o crítico cita uma das razões pelas quais os moços eram atraídos pelo integralismo, o que vai ao encontro do que Jorge Amado afirmou na crônica referida: “Tinha os que aderiam por devoção religiosa [...] contra o que chamavam ‘materialismo ateu de nosso tempo’ e englobava um medo irracional do comunismo.” (CHASIN, 1978, p.12). Isso justifica bem a crítica de Jorge Amado aos integralistas.

Alemanha, menos reservada que a Itália, acolhe com satisfação o novo regime autoritário instalado por Vargas. Berlin e Roma esperam, em seguida, uma adesão brasileira ao pacto anti-Komintern, que não se realiza, já que o Brasil não pretende deteriorar ainda mais suas relações com os norte-americanos e britânicos.

Com o nacionalismo em nome da *coesão nacional*, apregoada como uma das bases do projeto do Estado Novo, a relação Brasil-Alemanha encontra aquela tensão, já dita aqui, no que diz respeito à colônia germânica não-assimilada no sul do país. Uma grande intervenção é feita, por exemplo, nas escolas alemãs, que, até então, atuavam livremente. Era preciso deter qualquer grupo minoritário que pudesse ameaçar um governo que proclamava a unidade nacional, língua única e a soberania das fronteiras. É importante lembrar que antes mesmo de Hitler ascender ao poder, já havia no Brasil células bem constituídas do partido nazista, isso desde o final da década de 1920.

O momento era o prenúncio da deterioração das relações políticas entre os dois países. Em 18 de abril de 1938, Vargas proíbe qualquer atividade política praticada por estrangeiros em território brasileiro – a Alemanha entende que o Decreto-Lei n. 383 visava diretamente o Partido Nazista no Brasil. Ainda sim, no plano comercial, as relações se mantiveram normalmente. Não tardariam, porém, a se enfraquecerem frente a medidas restritivas adotadas pelo governo brasileiro, o qual passa a controlar a importação de produtos alemães, a fim de que “não adquiram uma importância desmesurada.” (SEINTENFUS, 2003, p.114). A crise germano-brasileira torna-se irreversível a partir de 1938. Por sua vez, a Itália não se abala com o nacionalismo de Vargas.

Com a tentativa do golpe integralista em 10 de maio de 1938 (o conhecido ataque contra o Palácio Guanabara, residência de Vargas), chegava a vez da extrema direita tentar uma ação golpista. Em 1935, como já dito, o comunismo havia tentado o mesmo, sem sucesso. Fracassado o plano dos *camisas verdes*⁴⁹ – como eram conhecidos os integralistas – os EUA declararam total satisfação com o malogro direitista: cai por terra a desconfiança sobre o caráter “fascista” do governo Vargas, restando apenas, a partir dali, que o Brasil lutasse contra a influência nazista em suas terras. Jorge Amado vai chamar os integralistas de “vermes” e crônicas como “Maníacos do Assassinato” se referem ao episódio do Palácio Guanabara: “O levante de maio de 1938, antes de ser uma revolta ou uma revolução, foi um atentado terrorista à pessoa do presidente da República, foi uma tentativa de assassinato.”

⁴⁹ Em razão de seus uniformes, os integralistas eram chamados de *camisas verdes* como também *galinhas verdes*. A Ação Integralista Brasileira, com o “anúncio” do Estado Novo, tinha expectativas de que faria parte do governo Vargas, uma vez que havia afinidades mútuas. Justamente o contrário ocorre: a AIB é extinta, sendo proibida qualquer agremiação política a partir de novembro de 1937.

(AMADO, 2008, p.87). A conclusão do escritor baiano, em 1943, revela o alinhamento entre os comunistas e Vargas.

Desconfianças do Brasil de que os nazistas poderiam ter apoiado e até mesmo financiado a tentativa de golpe, embora com bases vagas, dificultam ainda mais as relações difíceis entre os dois países. Se de um lado, a imprensa norte-americana desfaz a imagem de Vargas ditador *pró-nazista*, no Brasil, a reação dos jornais expressa uma espécie de campanha contra a Alemanha. As tensões entre Karl Ritter, o embaixador alemão no Rio de Janeiro, e Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, crescem sem disposição da diplomacia brasileira a uma *reaproximação*.

O auge da crise germano-brasileira atinge seu cume quando da dissolução das respectivas embaixadas e uma possível ruptura diplomática, que não acontece. De todo modo, a Alemanha perde sua influência no Brasil; em contrapartida, a presença norte-americana é cada vez maior. Oswaldo Aranha, um entusiasta da democracia praticada em Washington, estaria por detrás dessa aproximação ianque? Não se trataria de uma contradição quando se coloca aquela famigerada simpatia de Vargas pelo nazismo?

Quanto à primeira questão, a resposta é afirmativa: Aranha, ao assumir o Itamaraty tem como objetivo fundamental o aumentos das relações, “em todos os níveis”, com os EUA. De fato, as relações brasileiro-americanas sofrem uma mudança notável nos primeiros seis meses do Estado Novo (SEITENFUS, 2003, p.150).

No que concerne à contradição da segunda questão, o fato é que Vargas, assim como Dutra, ministro da Guerra e apreciador também do nazismo, joga, sobretudo, com a perspectiva de quem poderia oferecer mais vantagens. As decisões em um cenário internacional tão delicado muito provavelmente eram tomadas de acordo com a evolução dos acontecimentos. Difícil é afirmar categoricamente que uma teia conspiratória das democracias ocidentais, principalmente norte-americana, tivesse imposto uma ruptura do Brasil com o regime do Führer. O que se nota é uma combinação de fatores, mas que, no fundo, tem como base a seguinte lógica: em um mundo divido entre democracias e sistemas totalitários, parece natural que problemas com um leve à aproximação com o outro. A corrente americanista no Brasil não perde tempo em explorar a crise germano-brasileira a favor de Washington.

Nesse sentido, a coesão continental, pan-americana, é incentivada com veemência pelos norte-americanos. A confirmação disso é a Conferência de Lima, prevista para dezembro de 1938, cujo objetivo principal era deter a penetração do Eixo na América Latina. Apesar de a Argentina mostrar-se inflexível a essa ideia – estando seus interesses comerciais mais voltados à Europa e com um Exército simpatizante das forças alemãs –, decisões

importantes foram tomadas em torno daquele objetivo maior, ainda que com caráter de recomendação e reticência de alguns países, o que não resultou, como pretendia Washington, em um selo de união continental. Da parte do Brasil, porém, há total vontade de uma cooperação em larga escala com os Estados Unidos. Oswaldo Aranha será o homem responsável por essa ampla negociação⁵⁰.

A retomada diplomática germano-brasileira dá-se logo em seguida, em 1939, com a nomeação de novos embaixadores. Contudo, como afirma Seitenfus, a Segunda Guerra Mundial estava em vias de eclodir, tornando complexo e praticamente impossível o retorno de uma ação alemã consistente no Brasil.

Neste ponto é importante então compor um quadro mais geral do que significaria a eclosão da guerra em setembro de 1939 para o governo Vargas. A palavra de ordem, seguindo a Conferência do Panamá⁵¹, é neutralidade, a qual acaba encontrando dificuldades com a presença da marinha de guerra britânica no Atlântico Sul dificultando as navegações (sobretudo comerciais) da Alemanha. O efeito disso, como já observado, é a diminuição do comércio com os alemães e uma modificação dessas relações em benefício, principalmente, às democracias ocidentais. Com a influência norte-americana e franco-britânica cada vez mais intensa, o Eixo se apega ao que resta: a propaganda, que fracassa. A feição totalitária no Estado Novo então diminui.

Contudo, o sucesso alemão no início da guerra, principalmente com a queda da França, abala o mundo e tem como consequência no Brasil o retorno da simpatia pelos regimes totalitários na equipe do governo. Em 1940, a relação mantida com Roma é satisfatória. Cogita-se, assim, uma cooperação militar com a Alemanha, particularmente no fornecimento de armas pelos nazistas. Entre dois grupos – pró-democracias e pró-nazistas⁵² – a dubiedade de Getúlio Vargas cessa diante da derrocada francesa. Vargas então alimenta o *sonho alemão*, na definição de Seitenfus.

⁵⁰ Oswaldo Euclides de Sousa Aranha (1894-1960) ficou na história do período aqui tratado como ilustre diplomata brasileiro por suas negociações nas conferências pan-americanas e alinhamento americano. Antes, foi o grande articulador da Aliança Liberal e do levante que tornou realidade a Revolução de 30. Aranha fazia parte do grupo que combatia a ala *germanófila* no governo e, embora tenha presidido a II Assembleia Geral da ONU que culminou na criação do Estado de Israel em 1947, há provas de envolvimento no antisemitismo praticado durante a era Vargas, como apontam os estudos de Maria Luiza Tucci Carneiro, aos quais nos voltaremos em momento oportuno.

⁵¹ A Conferência do Panamá (1939) foi a primeira reunião dos países americanos após a eclosão da guerra em setembro, com vistas ao posicionamento em relação ao conflito. O estabelecimento de regras, com caráter de *recomendação*, basicamente atinge o objetivo fundamental: a neutralidade.

⁵² O ministro da Guerra e futuro presidente Eurico Gaspar Dutra (1883-1974) e o general e político Pedro Aurélio de Góes Monteiro (1889-1956) eram as grandes figuras de destaque no governo que apoiavam um alinhamento com a Alemanha.

Em seu discurso de 11 de junho de 1940 no Encouraçado Minas Gerais, Vargas faz um apelo em tom “fascista”: o Brasil deveria objetivar o aparelhamento das Forças Armadas e o desenvolvimento industrial do país, sendo ele o grande visionário de 1937. Oswaldo Aranha pressiona o estadista a rever o polêmico discurso e a esclarecer suas intenções com um comunicado publicado no dia seguinte: nenhuma modificação à política internacional seria adotada. Se tal ação visava por parte de Aranha acalmar, em particular, a reação dos EUA, o Eixo recebia com entusiasmo o discurso proferido na véspera. Vale citar a declaração de Mussolini: “um discurso como esse é digno do estadista que vê a nova realidade histórica europeia como ela é verdadeiramente e não como as democracias tentam mostrá-la.” (SEITENFUS, 2003, p.216).

Importante também mencionar o segundo discurso de Vargas, em 29 de junho. Deduz-se que nele, pela primeira vez, publicamente, o ditador colocava sua posição antisemita por meio de uma expressão particular (*financismo cosmopolita*) utilizada na perseguição judaica na Europa. O tom, entretanto, é mais moderado que no anterior.

O resumo da ópera getulista é que o estadista, dentro de suas ações antidemocráticas desde sua ascensão ao poder em 1930, percebe que o sucesso alemão confirma sua ideologia: os *povos fortes* são superiores às democracias. Tal como fez Mussolini, nada mais lógico do que se aliar aos vencedores. Se na aproximação com os norte-americanos – via Oswaldo Aranha – Vargas estava impossibilitado de proclamar em público sua simpatia aos regimes totalitários, o novo cenário agora lhe permitia uma opção mais categórica e menos ambígua. Os acontecimentos lhe davam razão.

Há ainda que se considerar que diante de um poder de negociação mínimo que o Brasil sempre teve no cenário mundial, Vargas aproveitava-se da situação para aumentar a posição brasileira nesse aspecto. O objetivo era o fortalecimento militar e econômico (aquele expansão) e o Estado Novo também parecia querer se aproveitar do momento para encontrar o caminho que conduzisse o país a uma maior autonomia.

De julho de 1940 a dezembro de 1941, o Brasil se desloca do sonho alemão para a realidade americana. A retomada da cooperação germano-brasileira encontra boas perspectivas após os pronunciamentos de Vargas. Entretanto, o bloqueio marítimo britânico e a pressão norte-americana (ao fortalecimento de vínculos) tornam-se um entrave às negociações – Vargas mantém contatos secretos com a embaixada alemã. O problema no sul do país com o perigo nazista na colônia germânica é a pedra no caminho Berlim-Rio de Janeiro. Os ataques a Pearl Harbor colocam em definitivo os EUA na guerra e a situação brasileira nesse contexto obriga, em princípio, aos acordos pan-americanos; a posição do

governo brasileiro é a de solidariedade, vista como meramente “platônica” pelo Eixo, mas que se revela em um jogo duplo com vistas àqueles benefícios que o Brasil tem em mira: fortalecimento econômico-militar.

O período de janeiro a agosto de 1942 é marcado pela aceleração dos acontecimentos. Os representantes do Eixo no Brasil têm como meta e expectativa – a julgar pela dubiedade brasileira – a luta pela neutralidade do país e que este ajude a estendê-la pela América Latina. Essas últimas tentativas de Berlim-Roma-Tóquio não demonstram êxito e, já no início do ano, Oswaldo Aranha sinaliza que a embaixada alemã “deve preparar-se ‘para fazer as malas’” (SEITENFUS, 2003, p.266).

Os dois grupos no governo brasileiro parecem bem claros: de um lado, o Itamaraty, adversário da neutralidade e defensores de uma aliança de fato com os EUA; de outro, os *germanófilos*, que defendem a não-ruptura com os países do Eixo. Na Conferência do Rio de Janeiro, sob a batuta dos EUA, o Brasil, juntamente com outros 22 países do continente, dissonando apenas a Argentina e o Chile, toma finalmente sua posição: o rompimento das relações diplomáticas e comerciais com o Eixo. As resoluções da Conferência adotadas incluem cooperação militar e econômica além de medidas contra simpatizantes nazifascistas no território das Américas, o que origina o *Comitê de Urgência de Defesa Política*, sediado em Montevidéu. Na mira: a sabotagem, a espionagem e a propaganda.

Embora tenha havido forte oposição de elementos no governo brasileiro à ruptura, segundo a justificativa de que o país não estaria preparado militarmente para uma possível reação do Eixo, Getúlio Vargas concorda com o rompimento. É interessante o recado de Mussolini que, diferente da frieza alemã diante da posição brasileira, ordena que se diga que “o Duce tem memória de elefante e que chegará o dia em que ele fará o Brasil pagar caro por essa decisão”. (SEITENFUS, 2003, p.280).

A partir de fevereiro de 1942, submarinos alemães e italianos começam a suas atividades no Atlântico. Uma série de destruição a navios mercantes brasileiros tem início – só até abril do mesmo ano, o Brasil perderia sete embarcações com quase duzentas vítimas fatais. Os ataques continuam ao longo do ano e atingem o cume da violência em meados de agosto, quando o navio de passageiros *Baetendi* é afundado, onde morrem 269 pessoas, sendo 141 militares que estavam em direção a quartéis do Recife e o restante, civis. Seguem-se nos dias seguintes, o afundamento de outras embarcações de passageiros: o *Araraquara* (129 mortos), *Aníbal Benévolo* (150 vítimas), o *Itagiba* (39 vítimas) e o *Arara* (20 mortos).

Nessa época, em agosto, Jorge Amado se encontrava na capital uruguaia, onde escrevia parte de *Terras do Sem-Fim*. O baiano desembarcava no dia 8 de setembro em Porto

Alegre, decidido a solidarizar-se com a entrada do Brasil na guerra antifascista. Preso e enviado ao Rio, como já dito, é posto em liberdade, desde que permanecesse em Salvador. Em dezembro, Amado começa a escrever a coluna “Hora da Guerra”.

O clima que o escritor encontra é este: um país em polvorosa sob uma ditadura um tanto ambígua, o PCB aliando-se a esse governo na luta contra o Eixo, um carrossel de guerra que vai girar arrastado por anos ainda, sem possibilidade de paz sem vencedores. Os primeiros meses que se seguem da declaração de guerra do Brasil ao Eixo não indicam uma mobilização militar brasileira efetiva (mesmo porque não haveria preparo para isso). A Alemanha ainda tentava algum diálogo com Vargas que, em sua fatal ambivalência, a qual lhe custaria alto em 1945, quando seria deposto pelos militares, combatia oficialmente os regimes totalitários, mas matinha uma ditadura no país. Em 1944, os soldados da FEB seguem rumo a Nápoles. O Brasil *vai à guerra...*

Resgatados alguns elementos fundamentais que levaram a esse desfecho, resta agora a pergunta essencial que aqui interessa: qual a visão do Jorge Amado dos anos 1940 sobre a Guerra? A resposta está nos limites e entrelinhas de sua *crônica*, ainda que *panfletária*, hoje documento e parte de sua obra. É ela, pois, quem deve falar.

3. HORA DA CRÔNICA

“É claro que ninguém vai imaginar que se possa escrever diariamente uma crônica perfeita. Um dia sai melhor, outro dia mais fraca, mas de qualquer maneira [as crônicas] representam uma contribuição para esclarecer o povo, uma ajuda ao esforço de guerra do país, e também marcam uma posição definida.” (JORGE AMADO, “Aniversário da ‘Hora da Guerra’”, 23/12/1943, 2008, p.28).

A crônica⁵³ publicada na imprensa normalmente oferece dois limites para o autor. O primeiro é o espaço, a quantidade de linhas, palavras, parágrafos que o jornal abre em determinado caderno e página onde o texto vai ser publicado. Em tempos digitais, certamente esse limite físico pode ser de alguma forma estendido ou bastante *flexibilizado*, levando-se em conta que a página eletrônica pode ser gerada independente de um corpo único diagramado, como é o caso da versão impressa de periódicos. Quanto ao segundo limite, ele se descontina, na realidade, mais como um desafio: a crônica em geral exige frequência, é publicada sob a assinatura de certo autor, em uma certa coluna, com dia determinado, em espaço determinado.

No fragmento da crônica acima, que nos serve de epígrafe, Jorge Amado mostra ciência desses limites, sem deixar de transparecer um leve desconforto. Ele esclarece: “Sou por vocação um romancista e agora mesmo venho de terminar de escrever mais um romance [*São Jorge dos Ilhéus*].” (AMADO, 2008, p.28). Na sequência, sua visão do ofício de escritor (“seja o romancista, o poeta, o cientista”), o qual deve usar o espaço que lhe abrem para uma causa justa, honrada – a tal “*posição definida*”:

Não creio, porém, que nenhum escritor possa, no momento presente [Segunda Guerra Mundial], manter-se nos limites da sua obra de criação [...]. Tem a obrigação de empregar sua capacidade de escritor no esclarecimento dos problemas referentes à guerra, dos problemas imediatos, esses que surgem todos os dias. (AMADO, 2008, p.27-28).

Parece não haver muita dúvida quanto ao que é a crônica para Jorge Amado nos anos 1940. Sua posição parece bem nítida. O escritor tem uma obra, nas palavras dele, “de criação”, o que talvez remeta à ideia de que ela representaria um projeto de escrita maior

⁵³ “A crônica, tal qual entendemos hoje, deu seus primeiros passos nas páginas dos jornais e valia-se, principalmente, dos *faits divers* e, se comparada à divisão clássica da literatura, ver-se-á que tal gênero assemelha-se ao chamado ‘gênero menor’ praticado na antiguidade. Tal semelhança deve-se ao fato de ambos alimentarem-se da vida mundana, dos acontecimentos do cotidiano, do efêmero, afastando-se das grandes histórias, dos grandes heróis, matéria do chamado ‘gênero maior’” (OLIVEIRA, 2010, p.199).

desse artista-intelectual – em seu caso, a extensão é determinante, já que ele deixa bem marcado ser um *romancista*. Também maior no sentido de elaboração: aquele que escreve um romance, uma poesia ou um tratado científico necessita, em sua maior parte, de tempo para que essa escrita atinja a forma/maturidade que se pretende; pesquisa e revisões são etapas necessárias para se atingir esse fim, sem contar o processo de edição. Outro elemento ainda presente na palavra “criação”: inspiração.

O escritor, seguindo essa “lógica amadiana”, não pode se prender unicamente a essa obra, esse projeto, que exige *insight*, aprimoramento e publicação em suporte adequado. A crônica, por outro lado, suspenderia tais exigências – ou pelo menos encurtaria todo o processo dessa tríade. O seu valor estaria na oportunidade de o escritor fazer esclarecimentos dos “problemas imediatos” que “surgem todos os dias”. Há uma função na crônica, assim posto. Essa maneira de ver de Amado, de paralelamente à “obra de criação” o intelectual dispor-se a uma escrita mais cotidiana, rápida, encravada no real, encontra-se articulada à sua militância política – o jornal a serve.

Amado exige posicionamento de artistas e intelectuais. É o escritor empenhado a que se refere Antonio Candido, aquele “que tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica.” (CANDIDO, 1995, p.181). Contudo, o crítico alerta sobre o perigo de se “afirmar que a literatura só alcança a verdadeira função quando é deste tipo.” (CANDIDO, 1995, p.181). E exemplifica: Para o regime soviético, a literatura autêntica era a que descrevia as lutas do povo, cantava a construção do socialismo ou celebrava a classe operária. (CANDIDO, 1995, p.181)⁵⁴. Amado vai chegar a tal extremo no começo da década de 1950 com a publicação da trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*.

Na época da Segunda Guerra, o artista teria, para Jorge Amado, de cumprir seu dever, conscientizar-se de que “a pena ou a máquina de escrever são armas tão mortais e necessárias quanto o fuzil e a metralhadora.” (AMADO, 2008, p.28). Em “A Poesia Também é uma Arma”, crônica de 31/12/1942, ele clama: “Por que então os escritores todos, todos os artistas, os sábios e os poetas, não se atiram à luta real e decidida contra a ameaça de escravidão nazista que pesa sobre o mundo e sobre o Brasil?” (AMADO, 2008, p.32). Critica os *alienados*, ecoando o modernismo: “Por que alguns se deixam ficar, cômoda e criminosamente, perdidos em sonetos e em poemas, em inoportunas discussões de ordem estéticas?” (AMADO, 2008, p.32). Então invoca duas palavras tão caras ao comunismo:

⁵⁴ Cândido afirma em relação à narrativa da década de 1930 que foi a partir dela que o “romance de tonalidade social passou de denúncia retórica, ou de mera descrição, a uma espécie de crítica corrosiva, que podia ser explícita, como em Jorge Amado, ou implícita, como em Graciliano Ramos [...].” (CANDIDO, 1995, p.185).

[...] José Lins do Rego, Erico Verissimo, Marques Rebelo, Augusto Frederico Schmidt, Wilson Lins e Graciliano Ramos, que, em entrevistas, artigos e discursos têm chamado os escritores à *unidade* e à *ação*. Vozes que representam setores diversos da inteligência brasileira [...] É preciso compreender que não serão somente os escritores da esquerda que sofrerão com a escravidão nazista. (AMADO, 2008, p.32-33, grifo nosso).

A unidade nacional em torno do governo, como afirma Boris Fausto, foi a tese consagrada na chamada Conferência da Mantiqueira⁵⁵, em agosto de 1943, com o apoio de Luís Carlos Prestes, líder do Partido Comunista. Desde junho de 1942, “mesmo reprimido e na clandestinidade, o PCB passou a apoiar a participação na guerra.” (FAUSTO, 2008, p.19). Convém lembrar que, a partir dessa decisão, Jorge Amado resolve voltar do exílio no Uruguai e logo começa a escrever as crônicas de guerra, já em dezembro desse mesmo ano. Como explica Dulles, no já citado *O Comunismo no Brasil*, os comunistas viam a tarefa de mobilização contra os nazifascistas (sobretudo, é claro, depois da invasão da União Soviética pela Alemanha) não só como pertencendo ao governo, mas ao “povo por inteiro, o inimigo só podia ser enfrentado por ‘povos unidos, ferreamente unidos’.” (DULLES, 1985, p.230). Daí que a palavra **unidade** ecoa em muitas das crônicas de Amado – unidade nacional, unidade continental, unidade mundial. A essa noção, outra: “identidade sem divergências entre os grandes líderes da luta contra o nazifascismo: Stálin, Churchill e Roosevelt.” (FAUSTO, 2008, p.20). O que se confirma com a passagem de Dulles, quando cita telegrama de Prestes à publicação *La Razón*, de Montevidéu, no qual dizia que “para o sucesso dessa luta” era necessário que se agisse “como Stálin, Churchill, Roosevelt e Chiang Cai-chek: confiar no povo.” (DULLES, p.234). Vale aqui citar outra consideração de Dulles:

Amado, depois de solto [após retorno do Uruguai, em 1942, preso por dois meses em Ilha Grande, no Rio de Janeiro], passou muito tempo na Bahia, cooperando no esforço de guerra com seus artigos e também com discursos ocasionais. [...] Jorge Amado mandou uma mensagem aos escritores católicos, sugerindo que esquecessem as “diferenças ideológicas” e “trabalhassem juntos contra as forças demoníacas do nipo-nazifascismo”. (DULLES, 1985, p.236-237).

⁵⁵ A II Conferência Nacional do Partido Comunista do Brasil (PCB), conhecida como Conferência da Mantiqueira (proximidade da serra com esse nome), foi realizada entre 27 e 29 de agosto de 1943, na clandestinidade, em Barra do Piraí, estado do Rio de Janeiro. “Luís Carlos Prestes foi eleito membro do Comitê Nacional e secretário-geral da organização partidária provisória.”. Na Conferência, foi aprovado “um relatório que descrevia a guerra como sendo de ‘libertação dos povos nacionalmente oprimidos pelos fascismos’ [...]” e foi adotada “uma posição partidária de união nacional em torno do governo para a luta contra o nazifascismo.” (DULLES, 1985, p.251-252).

As crônicas de Jorge Amado, portanto, assumem noções, movimentação e vocabulário que o Partido Comunista pregava na época. Interessante notar que a palavra *povo*⁵⁶ (coletivo) é uma das mais frequentes – senão a mais – em seus textos de *Hora da Guerra*. É impressionante como o vocábulo, tão emblemático na produção amadiana, encontra no tom panfletário a ideia de que é pelo “popular” que uma revolução mundial pode ser feita, deixando para trás o atraso e a opressão. Nessa fase de Jorge Amado, as massas já encontram “voz” em sua sensibilidade de escritor, ainda que o discurso comunista as coloque no plano da revolução proletária, tão esperada na época pelo ideal esquerdista. O discurso de Amado, como artista, inscreve-se naquela posição de que Daniel Pécaut trata em seu livro *Os Intelectuais e a Política no Brasil – Entre o Povo e a Nação*. Para o sociólogo francês, os artistas-intelectuais tendem a ver a si próprios como porta-vozes do povo e da nação, colocando-se em cena “sob formas onde parecem dotados de onipotência”, como uma categoria social à parte, espécie de *sacerdotes*, com um papel privilegiado na sociedade, mas, ao mesmo tempo (e talvez paradoxalmente), em simbiose justamente com esse povo e nação (PÉCAUT, 1990, p.179).

Para deixar aqui apenas um exemplo, na crônica “De Londres a Berlim”, de 27/11/1943, em seu quinto parágrafo, com 17 linhas, leem-se oito vezes a palavra *povo*. Ou seja, praticamente o vocábulo aparece a cada duas linhas, na tentativa de marcar seu posicionamento de intelectual sensível às massas. A veemência de seu discurso é como realmente o clamor de um líder que enxerga a luz, para que o povo-nação reaja, encontre a união e destitua os *demônios* que ameaçam os povos.

Isso colocado, podemos voltar à questão da crônica, ao indagar: diante dessa agilidade com que se processa esse gênero, incluindo aí sua recepção, Jorge Amado via a crônica como “menor”, apenas como um texto rápido, calcado no cotidiano, e por isso instável, naquele sentido de “um dia sai melhor, outro dia mais fraca”? Dessa indagação, desdobra-se outra: Sua crônica, ontem e hoje, é “literatura”?

Em primeiro lugar, há de se notar que Amado vê os seus textos como uma escrita que se prende à realidade imediata e como algo útil, numa perspectiva, portanto, pragmática. Tamanha é sua “utilidade” que o escritor a compara a uma “arma”, a uma “metralhadora”. A coluna “A Hora da Guerra”, o espaço aberto pelo jornal a “um escritor brasileiro”, é comparada a uma “pequena trincheira”: “Não importa muito que seja pequena, o que importa é que seja uma trincheira.” (AMADO, 2008, p.28). O seu objetivo, um tanto utópico, naqueles

⁵⁶ Palavra esta “tantas vezes acionada pelo escritor” em toda sua obra (GOLDSTEIN, 2000, p.84).

tempos em que utopia⁵⁷ e ideologia se casavam: “Nesse canto de página têm sido examinados os diversos problemas políticos do mundo em guerra. Com amplo desejo de acertar, de orientar os leitores, de ajudá-los na sua luta por um mundo melhor.” (AMADO, 2008, p.27). O que se observa, mais uma vez, é sua posição de artista engajado⁵⁸ que esclarece o *povo*.

Outro aspecto então se abre. O que era o jornal *O Imparcial* na época? “*O Imparcial* era um dos veículos de oposição à política de Getúlio Vargas e se tornou a trincheira perfeita para que Jorge Amado pudesse propagar suas ideias.”. A sede se localizava no “centro nervoso da cidade, frequentado por oficiais americanos”, prestando-se também a “encontros e reuniões políticas”, e suas sacadas eram o púlpito para “oradores inflamados” (FRAGA; GOLDSTEIN, 2008, p.10). As autoras informam que o convite para que Amado viesse a assinar a coluna em *O Imparcial* “veio do amigo Wilson Lins, filho do coronel Franklin Lins de Albuquerque, importante chefe político na região do São Francisco [...] e dono do jornal (FRAGA; GOLDSTEIN, 2008, p.10).

Jorge Amado conta:

Quando saí da prisão [...] a polícia me designou residência na Bahia. Cheguei aqui, ele acabara de comprar um jornal – o jornal em que trabalhei quando adolescente [...] que desde então passara pelas mãos de diversos proprietários, entre os quais [...] os integralistas [...] e finalmente o coronel Franklin, que tinha muitos interesses políticos no sertão e na cidade [...]. Fora para defender seus interesses que ele comprara *O Imparcial*, e também para dar trabalho ao filho, na direção do jornal [...]. (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.174).

Então reconhece que “depois de minha saída da prisão, sem meios para viver, sem nada, o coronel me abriu o jornal.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.174). Amado afirma que *O Imparcial* foi uma publicação muito popular na Bahia e comenta sobre a coluna que assinava: “Assim, conduzimos a campanha de guerra em favor dos Aliados. Todos os dias eu assinava um artigo. Uma campanha de guerra antinazista, com o apoio do velho coronel.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.174).

A contradição (ou a dupla-face) é gritante, mas traz à tona a crônica-jornalismo como *ganha-pão* de escritores. Se de um lado há o proprietário do jornal, o coronel que havia

⁵⁷ Especificamente sobre o assunto, veja-se o livro aqui já referido de Eduardo de Assis Duarte, *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia* (1996).

⁵⁸ Sobre a relação autor e ideologia, Alfredo Bosi, em *Literatura e Resistência* (2002), e Terry Eagleton, em *Marxismo e Crítica Literária* (2006), observam que tal articulação não poder ser reduzida a um espelhamento entre estrutura social e obra literária. Em seu lugar, uma leitura crítica que busque o autor imerso no tecido ideológico de uma época, revelando o quanto possível suas coerências, divisões, contradições e alterações, conforme Antonio Cândido em *Tese e Antítese* (2006).

inclusive combatido a Coluna Prestes⁵⁹, como afirma Amado⁶⁰, mas que não deixava de ser amigo de um comunista e de apoiar as vozes contra o governo, de outro lado há os jovens literatos que necessitam de sustento. Linhas contraditórias suspensas, ambos se apoiam e ganham, cada qual a seu modo. Essa relação entre escritores e jornalismo é flagrante nas letras brasileiras. Inúmeros autores buscaram – e ainda buscam – seu sustento escrevendo em jornais, sobretudo colaborando como cronistas.

Amado assume essa condição: “Escrevi grande quantidade de artigos políticos naquela época. O essencial de minha produção consistia em artigos.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.222). Destacando que *artigo*⁶¹ está como sinônimo de crônica, e não ensaio, e que a época a que ele se refere é a década de 1940. Mais do que um romancista, Amado pode ser visto nesse período, em termos de volume de produção e profissionais, como um cronista, um colaborador que recebe para escrever em periódicos. Flora Süsskind, em sua obra *Cinematógrafo de Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*, afirma que, desde os fins do século XIX, a profissionalização do escritor passou muito pela inovação técnica na imprensa, assim como pelo descortinar de uma indústria publicitária no Brasil. A autora conclui que a maior parte dos homens de letras, a partir desse mesmo período, dirigiu-se ao jornalismo; bons salários vinham acompanhados de prestígio e influência; o jornalismo esteve amarrado à política e também como meio de ascensão social (SUSSEKIND, 1987, p.71-84).

O caso de Amado une então a necessidade econômica com a vocação de escritor, assim como a atração ideológica de fazer uma “literatura” libertária, dentro de uma tradição que vinha de jornais operários e do esquerdismo. O interesse político é igualmente flagrante, o que é confirmado pela sua candidatura à câmara federal, sendo eleito deputado em 1945, como aqui já tratado. O baiano parece ter costurado uma coisa à outra.

Nesse sentido, a leitura das crônicas de guerra de Jorge Amado sugere a consciência do escritor de que seu texto deve atingir os leitores como uma conversa ao *rés-do-chão*, na

⁵⁹ A Coluna Prestes, movimento político que percorreu, entre 1925 e 1927, mais de vinte mil quilômetros do país, objetivando disseminar a revolução ao pregar reformas sociais e combater a República Velha, enfrentou o Exército, forças policiais dos estados, além de jagunços, iludidos por promessas de anistia. Os líderes da Coluna: Luís Carlos Prestes e Miguel Costa. O apelido *Cavaleiro da Esperança* de Prestes tem origem nesse movimento que, mesmo fracassado, preparou terreno para a Revolução de 1930.

⁶⁰ Em depoimento: “Houve um chefe sertanejo [Franklin Lins de Albuquerque], um líder de jagunços, que lutou obstinadamente contra a Coluna [...]. Eu o conheci, fui seu amigo; ele gostava de mim, e gostava tanto que, ao saber que eu era comunista [...] nunca me chamou de ‘comunista’. Para ele a palavra comunista era um insulto [...] tão abominável [...] que, por amizade, ele não me chamava de comunista, mas ‘russista’ – pois achava o termo menos ofensivo.” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.173-174).

⁶¹ É muito comum o vocábulo *artigo* ser referido como sinônimo de crônica no âmbito do jornal. *Artigo*, em nosso conceito, relaciona-se mais como ensaio, no qual uma ideia é exposta ou defendida ao leitor. A problematização, neste caso, emerge: as crônicas de guerra de Amado são realmente crônicas ou meros artigos que comentam o conflito? Arriscamos: ora crônicas ora artigos.

concepção de Antonio Candido. O coloquial das rodas de discussão nas praças e botequins impregna seu discurso e é elemento fundamental para fisgar seu público. A ironia e o humor, assim como a oralidade, estão fortemente presentes:

QUANDO TERMINOU AQUELE CARNAVAL INTEGRALISTA, EM DUAS FORCAS, ARMADAS numa estrada, se encontravam pendurados Plínio [Salgado] e Gustavo [Barroso], os dois chefes [...]. Então, entre Plínio e Gustavo travou-se o seguinte diálogo:
 PLÍNIO: – Está vendo, Tavinho? Tão Traindo [...]
 (AMADO, 2008, p.67).

O popular se mescla aos acontecimentos: “Pode-se dizer, repetindo a frase de uma baiana, que Hitler e o nazifascismo são inimigos do Senhor do Bonfim.” (AMADO, 2008, p.35). Palavras negativas são abundantes e revelam o ódio aos inimigos: “feras”, “bestas”, “vermes”, “traidores”, “bandidos”, “miseráveis”... E assim é o “rato Adolf”, o “monstro Hitler” ou o “anticristo Adolf”. O maniqueísmo revela seu outro extremo: “honra”, “grandeza”, “dignidade”, “decência”, “solidariedade”, “heroísmo”, “fraternidade”, “paz”... “Aliados”. Um lirismo “emocionalista”⁶² também tem seu lugar em muitas crônicas. Antonio Candido define esse viés do gênero: “Ela [a crônica] é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas.” (CANDIDO, 1995, p.14).

Em “Carta do Marinheiro a Iemanjá”, de 3/2/1943, referindo-se ao afundamento de navios brasileiros: “Que as tempestades os engulam nas tuas noites de fúria, Iemanjá. Que os ventos bonançosos soprem somente para os barcos aliados. Que morram todos, um por um [...]” (AMADO, 2008, p.51). Ou no texto “Solidários com a Vossa Dor?...”, dirigindo-se aos judeus: “Queriam dinheiro e tomaram vossa dinheiro. Queriam matar e mataram vossos irmãos. Queriam torturar e torturaram vossos filhos e vossas mulheres.” (AMADO, 2008, p.53). A construção desse lirismo muitas vezes se dá pelo efeito de reforço/ritmo do paralelismo, evocando a poesia de tradição oral, a litania, a canção⁶³.

⁶² Veja-se a introdução de Márcio Seligmann-Silva ao livro *Laocoonte* – Ou sobre as fronteiras da Pintura e da Poesia sobre certa concepção de que o convencimento na poesia (“*persuadere* no jargão da retórica clássica”) passa pela emoção, conforme as conclusões de Dubos em seu *Réflexions Critiques sur La Poésie et sur La Peinture* (1719) (SELIGMANN-SILVA, 1998, p.20). Quanto ao aspecto lírico de muitas crônicas de guerra de Jorge Amado, o conceito que aqui se propõe é o que se liga à *emoção* ou aquele ao qual Emil Staiger se refere: “clima lírico” (STAIGER, 1975, p.15), que pode evocar “canção”. Daí que os textos de *Hora da Guerra* em que Amado deixa de lado o “tom referencial” para adentrar um “tom lírico” é eivado de paralelos e imagens que evocam a destruição, o sofrimento, a vingança, etc.

⁶³ No plano formal, Amado resgata várias formas da tradição popular em seu projeto literário em geral, especialmente em sua narrativa, a exemplo do cordel e do folhetim, “sem perder a oportunidade de infiltrar no enredo mensagens de fundo político, com vistas à emancipação das classes marginalizadas.” (BERGAMO, 2008, p.79). Goldstein, ao tratar do romance *Jubiabá* (1935), também apontará a estrutura do cordel na obra,

Os textos de Jorge Amado reunidos em *Hora da Guerra* mostram claramente outro caráter inerente à crônica: o hibridismo. Embora esse traço provoque certa controvérsia na crítica, uma vez que a partir dele a crônica, como gênero, fica no território do indefinível (a clássica questão: o que é crônica?) ou frequentemente derrapa no rótulo de *gênero menor*. Teóricos como Antonio Cândido, aqui citado, Afrânio Coutinho e Massaud Moisés tentaram entender sua complexidade (ou simplicidade?).

Coutinho, em seu *A Literatura no Brasil – Relações e Perspectivas* (2002), por exemplo, privilegia os aspectos mais estruturais do gênero, estabelecendo uma tipologia: crônica narrativa, crônica metafísica, crônica poema-em-prosa, crônica-comentário e crônica-informação. Moisés, em seu livro *A Criação Literária* (1978), diante da ambiguidade latente no gênero, propõe a crônica-poema e a crônica-conto. Cândido também faz sua proposta no texto “A Vida ao Rés-do-Chão” (1992): crônica-diálogos, crônica-conto (ou narrativa), crônica exposição poética/biográfico-lírica. Os riscos de abordagens como essas parecem óbvios, quando se leva em conta o próprio caráter maleável da crônica, a qual se ligada à *efemeridade de sua periodicidade*.

A crônica é um gênero camaleão/curiça/carta branca que, justamente por pertencer a um canto do jornal, dá chances ao autor de escrever de modo livre – descontado o limite do espaço – para tratar de temas/assuntos como bem deseja. Afrânio Coutinho reconhece que é da natureza da crônica a flexibilidade, assim como a mobilidade e o seu caráter irregular (COUTINHO, 2002, p.133). Noção compartilhada por Antonio Dimas, que vê a crônica como um “descanso para o leitor” no emaranhado de informações do jornal, sendo ela construída “a partir de um evento qualquer”, sob uma linguagem que tende para a ambiguidade e a *plurivocidade* (DIMAS, 1974, p.49).

Dentro dessa multiplicidade de opções, esse hibridismo, que o cronista tem em mão, o caso de Jorge Amado é exemplar ao se permitir transitar por alguns “tipos” de textos. Ele usa a estrutura da missiva, como na crônica já citada “Carta do Marinheiro a Iemanjá”, a estrutura do drama em “Comédia das Traições”, de 14/2/1943, “Monólogo de Adolf...”, de 17/7/1943, a resenha, como em “Fogo Morto”, de 24/3/1944, e ainda faz uso da poesia de Castro Alves em “Biblioteca do Combatente”, de 27/10/1943.

Como se tratam de crônicas de guerra, o que naturalmente se articula à referencialidade de fatos e acontecimentos, a maioria dos textos de Jorge Amado se estrutura com um parágrafo introdutório onde, geralmente, o autor informa uma notícia – servindo,

apresentada “de modo a nunca cansar o leitor, com inúmeros ciclos, ápices, surpresas e efeitos de suspense.” (GOLDSTEIN, 2000, p.145).

assim de gancho para o desenvolvimento do tema. Os textos revelam que tais notícias chegavam por cartas ou telegramas. Certamente, muita informação chegava por meio das bases comunistas no Brasil, como também pelos oficiais americanos que frequentavam Salvador. De qualquer modo, uma *rede de notícias* não faltava a Amado, para quem a amizade era o “sal da vida” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p.269).

Muitas crônicas assim começam, conferindo-lhes caráter didático e de “noticiário”: “ROOSEVELT, LÍDER NACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS, EM TORNO DE QUEM se processou a unidade nacional [...] e Churchill [...] se encontraram em Casablanca.” (AMADO, 2008, p.46). Ou: “Assim contam os telegramas ao falar do Carnaval da Vitória que a Liga da Defesa Nacional e a União Nacional dos Estudantes realizaram no Rio de Janeiro.” (AMADO, 2008, p.71). Ou ainda desta forma: “POUCOS DIAS COM TANTOS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS E MILITARES.” (AMADO, 2008, p.183).

A conclusão dessas crônicas no geral se faz em tom hiperbólico, como o apelo candente de um revolucionário, de uma veemência panfletária que toca a “profecia apocalíptica”: “Para que a democracia na América Latina seja uma realidade e não apenas a farsa dos Peróns [...]” (AMADO, 2008, p.192), “[...] para ver o fascismo triunfante na América Latina” (AMADO, 2008, p.196), “Porque só fora do fascismo há liberdade de ser ou não ser religioso” (AMADO, 2008, p.207), “O sol que iluminará Paris estenderá sua luz e seu calor de liberdade sobre todo o universo!” (AMADO, 2008, p.243).

Nessa altura, podemos aqui fazer algumas considerações sobre aquelas duas indagações. Talvez seja improvável saber o que, de fato, o próprio Jorge Amado pensava sobre o gênero crônica. Ivan Ângelo em seu texto “Sobre a Crônica” (2007), conta sobre a resposta dada por Rubem Braga “a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica: – Se não é aguda, é crônica.”⁶⁴. Escritor também afeito à ironia e ao humor, Jorge Amado poderia ter formulado resposta semelhante. De qualquer modo, a visão de crônica para o baiano estava na concepção do jornalismo como gênero, muito provavelmente destacado (mas não menor) da grande literatura.

Isso pode se confirmar na crônica “O Mestre dos Correspondentes”, de 16/8/1944. Nela, Jorge Amado trata dos consagrados escritores, aqueles “romancistas e poetas, criadores que abandonaram seus romances e seus poemas pelo lápis do correspondente de guerra.” (AMADO, 2008, p.244). Entre eles, Ernest Hemingway, “célebre no mundo inteiro pelos seus

⁶⁴ A crônica de Ivan Ângelo (1936-) foi publicada na revista *Veja*, em 25 de abril de 2007. Disponível em: <<http://recantodasletras.com.br/cronicas/472953>>. Acesso em: 12 mai. 2011.

trabalhos de criação”, John Steinbeck, Aleksei Tolstói, entre outros citados⁶⁵. A palavra *criadores* e *criação* remetem àquela “obra de criação”, termo que para Amado se liga à noção de literatura. Parece então haver uma distinção entre “literatos” e jornalistas: “Ao lado dos correspondentes profissionais surgem agora esses criadores que sentem a hora de tudo abandonar para um contato mais íntimo com o público, através dos assuntos de guerra.” (AMADO, 2008, p.244). Ele completa: “Todos os correspondentes, sejam os jornalistas de profissão, sejam os escritores transformados em jornalistas, têm, num correspondente de guerra passada, o seu grande mestre. John Reed [...].” (AMADO, 2008, p.244).

Embora as citações até aqui já digam o bastante, convém ainda fazer algumas observações. A primeira é a conclusão de Amado ao chamar a atenção do leitor de que “Reed não era apenas um jornalista, mas também um criador que abandonou a ficção quando lhe pareceu que era chegado o momento de se dar por inteiro aos acontecimentos imediatos.” (AMADO, 2008, p.245). Além de patrono dos correspondentes de guerra, John Reed era também “o mestre dos romancistas e contistas que estão, hoje, nas frentes de batalha [...].” (AMADO, 2008, p.245).

Já na crônica “Noite sem Lua”, de 21/11/1943, Amado comenta que alguns escritores não apenas se dedicam à causa da guerra como “articulistas esclarecedores” – *esclarecer*, como se nota é uma missão –, mas o fazem “também na sua função de romancistas” (AMADO, 2008, p.132). Caso de John Steinbeck, que escreveu o romance *A Longa Noite sem Lua* (1942), cujo enredo tem a guerra como premissa. O escritor norte-americano estaria, assim, “cumprindo seu dever”, seja “como romancista ou como repórter”, diferente de outros tantos intelectuais que estão alheios ao esforço de guerra (AMADO, 2008, p.133).

Para arrematar a questão, Jorge Amado, no texto “Michael Gold”, de 4/8/1944, referindo-se ao romancista norte-americano, autor de *Judeus sem Dinheiro* (1930), diz:

Apostolado democrático, poder-se-ia chamar a essa constante colaboração do romancista nos diários americanos. A sua própria obra de romancista, Gold a deixou de lado, certo que o nosso tempo exige que o escritor venha para as colunas dos jornais para um trabalho menos duradouro, talvez, porém mais eficiente. (AMADO, 2008, p.240).

⁶⁵ Rubem Braga (1913-1990) atuou como correspondente de guerra na Itália, junto à FEB. No álbum de imagens do livro *Hora da Guerra*, há uma fotografia do escritor desembarcando no Rio de Janeiro, em 1945. A legenda informa, como mencionado antes, que Jorge Amado dividiu residência com Rubem Braga em 1938. Antonio Cândido considera Braga como um “cronista puro, ou quase”, já que se voltou “de maneira praticamente exclusiva” para o gênero crônica (CANDIDO, 1995, p.17;22).

Portanto, o texto jornalístico para o criador-escritor-literato era como uma missão aos olhos de Jorge Amado. Pressupunha certo sacrifício (“hora de abandonar tudo”) e consequente perda daquele tempo de aprimoramento da obra, o que levaria o texto jornalístico a se afastar da durabilidade inerente ao texto literário. Resta saber se essa transformação messiânica do escritor em jornalista não significaria um rebaixamento. Provavelmente, não. Contudo, parece haver nítida distinção entre literatura e jornalismo para o baiano, sendo o último mais atrelado à urgência do agora.

O que está em jogo, assim, é menos o valor de cada um dos *gêneros* (literatura e jornalismo) do que sua função. Num plano mais ideológico, ambos estariam a serviço de uma revolução mundial. Esse é tom da época. Eric Hobsbawm sublinha que “a revolução foi a filha da guerra no século XX”. O fim de conflagrações significava a possibilidade de levantes, de transformações, da liberdade dos povos. A humanidade estava à espera de uma alternativa (HOBSBAWM, 1998, p.61-62). Tal atmosfera vinha desde 1917 com a Revolução Russa, que chacoalhava os ideais de jovens como Jorge Amado, os quais esperavam que o povo enxergasse a necessidade revolucionária.

Fica, ainda, a segunda indagação: as crônicas de Jorge Amado, no passado e no presente, são literatura? A resposta passa, evidentemente, não apenas pela história ou teoria da literatura, mas pela recepção dos leitores comuns que esses textos encontram, dentro daquele universo de expectativas apregoado por Jauss (1994, p.44) em seu *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*: “[...] um passado literário só logra retornar quando uma nova recepção o traz de volta ao presente [...].” Nesse sentido, seria possível afirmar que o interesse da academia pela crônica na atualidade é a energia que movimenta a busca pelos textos de guerra de Jorge Amado? Esses textos do baiano eram vistos como literatura no momento da recepção original, nos anos 1940? De qualquer modo, a pergunta que a teoria levanta é aquela que, mais do que resposta, busca a provocação⁶⁶ e que aqui nos serve como enfrentamento provisório: “O que você chama de literatura?” (COMPAGNON, 2001, p.22).

Aprofundando a discussão, há que se apontar o estudo de Roger Chartier, em seu ensaio “Textos, Impressão, Leituras”. O que está em jogo é que não se deve perder de vista a transformação de suporte (crônicas reunidas em livro), processo no qual o texto se *modifica*. Nele, há o filtro do editor, do selecionador, do diagramador... Em nosso caso, os textos de Jorge Amado ainda encontram outro elemento óbvio de alteração: o tempo.

⁶⁶ Em *O Demônio da Teoria*: “A teoria protesta sempre contra o implícito: incômoda, ela é o *protervus* (o protestante) da velha escolástica. Ela pede contas [...] lembra que [as] perguntas são problemáticas, que podem ser respondidas de diversas maneiras: ela é relativista. (COMPAGNON, 2001, p.22-23, grifo do autor).

A relação do leitor de ontem com a crônica de Amado publicada diariamente na coluna “Hora da Guerra” na década de 1940 se dava pelo acesso ao presente por meio do olhar sobre a guerra de Amado, que vivenciava o conflito também de longe, sob a pele de um comunista. Já a relação do leitor do presente que se interessa, na atualidade, pelo livro *Hora da Guerra*, seleção de 103 crônicas publicada em 2008, encontra motivações diversas: ver o passado sobre o olhar de um escritor que se tornou um dos mais importantes do século XX, enxergar sua ideologia na época, acessar temas específicos tratados pelo escritor, etc. Tanto o leitor de ontem como o de hoje se apropria desse olhar, tanto quanto faz mero empréstimo dele e até mesmo pode resistir a ele, descartando-o totalmente. Suas opiniões dependem, portanto, do modo como “leem” esses textos (CHARTIER, 1995, p.216). O tempo é outro, o suporte é outro, o Amado naquele contexto é outro escritor⁶⁷.

A ideia da efemeridade do texto publicado no jornal, calcado no cotidiano – e que morreria no dia seguinte – pode ser transcendido. Como aponta Antonio Cândido: “[...] quando [a crônica] passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava [...]. (CANDIDO, 1992, p.14-15). Na defesa mais ampla do jornalismo (nascedouro da crônica) como gênero literário, Alceu Amoroso Lima afirma que o texto no jornal pode ser considerado literatura “enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão.” (LIMA, 1969, p.23). Essa ideia encontra convergência em Afrânio Coutinho que igualmente prega que o fator que define um gênero literário é a sua “qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor.” (COUTINHO, 2002, p.123). Assim a sobrevida (aquele durabilidade) da crônica passa por uma gama de interesses que sua leitura desperta, mas também passa pela *estética*, os tais “meios de expressão” e a “qualidade literária” – terreno bastante polêmico⁶⁸, aliás.

Embora as respostas dos teóricos sejam questionáveis, há um consenso de que, sendo o jornal o berço da crônica, isso não significa o aprisionamento desta no rótulo de *menor*, ligado à sua “condição” efêmera. Mesmo quando Cândido reconhece nela um “gênero

⁶⁷ Vale citar a passagem de *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*: “[...] a predisposição específica do público com a qual um autor conta para determinada obra pode ser igualmente obtida a partir de três fatores que, de um modo geral, se podem pressupor: em primeiro lugar, a partir de normas conhecidas ou da poética imanente ao gênero; em segundo, da relação implícita com obras conhecidas do contexto histórico-literário; e, em terceiro lugar, da oposição entre ficção e realidade, entre a função poética e a função prática da linguagem, oposição esta que, para o leitor que reflete, faz-se sempre presente durante a leitura, como possibilidade de comparação.” (JAUSS, 1994, p.29).

⁶⁸ Estética, meios de expressão e qualidade literária, quando se tem em mente as crônicas de Jorge Amado, passam pelas metáforas que ainda reverberam na atualidade. Se, por um lado, muitas crônicas envelheceram, já que ficaram presas ao plano referencial dos fatos, outras, ainda que pueris, evocam a dor, o sofrimento, a perseguição, a ira, o temor de uma guerra, o imprevisível.

menor”, vê como positiva essa definição, para quem a crônica atinge “algo íntimo com relação à vida comum de cada um”, com seu caráter simples, breve e eivado de graça. (CANDIDO, 1992, p.14-19). A cisma permanece: o traço despretensioso e o datado na crônica, produzida “por força das circunstâncias, sem obedecer a nenhum impulso criativo mais elevado”; cisma essa denunciada na apresentação de *História em Cousas Miúdas* (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p.10).

Retornando ao ponto de vista anterior, os textos de Jorge Amado importaram no passado porque se ligavam à representação e às práticas sociais da época, na concepção de Chartier (2002)⁶⁹. Os que hoje consideram as crônicas de ontem como datadas talvez estejam míopes para a possibilidade de acesso àquelas representações e práticas, meio esse revelador de conceitos que reverberam no presente. Basta assistir ao teatro da atualidade: xenofobia, neonazismo, fundamentalismo, racismo nas redes sociais...

As crônicas de *Hora da Guerra* mostram eixos importantes: a mentalidade coletiva de uma época, o interesse de grupos, os modos de pensar e sentir (representação), os modos de fazer, as atitudes (práticas), além de evidenciar *um outro* Jorge Amado – panfletário, sem deixar de ser lírico. A crônica, memória do cotidiano, é igualmente objeto cultural (assim como a poesia e o romance), e seus leitores são produtores de cultura em constante diálogo, os quais fornecem pistas do que seja o humano. Como assinala Jacques Le Goff em sua obra *História e Memória*: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 1996, p.477).

Por outro lado, no plano formal, não há como negar suas irregularidades. No geral, os textos da compilação *Hora da Guerra* podem ser divididos entre aqueles que envelheceram, porque presos à referencialidade dos acontecimentos – simplesmente apresentam e comentam notícias de segunda mão – e aqueles que ainda guardam características expressivas do autor, como aquelas que são apresentadas em estrutura de texto dramático ou como missiva, ainda que o discurso ideológico “interfira” por vezes.

Nesse sentido, o cronista baiano escreveu sobre temas variados em sua coluna no jornal *O Imparcial*. Resenha de livros, como a do romance *Fogo Morto* (1944), de José Lins do Rego, o comentário *comovido* de uma tela de Lasar Segall, até o fenômeno Chico Xavier estiveram em meio às crônicas voltadas à guerra. Focaremos, neste estudo, três grandes temas relacionados ao **grande conflito mundial**. Nossa interesse em sua leitura reside em *como* Jorge Amado, militante comunista, retrata esse jogo arrasador.

⁶⁹ Veja-se a obra de Roger Chartier, *A História Cultural – Entre Práticas e Representações* (2002).

3.1. Amado & Hitler

“O PALCO É MÓVEL POIS O CENÁRIO, A PRINCÍPIO, REPRESENTA AS ESTEPES RUSSAS. Porém Adolf está em movimento, andando para trás, no caminho de Berlim. Fala ao mesmo tempo que foge. De quando em vez assenta o binóculo de campanha, volta-se, tenta enxergar Moscou. Mas o ruído da metralha faz com que ele corra mais depressa. Adolf, ao falar, tem a ilusão que o faz para o mundo inteiro.” (JORGE AMADO, “Monólogo de Adolf...”, 17/7/1943, 2008, p.91).

Quando Jorge Amado escreveu a crônica referida acima, Hitler, nascido em 1889, estava com 54 anos de idade. Nem dois anos depois, em 30 de abril de 1945, o Führer cometia suicídio no *bunker* onde se refugiara com sua “legião” em Berlin. O modo como o escritor baiano vê o líder alemão se sustenta por três pilares: ódio, vingança e repúdio, isso frequentemente conduzido por um tom de deboche.

De longe, Hitler é o personagem mais citado no livro *Hora da Guerra*. Sua figura é mencionada em 63 crônicas, o que corresponde a 60% do total de 103 textos selecionados na publicação. A referência direta a seu nome (“Adolf”, “Hitler”) surge quase uma centena de vezes, deixando para trás outros senhores da guerra, como Mussolini e o próprio Stálin. Deixando os números de lado, mais interessante é quando se constata que Hitler, já naquela época, surgia como a *encarnação do mal*.

Daí que o ódio seja tão evidente nas crônicas de Amado. Como porta-voz do povo e como parte dele também, o escritor transparece o sentimento de desprezo e repúdio ao homem responsável por ameaçar a paz do mundo, configurando uma guerra que mostrava a cada dia a capacidade de barbárie a que um lado obscuro da humanidade seria capaz de chegar. O desejo de vingança, de destruição total daquele que, nas palavras do próprio Amado, era o “anticristo”, incluindo o esmagamento de sua “legião” de “asseclas”, é o tempero em brasa, candente, posto naquelas crônicas do baiano, perfazendo uma escrita, conforme Alfredo Bosi (2002, p.121) em seu *Literatura e Resistência*, que “[...] trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável.”.

Nesse sentido, Adolf Hitler deixa de ser somente o líder do NSDAP (o partido nacional socialista alemão) para ser outra coisa. Metáfora do mal, metonímia do nazifascismo, o Führer até os dias de hoje não encontrou um rival maior quando se evoca um megalomaníaco *lord* das trevas. Se os ideais de paz e bondade estão na imagem de um Gandhi no século XX, não é exagero afirmar que Hitler acabou por representar no imaginário, desde o

auge da guerra até hoje, a personificação da barbárie. Nem mesmo terroristas fundamentalistas parecem concorrer com ele em tal quesito.

O olhar gélido, a expressão sisuda que jamais mostra os dentes, o bigode que lhe torna inconfundível e o deixa mais próximo da caricatura, tudo faz de Hitler uma máscara povoada de negativo para a maioria esmagadora do planeta. Essa marca-imagem já está representada nas crônicas de *Hora da Guerra*. Em contrapartida, se há um demônio, é provável que haja seu “arcanjo” oposto nessa lógica de guerra que leva ao maniqueísmo. Stálin, Churchill e Roosevelt são os salvadores, os cavaleiros da esperança do mundo, prontos, juntamente com seu povo, para enfrentar o grande ditador. Dos três, Stálin, para Jorge Amado, é de fato o messias, o eleito para conduzir não só a destruição de Hitler e Mussolini, como ainda varrer do mundo o ideal nazifascista que poderia sobreviver aos seus líderes. Mais ainda: a revolução socialista tinha grande oportunidade de se tornar planetária com o fim da guerra, o que de fato tornou-se bem real com o espraiamento da esfera de influência soviética.

Há de se dizer ainda que, nas crônicas de guerra de Amado, Hitler, além de metonímia de *nazismo*, também qualifica o que era a nação alemã sob seu comando. Por isso, muitas vezes Jorge Amado se refere à “Alemanha de Hitler”, povo que se deixou levar pelas ilusões de um “monstro” e que, agora, “foge” desiludido. Da mesma forma, foge o Führer no *monólogo* criado por Amado, no qual o baiano faz Hitler chorar.

Chama a atenção do leitor o traço megalomaníaco do líder nazista logo na introdução do “texto teatral” – Amado toma a estrutura do drama para compor, jocosamente, sua crônica de crítica a Hitler, texto (quase) totalmente dedicado ao Führer: “Adolf, ao falar, tem a ilusão que o faz para o mundo inteiro.” (AMADO, 2008, p.91). A rubrica do *dramaturgo* faz vir à tona a imagem do personagem Hynkel, paródia de Hitler, da obra filmica *O Grande Ditador* (1940), interpretado por Charlie Chaplin que, em clássica cena, brinca com um imenso globo terrestre como se este fosse um balão e logo cai em pranto quando ele estoura. No final da crônica, Amado, aproveitando também para debochar o líder integralista brasileiro, conclui a peça desta forma: “Plínio Salgado chega de Portugal e com um lenço bordado da ilha da Madeira, qual anti-Verônica do anticristo Adolf, enxuga-lhe suor e lágrimas e pede-lhe uns marcos emprestados. O PANO É U'A MORTALHA.” (AMADO, 2008, p.93).

A marca do burlesco imprimida por Amado na crônica/“comédia” parece servir bem como estratégia para pintar os “inimigos” sob uma perspectiva de “inferioridade moral”, sendo que os personagens assim caracterizados aproximam-se de uma **fealdade** que

preponderou por séculos como sinal negativo – o “demônio era feio”⁷⁰, conforme sublinha Hugo Friedrich (1978, p.77) em sua obra *Estrutura da Lírica Moderna*. Aristóteles (1999, p.42), na *Poética*, já indicava essa mesma relação escárnio/rebaixamento moral: “A comédia [...] é imitação de gentes inferiores; mas não em relação a todo tipo de vício e sim quanto à parte em que o cômico é grotesco.”. Essa caricatura de Hitler também pode ser entendida como aquilo que Affonso Romano de Sant’Anna definiu como “riso poderoso” no texto carnavaлизador⁷¹ de Jorge Amado. Bakhtin, igualmente, propõe a cultura popular como a “cultura do riso”, “imensa força transformadora da cultura popular” (LOPES, 1994, p.76).

No plano nacional, Plínio Salgado e os integralistas são esses *demônios* para Amado, criticados como “traidores da pátria”. Convém reafirmar que Salgado foi forçado a se exilar em Portugal em 1939, retornando ao Brasil apenas em 1945, com o fim do Estado Novo. Seu exílio ocorreu depois do ataque ao Palácio Guanabara (levante de maio de 1938), aqui já referido, comentado na crônica “Maníacos do Assassinato”, de 26/3/1943. Jorge Amado dá início a esse texto alertando para o perigo da quinta-coluna, preocupação que ele vai demonstrar em muitas crônicas: “NÃO HÁ DÚVIDA QUE, EM TODO O PAÍS, OS INTEGRALISTAS, CUMPRINDO ORDENS dos seus amos nazifascistas, chegadas através o Führer de opereta Plínio Von Salgado, estão se movendo em conspiratas, sabotagens, boatos e divisionismos [...] tentando entregar o Brasil aos nossos inimigos.” (AMADO, 2008, p.86). A ironia vai se aliar ao repúdio: “Este o plano da quinta-coluna, este o plano do integralismo, este o plano dos verdes plinistas, vendedores da pátria.” (AMADO, 2008, p.86).

Essa constante nas crônicas de *Hora da Guerra* de que o mal deve ser liquidado completamente, para que nenhuma semente fique e brote após a vitória dos Aliados contra o nazifascismo e seus apoiadores, está ligada às muitas vezes que o nome de Hitler é citado, seguido com frequência da menção do de Mussolini:

Todos aqueles militantes e simpatizantes de todos os fascismos [...] se reúnem para impedir que no enterro de Hitler e Mussolini, sigam os caixões que conduzem o terror, o obscurantismo, a barbárie, a exploração e a reação

⁷⁰ “Pense-se no Tersites da *Ilíada*, no *Inferno* de Dante, na poesia palaciana da alta Idade Média que revestia de fealdade os homens não cortesãos. O demônio era feio. Já na segunda metade do século XVIII, depois em Novalis, mais tarde em Baudelaire, o feio torna-se admissível como algo ‘interessante’ [...] Com Rimbaud, ele recebe, então, a tarefa de servir a uma energia sensitiva que impele à mais violenta deformação do real sensível.” (FRIEDRICH, 1978, p.77).

⁷¹ Em artigo, Sant’Anna (1983) reflete sobre os procedimentos estilísticos carnavaлизadores na obra de Amado, *A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua* (1961), e que também se encontram em obras da primeira fase, sendo a *praça pública* uma de suas marcas. O estudo do efeito da “carnavalização” foi sistematizado por Bakhtin nas obras *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto* de François Rabelais (1997) e *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1981), o que se caracteriza, basicamente, por trechos grotescos, sátira ao sagrado e instituído, simbiose entre a morte e a vida.

fascistas. Não importa a queda do nazismo, desde que não seja ele sucedido por uma verdadeira democracia, desde que os germens de uma era fascista permaneçam. (AMADO, 2008, p.136).

Ou no fragmento:

Esse trecho do comunicado oficial dos três grandes líderes democráticos [Stálin, Churchill e Roosevelt, Conferência de Teerã] não se dirige apenas contra a Alemanha de Hitler ou o que resta da Itália de Mussolini. É o enterro de qualquer pretensão muniquista de manter métodos fascistas no mundo de amanhã. (AMADO, 2008, p.142).

Ainda mais evidenciado em:

Não basta levar o país à guerra contra Hitler e Mussolini. Faz-se necessário esclarecer todo o povo sobre o que é o nazifascismo e a desgraça que ele representa. (AMADO, 2008, p.166);

Não basta vencer Hitler e Mussolini. É necessário liquidar o espírito fascista. (AMADO, 2008, p.175);

Não é apenas a guerra que está perdida para Hitler, Mussolini, [...]. Também a paz se anuncia terrível para o fascismo. (AMADO, 2008, p.234).

Hitler não só é personificação do regime nazista. Junto aos seus parceiros – Mussolini, o mais destacável de todos – ele é o ideal *fascista*, totalitarista que deseja dominar o mundo, ameaçando a liberdade dos povos e a democracia, sendo a base desta aqueles dois grandes princípios que Todorov discute em *Memória do Mal, Tentação do Bem*: “autonomia da coletividade” e “autonomia do indivíduo”. Assim, o Estado totalitário é o extremo oposto do Estado democrático, porque o que é valorizado não é o eu de cada indivíduo, mas o nós do grupo – daí que a autonomia e o pluralismo devem ser afastados num regime totalitário, sendo substituído pelo seu contrário, o *monismo*. (TODOROV, 2002, p.26). Seguindo o pensamento iluminador do historiador e filósofo, que define o totalitarismo ao contrastá-lo com aqueles princípios da democracia, emerge a contradição (ou ingenuidade) do modo de ver de Jorge Amado nos anos 1940.

Se Hitler é “antítese” de *povo* (AMADO, 2008, p.135), Stálin é seu sinônimo. Se o nazifascismo é contra a vida, o comunismo stalinista é a democracia. Contudo, o que muitos estudiosos propõem e a história em muito confirma é justamente fazer ver que o regime de Stálin não é muito diferente do de Hitler – sem querer aqui diminuir o grau de monstruosidade do alemão. O regime soviético exigia, e isso é claro nas crônicas de Amado, uma “adesão espiritual” irrestrita a um Estado “virtuoso”: ideologia e política também fundidas num só ideal, de modo que não poderia haver *verdade* que chegasse independentemente do Partido

Comunista: “Toda autonomia individual, de pensamento ou de ação, é condenável, pois somente o Partido pode ter razão.” (TODOROV, 2002, p.28). Nesse sentido, justificam-se os grandes expurgos de Stálin, os quais se deram no empenho “em eliminar ou em dobrar todos os membros do aparelho dirigente suspeitos de querer pensar e agir por conta própria.” (TODOROV, 2002, p.28).

O tom panfletário das crônicas de Amado nasce de seu ideal de “guerreiro” da causa stalinista, “distanciado” de quem era realmente o líder comunista. É nesse sentido que, tomadas em conjunto, as crônicas de *Hora da Guerra* aproximam-se de uma “literatura de propaganda”, conforme a definição de Alfredo Bosi (2002, p.122) em *Literatura e Resistência*: aquela escrita “[...] que tem uma única escolha, a de apresentar a mercadoria ou a política oficial sob as espécies de alegoria do bem.” – no caso, o comunismo.

É provável que democracia, para o baiano, fosse mais sinônimo de liberdade e menos aquela ideia de Estado Democrático plural (em contraste com o *monismo* do Estado Totalitário assinalado por Todorov, conforme foi citado). É estranho, portanto, que o nome Stálin apareça frequentemente em muitas crônicas como um dos “três grandes líderes democráticos” (AMADO, 2008, p.142), ao lado de Churchill e Roosevelt.

A União Soviética é a *nação* onde o povo não medra diante dos “bárbaros nazistas mais miseráveis entre quantos bárbaros e miseráveis já apareceram na face da terra.” (AMADO, 2008, p.161). Assim ele afirma na crônica “Luzes da Vitória”, de 23/1/1944, na qual comemora a libertação de mais uma cidade soviética, “arrancada das mãos assassinas dos nazifascistas”: “Homens, mulheres e crianças dão seu esforço na luta de vida e morte que sua pátria sustenta. Não há um só cidadão soviético que não esteja a postos, combatendo.” (AMADO, 2008, p.161).

Diferente de outras nações, a quinta-coluna e os apoiadores de Hitler não têm vez na pátria soviética, o que leva o leitor a crer que, além da vitória militar do povo soviético, ecoa a vitória ideológico-política de todo o regime:

Hoje a vitória é uma realidade magnífica. As ordens do dia se sucedem. Então as crianças vêm para as ruas nas noites de alegria. A neve se estende, branca e pura. Vêm também os homens e as mulheres na praça Vermelha. Ali está o Kremlin, onde vivem os dirigentes.
(AMADO, 2008, p.162).

No parágrafo seguinte e na conclusão do texto:

Ali está o túmulo onde repousa Lênin, o que construiu essa pátria. [...] Populações arrancadas às mãos dos assassinos, criminosos que os juízes julgam em nome do povo vingador. [...] As luzes sobre a cidade de Moscou iluminam esses sorrisos felizes. E iluminam também, nas sacadas do Kremlin, o lardo sorriso do marechal Josef Stálin, saído de sob os bigodes como um símbolo, é o povo soviético sorrindo, é o povo soviético vitorioso! (AMADO, 2008, p.162).

Enquanto isso, Hitler, em seu monólogo tenta achar culpados para o fracasso:

É bem verdade que sois imundos judeus, todos vós, ingleses e americanos, mas eu vos perdoa a todos pois sois ignorantes! Não estais vendo o perigo comunista? Cadê a quinta-coluna? [...] E esses russos miseráveis... como me enganaram... São traidores piores que qualquer dos patriotas franceses que eu comprei! (AMADO, 2008, p.91).

Embora se aponte que Stálin estaria diretamente envolvido no assassinato de Trótski⁷², ocorrido em agosto de 1940, Jorge Amado coloca este como traidor, na voz de Hitler: “Também é culpa minha que fui acreditar em Trótski... O desgraçado só queria dinheiro e me enganou... Ah! Esses russo miseráveis... Liquidaram os quintas que consegui por lá.” (AMADO, 2008, p.91-92).

A rubrica do monólogo então orienta “*mudando o tom de voz*”, sugerindo Hitler como um líder maquiavélico, incoerente e sem escrúpulos, agarrando-se a quem quer que fosse: “Oh! Simpáticos bolcheviques russos! Eu sou socialista! Sempre fui, meu partido é operário. Vamos nos unir contra os sórdidos capitalistas anglo-americanos, judeus internacionais. Stálin, quero alisar teu bigode [...].” (AMADO, 2008, p.92).

Hitler dirige-se a Mussolini como “Musso, meu filho, [...]” (AMADO, 2008, p.92), e ainda diz que sua frustração poderá ser mitigada na volta a Berlim: “Mando matar umas centenas de pessoas e me consolo...” (AMADO, 2008, p.92). A conclusão, com traços caricaturais, antes do choro e a visita de Plínio Salgado, que o consola com o lenço português: “Roosevelt, Churchill, Stálin, eu quero me aliar com qualquer de vós! Não faço questão, eu quero é salvar a pele!” (AMADO, 2008, p.92-93).

Toda essa visão maniqueísta não deixa dúvida de que o posicionamento do escritor-cidadão deveria ser claro e o espírito revanchista deveria motivar a propaganda que deformasse o inimigo, ora transformando em um monstro sanguinário ora o retratando como

⁷² Leon Trótski (1879-1940) um dos líderes da revolução bolchevique, fundador do Exército Vermelho, tornou-se rival de Stálin. Dulles, em *O Comunismo Brasil*, destaca que o assassinato de Trótski, no México, “foi anunciado como de autoria de um partidário da vítima, merecedor, apesar de tudo, de agradecimentos gerais por ter dado cabo de um fiel lacaio dos capitalistas [...]. Os trotskistas [...] descreveram o assassinato de Trotsky como um ato covarde e miserável de Stálin.” (DULLES, 1985, p.214). Jorge Amado, sob a linha stalinista, era, obviamente, contra Trotsky e sua linha de pensamento.

uma caricatura risível. Vale mencionar uma fotografia do álbum de imagens do livro *Hora da Guerra*, na qual se vê o enterro simbólico dos ditadores do Eixo, em 1942, no Rio de Janeiro, como se lê na legenda. Há três caixões diante de um grande grupo de pessoas reunidas, composto na maioria de garotos, e grandes cartazes com caricaturas dos líderes nazifascistas. Em um deles, Hitler, com uma expressão monstruosa, é retratado com uma faca na mão, onde se lê: “Hitler, o Bárbaro”. Em outro cartaz: “Hitler, o monstro”. Isso confirma que Jorge Amado participa dessa *demonização* do líder nazista, enquanto aproveita para louvar Stálin.

Amado também vai evidenciar em duas de suas crônicas, “Senhor do Bonfim, Padroeiro das Nações Unidas”, de 15/1/1943, e “Hitler contra Zumbi dos Palmares”, de 27/2/1943, os conceitos raciais/racistas de Hitler. É óbvio que Jorge Amado já defendia a miscigenação do povo brasileiro como elemento fundamental da identidade nacional. Gilberto Freyre (e todo o pensamento voltado ao assunto) estava em voga na época, como já discutido e analisado em profundidade no livro *O Brasil Best Seller de Jorge Amado*, de Ilana Seltzer Goldstein. Portanto, Amado vai comentar sobre a lavagem da Igreja do Bonfim, em Salvador: “Sob o nazismo, a festa de ontem, popular e lírica, seria impossível. Sob o nazismo, apenas há lugar para os desfiles das tropas de assalto, só há voz para os vivas ao Führer, tomando o lugar dos santos.” (AMADO, 2008, p.35).

Mais especificamente sobre o líder *nazi*:

Hitler odeia tudo que lembra povo e mais odiaria, com certeza, uma festa que nasce da mistura de sangue, com a lavagem do Bonfim. [...] Hitler só veria torpeza e degradação, não enxergaria nunca, com seus olhos incapazes de enxergar a poesia, o lirismo, o pitoresco, a ingenuidade, a beleza esplêndida da procissão e da lavagem. Sob Hitler, jamais as baianas poderiam vestir seus maravilhosos vestidos. Para elas e para nós, estariam os troncos dos escravos.

(AMADO, 2008, p.35-36)

É interessante notar a consciência do *projeto* de mitificação de si e do próprio regime, do “poder encarnado na pessoa do Führer” (TODOROV, 2002, p.28) que necessita, para sua manutenção ideológica, de símbolos, esculturas, desfiles, de toda uma arquitetura – da destruição, como qualifica o fundamental documentário⁷³, em análoga relação com a ideia de “estetização igual à barbárie” (LUKÁCS, 1965, p.204):

⁷³ *Arquitetura da Destrução*, documentário de 1989, dirigido por Peter Cohen, no qual é tratado o projeto de embelezamento do mundo (limpeza) pelo nazismo, incluindo aí a visão de Hitler acerca da arte de vanguarda como arte degenerada. O clássico/neoclássico é a referência para o ideal hitleriano.

O altar do santo seria substituído pelos bustos torpes de Hitler e dos traidores. Jamais a procissão e a lavagem da igreja se realizariam. Jamais a poesia andaria solta pelas ruas da Bahia, nos dias como hoje. Só o luto encheria a cidade, o luto e a escravidão.
(AMADO, 2008, p.35-36).

No plano da composição, polida, como se nota, com um certo tom “lírico”, mais uma vez fazendo uso de paralelismo (repetição do vocábulo *jamais* e da estrutura sintática que a segue), o baiano parece sugerir a musicalidade das ruas de Salvador, do povo mestiço que canta sua luta em suas manifestações populares. O povo (ou o *coletivo*), uma vez mais, marca presença no texto amadiano como sujeito principal de resistência.

De modo mais “ensaístico”, a crônica *Hitler Contra Zumbi dos Palmares*, de 27/2/1943, expõe, partindo de Arthur Ramos⁷⁴, autor de *O Folclore Negro no Brasil* (1935), “qual seria a situação dos negros e mulatos sob a trágica ‘nova ordem’ nazista” (AMADO, 2008, p.63). Assunto esse caro a Amado, que traria aos seus romances a figura do negro de modo a colocá-lo no centro da narrativa, sobretudo a partir do romance *Jubiabá* (1935) em que o protagonista Antônio Balduíno é considerado um dos primeiros heróis negros da literatura brasileira (TAVARES, 1980, p.49).

Na crônica, o autor considera: “[...] os planos de Hitler são de referência a todos os negros, mulatos e mestiços, e ele sempre considerou o Brasil um ‘miserável país de mestiços’ que devia ser civilizado pelos cultos arianos nazistas.” (AMADO, 2008, p.63). Amado pondera que “Hitler se levantou contra Moisés e a raça judia tem sido sua vítima mais constante e mais torturada.” (AMADO, 2008, p.63). É irônico, então, ao afirmar que o Führer, “no seu delírio bestial, [...] se voltou também contra todas as demais raças que não fossem a raça ariana que produziu a ‘beleza’ do fenômeno nazista.” (AMADO, 2008, p.63). A noção de que a *loucura* de Hitler não conhecia limites está bem expressa na argumentação de Amado.

Exagero um tanto grave do baiano também se faz sentir em suas linhas quando clama que o Brasil sempre fora exemplo “de democrática isenção de preconceito de raça” (AMADO, 2008, p.64) e, se isso estava por um fio, a causa era a semente nazista trazida ao solo brasileiro pelos integralistas, “num país como o nosso de forte miscigenação.” (AMADO, 2008, p.64). O autor cita ilustres negros e mulatos que “têm contribuído de u'a maneira decisiva para a formação de nacionalidade brasileira”: Machado de Assis, Lima Barreto, Tobias Barreto, Zumbi dos Palmares, Cruz e Sousa, Castro Alves...

⁷⁴ Arthur Ramos (1903-1949), entre inúmeras publicações, destacou-se por aquelas acerca da democracia racial, especialmente da questão do negro no país.

Jorge Amado passa, então, a explicitar seis itens da “política de Hitler em relação aos negros e mestiços” que deveria ser aplicada não só na África como na América do Sul, fatia do globo que o Führer “esperava” receber das mãos do integralista Plínio Salgado. O tal plano, transscrito por Amado, basicamente colocava negros e mestiços como “raças inferiores, cujo lugar deve ser determinado pela raça superior, ariana.” (AMADO, 2008, p.65). Seguem-se itens como o tipo de trabalho a ser outorgado a essa raça, proibição de casamento com brancos, cassação de direitos eleitorais, proibição do acesso a transporte público, bem como a “restaurantes, cinemas, teatros etc.”, proibição no “partido *nazi*” e no exército, “mas serão obrigados a servir em batalhões de trabalho.”: Esses itens “iriam reger a vida dos negros, mulatos e mestiços se Hitler dominasse o mundo.” (AMADO, 2008, p.65).

Contudo, qual a fonte que Jorge Amado consultou para transcrever tal plano? O escritor não deixa totalmente claro, mas sugere que esteja na famigerada obra *Mein Kampf* (*Minha Luta*, 1925-26), escrita pelo próprio Adolf. Segundo Amado, nela está a frase que definiria os brasileiros, na ótica de Hitler, como “miseráveis mestiços inferiores”. O baiano adverte que a versão traduzida no Brasil “suprimiu o trecho” (AMADO, 2008, p.65). De todo modo, o baiano demonstra conhecimento da polêmica obra de Hitler que teria menos de “tratado filosófico” e mais de “poder em si” (TODOROV, 2002, p.28), estando aquela mitificação de si mesmo acima de tudo.

Hitler, de Ian Kershaw, provavelmente a mais completa biografia do líder nazista, traz algo sobre *Minha Luta* que sem dúvida irritou Jorge Amado e seus companheiros de Partido quando tiveram a oportunidade de conhecê-lo:

Sua declaração [de Hitler] em *Mein Kampf* de que “nos anos 1913 e 1914, eu, pela primeira vez, em vários círculos que hoje apoiam fielmente o movimento nacional-socialista, expressei a convicção de que a questão do futuro da nação alemã era a questão de destruir o marxismo.” [...] (KERSHAW, 2010, p.84).

O perigo judeu articula-se, na obra de Hitler, ao perigo comunista⁷⁵. Esta é a razão provável pela qual Amado insiste sobre a ameaça nazifascista no mundo, perigo este que deve

⁷⁵ Hitler faz várias associações entre um e outro: “Fiz também um profundo estudo das ligações do marxismo com o judaísmo.”. Ele prega o combate aos dois ao longo de muitas páginas e sobre o marxismo é interessante sua preocupação semelhante à de Jorge Amado no que se refere ao extermínio total do *inimigo*: “O que me irritava também era a atitude que se tomava em relação ao marxismo. Para mim essa atitude era uma prova de que não se tinha a mínima idéia do que fosse essa calamidade. Acreditava-se seriamente ter reduzido à inação o marxismo, com a simples declaração de que agora não existiam mais partidos. Não se percebia absolutamente que, no caso, não se tratava de um partido e sim de uma doutrina que tende a destruir a humanidade inteira.”. *Mein Kampf*, p.10-16. Disponível em: <<http://radioislam.org/historia/hitler/mkampf/pdf/por.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2011. No Brasil, é importante assinalar o *mito* do complô judaico-comunista, disseminado por setores

ser extermínado a todo custo pelos povos “democráticos”: “Hitler está derrotado, mas o espírito obscurantista do fascismo não está.” (AMADO, 2008, p.61). Tal espírito representa, acima de tudo, um estorvo ao projeto comunista no mundo. A *quinta-coluna* e os *muniquistas* representam os sujeitos dispostos a apoiar o fascismo de “Hitler”. Daí as críticas a Plínio Salgado e as críticas a Pétain⁷⁶, o “títere de Hitler” (AMADO, 2008, p.61), conforme se lê em “Pétain, O Triste Exemplo”, de 21/2/1943.

Amado destaca em “Até a Rendição Incondicional”, 28/1/1943, o pensamento turvo do Führer sobre o marxismo: “[...] nas irradiações para o estrangeiro, Hitler, com voz de choro, tentou levantar o mais desmoralizado dos seus desmoralizados truques: mais uma vez falou no perigo bolchevista sobre o mundo, preparando um pedido de paz à Inglaterra e aos Estados Unidos.” (AMADO, 2008, p.47). E como em seu *monólogo*, estaria fazendo jogo duplo: “Possivelmente também proporia a paz à União Soviética para poder continuar a guerra contra a Inglaterra e os Estados Unidos. Naturalmente falaria então no perigo dos imperialismos...” (AMADO, 2008, p.47-48). No parágrafo seguinte, uma comparação: “O lobo das histórias infantis quis, numa última tentativa, vestir novamente a pele de cordeiro.” (AMADO, 2008, p.48).

Em meio a toda esse repúdio a uma figura *maquiavélica* como Hitler, tal como o vê Jorge Amado, é que o baiano acaba revelando que a guerra, sendo o problema central a ser resolvido, só pode ser realmente vencida quando Hitler for eliminado do teatro bélico que ele mesmo criara: “todos os demais problemas são secundários” (AMADO, 2008, p.84), ele diz em “As Bandeirantes e o Esforço de Guerra”, em 24/3/1943. Talvez o baiano já previsse o arrastar da guerra, a não renúncia do Führer que teria dito em janeiro de 1945, três meses antes do suicídio: “Não capitularemos. Nunca. Podemos afundar. Mas levaremos o mundo conosco.” (KERSHAW, 2010, p.922).

Hitler é assim o inimigo dos povos. Tomando emprestado o pensamento de Hanna Arendt em sua obra “Sobre a Violência”, o Führer representaria a “forma extrema da violência” porque é “Um contra Todos”, em contraste com a “forma extrema do poder” do “Todos contra Um” (ARENDT, 2007, p.35).

Sobre o afundamento de embarcações nacionais, a crônica “África! África!”, em 13/3/1943, vem dizer: “Se o pensamento de Hitler e seus asseclas, ao torpedearem navios

reacionários e fascistas da sociedade brasileira (WIAZOVSKI, 2008, p.123-174). Essa “associação da militância revolucionária e do comunismo à figura do judeu” (MOTTA, 1998, p.1) teve como efeito a perseguição de famílias judaicas no país, bem como toda uma série de barramento à entrada desse povo no governo Vargas. Sobre o assunto, veja-se, novamente, *O Antissemitismo na Era Vargas* (2001), de Tucci Carneiro.

⁷⁶ Philippe Pétain (1856-1951), militar e político francês durante a ocupação nazista.

brasileiros, foi intimidar o povo da nossa pátria, já devem ter, mais uma vez, se desiludido.” (AMADO, 2008, p.71). É como se o povo, nesse sentido, fosse guiado por um espírito de união, aquilo que o comunismo pregava como unidade (nacional, continental, mundial) seria inerente às massas que, despertadas e esclarecidas, naturalmente resistiriam ao inimigo e fariam a revolução. A utopia amadiana é o povo. Assim: “A cada agressão, a cada tentativa de amedrontamento, o povo responde com sua decisão de lutar, de honrar os compromissos assumidos pelo Brasil, de formar ao lado do governo uma inquebrantável unidade nacional [...].”(AMADO, 2008, p.71).

A missão da coluna “Hora da Guerra” n’*O Imparcial* é justamente a de esclarecer o povo, de ajudar “na sua luta por um mundo melhor”, conforme visto. Jorge Amado, nessa crônica de aniversário de um ano da coluna, promete a continuidade de sua “luta pela liberdade, pela democracia [stalinista?], pela vitória realmente do povo” (AMADO, 2008, p.28). Adolf Hitler assim é a grande imagem da maldade, do inimigo, no país e no mundo democrático. Sonhos são desfeitos, dramas nascem “da bestialidade nazifascista, nascidos numa época em que a alegria dos homens é arruinada pela existência de um monstro como Hitler.” (AMADO, 2008, p.69), conforme se lê em “Refugiados Políticos”, de 12/3/1943.

Torna-se necessária a “libertação dos povos que Hitler escravizou” (AMADO, 2008, p.83). Seu próprio povo teria sido iludido pela sedução do Führer, argumento este que Amado parece defender após uma série de crônicas em que tende à “identificação do inimigo como um todo, sem distinguir entre governos e populações civis.” (FAUSTO, 2008, p.16). O historiador justifica que “parecia não haver lugar para essas distinções, até porque, em grande medida, as populações dos países do Eixo apoiaram as aventuras e atrocidades dos governantes, ou se viram forçadas a silenciar diante delas.” (FAUSTO, 2008, p.16).

Parece haver, porém, certa complacência, o que se observa em “Os Estudantes Noruegueses”, de 7/12/1943: “Nas mãos do nazismo a juventude alemã se transformou em simples agrupação de títeres, sem vontade, sem cultura, sem amor aos livros e aos grandes ideais.” (AMADO, 2008, p.140). Porém, o culpado tem nome: “Hitler acenou com o domínio do mundo aos jovens do seu país, inebriou-os com essa ideia, perverteu-os. Muitos crimes pesam sobre o nazismo. Um deles é haver pervertido toda uma geração de jovens alemães.” (AMADO, 2008, p.140). Amado lança, generalizando, que “todos os fascismos que surgiram do ascenso hitlerista tentaram envenenar a mocidade, desviando-a dos seus caminhos justos, do seu entusiasmo pela grandes causas humanas, da sua vocação irremediável para a liberdade.” (AMADO, 2008, p.140-141).

Em 13/6/1944, na crônica “Os Povos Combaterão”, as massas são decisivas para o combate final, esse “último ato da tragédia que Hitler desencadeou”:

[...] já nos Balcãs, especialmente na Iugoslávia, ele [o povo] decide os acontecimentos. Também na Itália já o povo marcou a sorte [...] Nos demais países, como num ensaio geral, o povo sabota, faz saltar trens, espera na calada da noite os opressores nazistas. (AMADO, 2008, p.212).

Então, a síntese: “Os povos combaterão porque esta é a guerra dos povos contra a tirania fascista, é a guerra democrática e libertadora.” (AMADO, 2008, p.213).

Para o jovem comunista baiano, o espírito de união que orienta e fortalece a população, inscrito na fórmula “todo poder emana do povo”, parece jamais falhar, por mais que haja uma hipnose coletiva por um determinado período: “[...] o povo alemão começa a não acreditar nos dons sobrenaturais de Adolf, o carrasco.” (AMADO, 2008, p.239), conforme se lê no texto “Arma Secreta”, publicado em 29/7/1944. Povo este que, infelizmente, tem de pagar pelo apoio ao fascismo. Nas palavras de Alan Bullock, em depoimento registrado em *Para entender Hitler – A Busca das Origens do Mal*: “Fui para lá [à Alemanha] imediatamente após o fim da guerra. [...] Era como um remoto país agrícola, exceto pelas ruínas. Eu não conseguia acreditar no que havia acontecido. Isto é, a civilização havia sido destruída.” (ROSENBAUM, 2004, p.138).

Sobre aquela tríade referida no início (ódio, vingança e repúdio), aliada ao tom de deboche e desprezo a Hitler, pilares do sentimento de Jorge Amado destilado ao longo das crônicas que se referem ao líder da Alemanha nazista, parece razoável concluir que ela emerge, em muita, por uma palavra que igualmente define o Führer: *arrogância*. Muito ainda se poderia dizer sobre Adolf Hitler, figura tão sombria quanto enigmática, que desafia inclusive biógrafos e historiadores consagrados. Obras sem fim tentam dar conta de Hitler. O que colocamos aqui foi sua metáfora do mal, independente das inúmeras teorias a seu respeito, sob a visão de Amado, escritor de crônicas de guerra com a cabeça feita pelo ideal comunista. De qualquer modo, convém citarmos uma passagem do livro *Hitler – Um Perfil do Poder*, de Ian Kershaw, presente no capítulo “A Arrogância do Poder”:

A incapacidade de pôr fim à guerra, fosse pela vitória ou por uma acordo de paz racional, culminou não apenas num desejo de morte pessoal por parte de Hitler, mas num veredito de destruição e maldição contra seu próprio povo, que, a seu ver, havia faltado para com ele. Foi o clímax lógico da arrogância do poder de Hitler. (KERSHAW, 1993, p.164).

Nos anos derradeiros que levariam a essa destruição, Jorge Amado escreve sobre Castro Alves na crônica de 27/10/1943, “Biblioteca do Combatente”, o que nos serve de convite para o próximo panorama temático observado em *Hora da Guerra*:

[...] com uma antecedência de setenta anos, o imortal baiano traçava o retrato da Alemanha de Hitler: ... *tirania feudal/ levantando u'a montanha/ em cada uma catedral.* (AMADO, 2008, p.126-127).

3.2. Amado & A Fogueira

“Nessa guerra em que vivemos e nessa paz que se aproxima, estamos duplamente interessados: como brasileiros e como escritores. A vitória militar do nazifascismo seria o fim da cultura. A vitória política de elementos obscurantistas seria igualmente a perseguição às letras, a queima de livros, a prisão para os escritores.” (JORGE AMADO, “As Fogueiras de Livros”, 4/4/1944, 2008, p.205).

A censura à arte nessa *era dos extremos* que engloba a Segunda Guerra Mundial é um tema que muito frequentemente surge na esteira do debate sobre as ideologias que deram rosto, nome e alma para o período. O assunto⁷⁷ muito toca o escritor Jorge Amado em suas crônicas de guerra. Ele geralmente surge no terreno do confronto entre nazifascismo e cultura, no argumento binário de que onde há fascismo não pode haver livre pensamento, arte engajada nem mesmo ciência. As palavras que vão representar esse conceito são *obscurantismo/feudalismo*, significando, basicamente, “atraso”⁷⁸.

Isso se insere naquela preocupação de Amado, aqui já observada, de que, mais importante de que o vislumbra da vitória na guerra militar, é a certeza do aniquilamento do espírito fascista que deve servir de motivação a todos. Em sua visão, “o destino da arte é servir ao homem” (AMADO, 2008, p.208), cultura e democracia se combinam, enquanto a “quinta-coluna” com seu ideal fascista tenta de todo modo minar o *esclarecimento* da arte

⁷⁷ Veja-se Tucci Carneiro, *Livros Proibidos, Ideias Malditas*: “Os livros de alguns escritores brasileiros, como Monteiro Lobato e Jorge Amado, sempre foram vistos pelos DEOPS [Departamento de Ordem Política e Social] em diferentes etapas da repressão à cultura. Possuir [...] *O Cavaleiro da Esperança* [...] era o mesmo que declarar-se comunista, revolucionário.” (TUCCI CARNEIRO, 2002, p.142).

⁷⁸ A referência que Jorge Amado e os modernistas em geral fazem da Idade Média e do feudalismo parte do anacronismo conceitual de que o período é marcado apenas pelo seu aspecto escuro/obscuro. Essa maneira de ver, por assim dizer, a Idade Média articula-se à teoria socialista do *etapismo* que, “dentro da perspectiva concebida pelos comunistas para o Brasil”, tratava-se do seguinte: “[...] como o país era ainda ‘essencialmente agrícola’ e dominado por uma estrutura de poder ‘semifeudal’ atrelada ao imperialismo, deviam os comunistas num primeiro momento se aliar à pequena burguesia comercial e industrial com o fim de ‘vencer a etapa’ da revolução democrático-burguesa [...], para só depois encaminhar a revolução socialista.” (DUARTE, 1996, p.25). Veja-se, também, a obra clássica de Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil* (2000) e a obra de Italo Tronca, *Revolução de 1930 – A Dominação Oculta* (1986).

engajada. Mais uma vez, as expressões artísticas possuem, em si, uma função social potente de conscientização dos povos. Olhando por esse viés, a arte pela arte não serve a Jorge Amado: “Sob a proteção da quinta-coluna, desenvolvia-se no Brasil um conceito de arte pura, desinteressada, que ia envolvendo os jovens escritores e artistas.” (AMADO, 2008, p.208).

Toda uma geração de artistas, ele continua em 9/4/1944, no texto “O Pintor Sciliar”, foi jogada pela guerra num imenso “perigo”, que era o de resistir “aos chamados angustiosos dos homens sofredores.” (AMADO, 2008, p.209). Havia exceções, porém. O pintor Carlos Sciliar⁷⁹ é um exemplo: “Sua arte sempre teve um conteúdo social, sempre foi arma dos mais pobres e mais necessitados.” (AMADO, 2008, p.209). Amado comenta, logo depois, sobre a decisão do artista de servir como soldado do corpo expedicionário da Força Expedicionária Brasileira: “O jovem discutidor vai lutar contra os nazistas com o rifle e a metralhadora. Isso ajudará a que seus quadros sejam no futuro armas ainda mais mortíferas contra a opressão. Armas da liberdade e da dignidade do homem.” (AMADO, 2008, p.209).

Quanto à queima de livros, o baiano, “alvo” das fogueiras do Estado Novo em 1937, faz marcar explicitamente o tema em pelo menos cinco crônicas. A mais contundente delas é justamente a intitulada “As Fogueiras de Livros”, texto no qual o escritor se vale da associação entre fascismo e *atraso* – “Nos países dominados pelos fascistas, voltamos sempre à Idade Média. O fascismo é inimigo do progresso [...].” (AMADO, 2008, p.204)⁸⁰ –, onde também louva a Associação Brasileira de Escritores contrapondo-a à Academia Brasileira de Letras, da qual, ironicamente, viria a fazer parte anos depois, conforme referência anterior: “A Associação de Escritores não é nem sociedade de elogios mútuos nem clube de chás e torradas para literatos sem que fazer. É uma trincheira de luta contra o obscurantismo, contra a barbárie, contra fogueiras de livros.” (AMADO, 2008, p.205).

O acontecimento que desencadeia o assunto é a queima de livros “que o fascismo argentino levanta nas ruas de Buenos Aires”, cerca de “oitenta mil livros”, “a mando do

⁷⁹ Carlos Sciliar (1920-2001), artista plástico, além de roteirista e designer gráfico, era filho de imigrantes judeus. Em 1944, foi para a Itália como soldado no 2º Escalão da FEB, retornando em julho de 1945.

⁸⁰ A noção de progresso é a base de uma concepção moderna de história que enxerga o passado como o “balbuciar da humanidade”, em contraste com um futuro “melhor” que só é possível ao se questionar a tradição. Esse ideal, engendrado no Iluminismo e com Kant, surge de uma expressão de consciência histórica que é então chamada de tradição moderna – ou da sucessiva (e paradoxal) ruptura, forjando uma contínua consciência da tradição que se instala em cada período. O movimento socialista revolucionário bebe dessa noção um tanto escatológica, daí que Jorge Amado associa o fascismo com a Idade Média (obscura porque inconsciente). Antonio Cândido, no capítulo “Literatura e Cultura de 1900 a 1945” de *Literatura e Sociedade* aponta esse ideal moderno como uma “lei de *evolução* da nossa vida espiritual” (CANDIDO, 2000, p.101, grifo nosso). Octavio Paz trata sobre o assunto em *Os Filhos do Barro*: “O que distingue nossa modernidade das modernidades de outras épocas não é a celebração do novo e surpreendente, embora isso também conte, mas o fato de ser uma ruptura: crítica do passado imediato, interrupção da continuidade. A arte moderna não é apenas uma filha da idade crítica, mas é também crítica de si mesma.” (PAZ, 1984, p.20). Jorge Amado parece se instalar nesse “cadinho” ideológico.

coronel Perón” (AMADO, 2008, p.204). Amado então levanta a “identidade de métodos” tanto na Alemanha como na Argentina, o que o leva a entender que, para o governo totalitário instalado naquelas nações, “a cultura significa o inimigo”: “Livros devem ser queimados, escritores devem ser encarcerados, torturados, fuzilados. Assim o nazifascismo encara a cultura.” (AMADO, 2008, p.204). Como em Salvador, anos antes, as obras de Jorge Amado encontram ali a destruição: “Lá estou eu, entre os autores de livros queimados em Buenos Aires [...] É claro que me sinto sumamente honrado [...] por ter merecido dos fascistas argentinos tal consideração: a fogueira em praça pública.” (AMADO, 2008, p.204).

É inevitável, pois, que o baiano lembre o que ocorreu no próprio país⁸¹:

Em certa ocasião, há alguns anos passados, os integralistas ocuparam postos de mando nesta cidade da Bahia e em algumas outras do país. Aqui também se realizaram autos-de-fé. Ainda há poucos dias eu tive oportunidade de ler a ata de queima de livros na Bahia. Gilberto Freyre, Anísio Teixeira, José Lins do Rego e eu [...] (AMADO, 2008, p.205).

A referência ao sentido arcaico, *feudal/Idade Média/inquisitorial*, desses meios destrutivos perfazem a crítica de Jorge Amado, com se nota na passagem acima ao metaforizar a incineração pública de livros como “autos-de-fé”, o que se repete na crônica “A Universidade”, publicada em 12/12/1943: “A Gestapo, que ama os incêndios que destroem livros e cátedras, criadora dos novos autos-de-fé da moderna Inquisição [...]” (AMADO, 2008, p.147). Do mesmo modo, Amado escreve no dia 4/2/1944, em “Cultura e Democracia”, como se lê: “José Lins do Rego, no seu artigo, recorda o auto-de-fé à maneira inquisitorial nazista realizado aqui na Bahia, quando do assalto ao poder pela canalha integralista.” (AMADO, 2008, p.168). E em sua própria defesa, o baiano afirma ter sido, “particularmente”, “uma vítima constante desse ódio nazifasci-integralista à cultura. Livros apreendidos, livros queimados, livros proibidos, acusações, o diabo.” (AMADO, 2008, p.168).

Nesse sentido, Chartier assinala no capítulo “O Autor Entre Punição e Proteção”, de sua obra *A Aventura do Livro – Do Leitor ao Navegador*:

Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão da destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas ideias. A força do escrito é de ter tornado tragicamente derrisória esta negra vontade. (CHARTIER, 1998, p.23).

⁸¹ “Durante o governo Vargas (1930-1945) a purificação das ideias atingiu nível nacional. Livros perigosos foram farejados por todos os cantos do Brasil. Um mês após o “auto-de-fé baiano”, a polícia carioca após proceder diligências em várias livrarias do Rio de Janeiro, apreendeu vários outros títulos “nocivos à sociedade”, dentre os quais estavam: *Capitães da Areia*, de Jorge Amado [...].” (TUCCI CARNEIRO, 2002, p.30).

O escritor venezuelano Fernando Báez também ilumina o tema em *História Universal da Destruição dos Livros*. A premissa da obra parte da questão: por que a humanidade vem destruindo livros ao longo de sua história? A resposta, obviamente complexa, encontra caminho pelo eixo da “eliminação da memória”. Não é o objeto em si que se queima, destrói, ele explica, mas antes o vínculo que ele estabelece com a memória, com as ideias de um grupo, de uma civilização: “O livro dá consistência à memória humana [...] Faz-se a destruição contra tudo o que se considera ameaça direta ou indireta a um valor considerado superior.” (BÁEZ, 2006, p.24). Essa ideia converge para aquilo que Primo Levi disse sobre “a história do curto Reich Milenar”, a qual “pode ser relida como guerra contra a memória.” (LEVI, 1990, p.14). Todorov faz colocação semelhante: “Os regimes totalitários do século XX revelaram a existência de um perigo antes insuspeitado: o de um domínio completo sobre a memória.” (TODOROV, 2002, p.135).

Assim, não se deve perder de vista a constatação depois “de 12 anos de estudo” de Fernando Báez: “É erro frequente atribuir as destruições de livros a homens ignorantes, inconscientes de seu ódio [...] concluí que quanto mais culto é um povo ou um homem, mas disposto se mostra a eliminar livros.” (BÁEZ, 2006, p.27).

Quanto ao fator predominante na destruição dos livros, o *fogo*? O venezuelano afirma que muito provavelmente porque ele tenha sido “o elemento essencial no desenvolvimento das civilizações e o primeiro elemento determinante na vida do homem.” (BÁEZ, 2006, p.26):

A razão do uso do fogo é evidente: reduz o espírito de uma obra à matéria. Se se queima um homem, ele é reduzido aos seus quatro elementos principais (carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio); se se queima o papel, a racionalidade intemporal deixa de ser racionalidade para se converter em cinzas [palavra tão evocada por Jorge Amado, como ser verá à frente]. Além disso, há um detalhe visual. Quem viu algo queimado reconhece a inegável cor preta. O claro se torna escuro. (BÁEZ, 2006, p.26).

Essa visão converge para o que sublinha Tucci Carneiro em *Livros Proibidos, Ideias Malditas* ao tratar dos autos-de-fé⁸², “organizados sob a forma de espetáculo”:

O fogo era elemento imprescindível nestas encenações públicas do Poder. De fenômeno natural, o fogo transformava-se em elemento-símbolo de

⁸² “Estas práticas – símbolos da purificação da sociedade ameaçada de ser corroída por ideias heréticas – foram comuns tanto aos homens da Igreja medieval quanto aos inquisidores do Santo Ofício de Portugal e Espanha na época Moderna. O Santo Ofício ibérico acionou, por mais de três séculos, um sistema de símbolos e ritos [...].” (TUCCI CARNEIRO, 2002, p.25).

purificação, configurando à ideia de desobediência a Deus (pecado) e ilustrando a imagem do Inferno. (TUCCI CARNEIRO, 2002, p.26-27).

Essa *depuração social* via o livro é bastante destacada por Jorge Amado ao se referir ao “caso argentino”. Uma razão talvez para esse destaque é que a ditadura na Argentina parece ter sido mais vigilante e ferrenha em relação aos livros e editores do que nos períodos ditatoriais no Brasil. No texto de 15/2/1944, “Lutamos pela Cultura”, Amado assim inicia: “NUMA CARTA QUE VENHO DE RECEBER, CERTO ROMANCISTA ARGENTINO, autor de um romance de grande êxito [...] informa-me que seu livro, juntamente com muitos outros, foi [...] proibido de circular (AMADO, 2008, p.173).

As editoras são alvo do governo, que, segundo o baiano, fecha três, e então o resultado: “Inúmeros livros foram queimados” (AMADO, 2008, p.173). É nesta crônica que Amado dá sua explicação sobre o “muniquismo”, que permeia seus textos:

Romper com o Eixo, no caso da Argentina, não representa romper com o espírito do fascismo. Essa mentalidade fascista que se introduz sagazmente nas hostes democráticas das Nações Unidas, e que tantas vezes tenho denunciado destas [sic] colunas, é o que chamamos de muniquismo [...] (AMADO, 2008, p.173).

Tal muniquismo está “procurando assentar pé nas Américas e, desde já, montar aqui a máquina terrorista e obscurantista da mais negra reação feudal”. (AMADO, 2008, p.174). Fernando Báez, no capítulo “A Ditadura na Argentina”, comenta sobre a destruição de livros no país que se estende até os anos 1980 e que chegou ao extremo do desaparecimento de vários editores. Cerca de 1,5 milhão de livros foram queimados em 30 de agosto de 1980, em Sarandí, na Argentina (BÁEZ, 2006, p.286).

O que se pretende aqui com a referência é sugerir que o livro no país vizinho provavelmente tenha sido o objeto cultural mais visado pela censura. Isso talvez porque o número de leitores na Argentina seja expressivo. No Brasil, Amado indica, pelo menos naqueles anos da década de 1940, que a pressão de escritores é que teria derrotado o cerco aos livros: “Não nos esqueçamos que, há poucos dias, um cavalheiro escreveu um artigo pedindo censura prévia para os livros brasileiros. [...] Mas os escritores brasileiros estão atentos e vigilantes. O exemplo da Argentina está diante de nós.” (AMADO, 2008, p.174-175).

Sob o véu do muniquismo (ou quinta-coluna, fascismo), estão, especialmente, os integralistas, grupo criticado por Amado como *membro do mal* a ser extirpado. Essa noção muito se liga à outra, a de que o “comunismo quer a felicidade da humanidade – mas desde que os maus tenham sido afastados dela previamente [...]” (TODOROV, 2002, p.48),

pensamento que justifica muito as ações violentas de Stálin. Coincidência ou não de atitudes/conceitos, o cronista é veemente: “Estamos lutando pela democracia ao lado das Nações Unidas. Estamos lutando contra o obscurantismo, contra aqueles que queimam livros e prendem escritores.” (AMADO, 2008, p.168). Ou: “Os fascistas estão agindo. Hoje, contra a arte: amanhã, contra a segurança da pátria. A peste verde [integralistas] ainda não foi totalmente liquidada.” (AMADO, 2008, p.219). Amado refere-se ao discurso do prefeito de Belo Horizonte na abertura de uma exposição, “no qual o nazifascismo era condenado como fator de atraso para a humanidade, como desejoso de enterrar o mundo numa noite de incultura, numa nova Idade Média bárbara e obscurantista.” (AMADO, 2008, p.218).

A censura, de modo geral, metaforizada pela fogueira – “figura invertida da biblioteca encarregada de proteger o patrimônio textual” (CHARTIER, 1998, p.23) –, é pontuada pelo escritor baiano. Duas crônicas revelam tentativas de voto a livros pelo *inimigo* já conhecido.

No texto “Em Defesa da Cultura”, de 2/3/1944, Amado comenta sobre o protesto lavrado em reunião da Associação Brasileira de Escritores “contra a apreensão pelo DEIP [Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda] do Rio Grande Sul, do romance *Fronteira Agreste*, estreia de Ivan Pedro de Martins, que vem obtendo grande êxito de crítica.” (AMADO, 2008, p.187). Amado mostra pleno conhecimento daqueles ideais nazistas no que concernem à arte, tema do documentário *Arquitetura da Destruição*, aqui mencionado: “O livro foi proibido como ‘pornográfico’, ou seja, dentro daquele conceito de arte degenerada com que o fascismo classificava todas as obras realistas e democráticas.” (AMADO, 2008, p.187). O monstro é sempre visível e agora especializado: “Sabe-se que a quinta-coluna cultural [...] vem pleiteando a censura para livros e traduções a serem lançados pelos editores brasileiros.” (AMADO, 2008, p.187). Ele argumenta que a “literatura brasileira sempre foi antifascista, popular e democrática. A censura só poderia servir aos interesses do fascismo.” (AMADO, 2008, p.188). E reafirma: “Fogueiras de livros levantaram-se, inclusive na Bahia democrática, em dias sombrios e, entre outros, livros meus foram queimados.” (AMADO, 2008, p.188).

Outra crônica ainda é “Cultura e Democracia”, já citada, na qual o autor parte de artigo de José Lins do Rego intitulado “Censura de Livros”, descrito como “um grito de alarme contra novas manobras quinta-colunistas em relação à literatura brasileira.” (AMADO, 2008, p.167). Segundo Amado, o autor de *Fogo Morto* “levanta-se contra o pedido de um desses muitos literatos fracassados, postos a serviço do fascismo, que quer uma censura para livros, ‘a fim de que não se corrompam ou envenenem as almas frágeis.’” (AMADO, 2008, p.167). O cronista pondera que a quinta-coluna vinha, desde outros tempos, “lançando sua campanha

sistemática contra a cultura brasileira e, em especial, contra a literatura moderna.” (AMADO, 2008, p.167). E adverte que não “cessou, porém, a atividade solerte da quinta-coluna no front cultural.” e, logo, na mesma página, cita a “provocação em torno do pintor Lasar Segall”⁸³.

A insistência de Jorge Amado quanto à ameaça da quinta-coluna “muniquistas” não é fruto, partindo de seu posicionamento ideológico, de uma paranoia infundada. Os *fascistas* realmente (re)agiram. O ataque às obras do artista plástico de origem judaica Lasar Segall, junto às de outros, é algo flagrante. A “arte degenerada” para determinado grupo era aquela de ideal moderno que não encontra melhor definição do que a de Rimbaud: “Temos de arrancar à pintura seu hábito antigo de copiar, para fazê-la soberana. Em vez de reproduzir os objetos, ela deve forçar excitações [...]” (apud FRIEDRICH, 1978, p.81).

Em “Fascistas em Ação”, de 18/6/1944, lê-se: “ANTE A INDIGNAÇÃO DE TODA A CULTURA NACIONAL, OS FASCISTAS PENETRARAM na sala em que se realizava a primeira exposição de pintura moderna de Belo Horizonte e retalharam a gilete oito quadros [...].” (AMADO, 2008, p.218). Sobre aquela “provocação” a Segall, Amado pergunta: “Quem não se recorda da sórdida campanha que os integralistas moveram contra Lasar Segall quando da sua exposição o ano passado?” (AMADO, 2008, p.219).

A indagação encontra eco nas palavras de Vera D’Horta Beccari, em sua obra *Lasar Segall e o Modernismo Paulista*. Nela, a autora esclarece que o artista plástico havia sofrido perseguição dos integralistas desde a década de 1930, obrigando-o a deixar a Sociedade Pró-Arte Moderna de São Paulo (SPAM), fundada por ele e um grupo de amigos em 1932, agravando sua tendência à reclusão:

A *Spam* tinha sido liquidada pela tropa de choque que era o movimento integralista. Na década de [19]30, o integralismo espalhou principalmente na classe rica, mais conservadora e segura de si, a ideia da defesa de uma nacionalidade que se confundia com tradição, com família e com propriedade. (AMADO, 2008, p.104).

A autora faz inclusive referência à figura integralista mais criticada e debochada por Amado: “[...] o integralismo acabou sentando-se à mesa dos grã-finos, mesmo dos mais ilustrados (dona Olívia recepciona Plínio Salgado. Seu genro, Goffredo da Silva Telles, também era integralista declarado).” (AMADO, 2008, p.104).

Sobre as perseguições:

⁸³ Lasar Segall (1891-1957), de família judia, nascido na Rússia, fixou-se no Brasil definitivamente em 1923, adquirindo nacionalidade brasileira. É considerado um dos responsáveis pelas primeiras exposições modernistas no país.

O preconceito contra o “estrangeiro” e contra o “judeu” nem se fala – na verdade, ser judeu não era uma qualidade cômoda no Brasil dos anos [19]30. Em defesa de uma tradição atacava-se o estrangeiro com medo de que ele tomasse conta de uma cultura que devia ser “brasileira”, no sentido mais reacionário da palavra. Segall é apanhado em seu entusiasmo, no auge de sua criatividade e identificação com o ambiente brasileiro [...] (AMADO, 2008, p.103-104).

Amado chama a atenção para o fato de que, mesmo na clandestinidade e estando Plínio Salgado no exílio, o movimento integralista, espécie de fruto tupiniquim do nazifascismo, estava à solta na sociedade. Isso explica o título da crônica, que logo é desdobrado – “Os fascistas organizados em ação.” (AMADO, 2008, p.219): “Diariamente lá estão os chefes numa mesa da Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, ouvindo as ordens de Raimundo Padilha, o sub-Führer indígena, o substituto de Plínio, o Rato. Dali partem as ordens para os ataques aos quadros modernos [...].”(AMADO, 2008, p.219).

Outro ponto que sensibiliza Amado em suas crônicas de *Hora da Guerra* e que toca a temática da censura é a perseguição a inúmeros artistas, intelectuais e cientistas (“sábios”, como ele se refere) nas nações europeias subjugadas pelos fascismos.

As primeiras linhas de “A Poesia Também é uma Arma”, do dia 31/12/1942, referem-se ao fuzilamento de Federico García Lorca pelos “inimigos da Cultura e da Inteligência”: “Antonio Machado foi morto num campo de concentração da França já então traída pelos Pétains [...] Os demais poetas espanhóis andam pelo mundo do exílio [...]” (AMADO, 2008, p.31). Vale aqui transcrever o parágrafo sobre Freud:

Um dia, quando as hordas nazistas nacionalizaram a Áustria livre, pátria das valsas, da música amável, da alegria simples, um velho de mais de oitenta anos, Sigmund Freud, que havia reformado a psicologia moderna, foi salvo do muro de fuzilamentos pela democracia inglesa. Mas o abalo moral e os insultos sofridos mataram Freud quase em seguida. Sem pátria, ele não resistiu. (AMADO, 2008, p.31).

Sobre Thomas Mann: “teve que procurar uma nova pátria nas terras livres da América. Seu crime? É necessário que todos os brasileiros o conheçam: ser filho de mãe brasileira e não ter, por consequência um puro sangue ariano.” (AMADO, 2008, p.31).

Neste ponto, convém fazer um parêntese. Thomas Mann é autor admirado pelos marxistas em função de uma obra que não apela à representação da vulgaridade, artificialismo e lugar comum do universo burguês, mas antes por uma “plasticidade, altamente diferenciada”, que brota “diretamente do espírito” (LUKÁCS, 1965, p.202). Qual é esse

espírito? É precisamente o “antiburguês” que vê uma faceta do momento moderno como puramente subjetivista, resultado do afastamento à *coletividade*, do desprezo da burguesia “por toda comunidade” que surge como “consequência necessária do moderno individualismo burguês do período imperialista” [palavra esta bastante acionada por Jorge Amado] (LUKÁCS, 1965, p.209). Este pensamento nos provoca a colocar que os intelectuais de esquerda em geral tinham (e ainda têm) como busca incessante uma sociedade que reflita sobre suas necessidades e aja pela objetividade, a favor de vínculos coletivos, em detrimento de uma visão capitalista que leva ao individualismo e ao afrouxamento das relações, prevalecendo o acúmulo de riqueza e a consequente exploração do homem pelo homem. Se isso parece lugar comum na atualidade, não o era na estilhaçada primeira metade do XX.

Jorge Amado repudia não apenas as noções racistas do nazifascismo que expulsava homens como Thomas Mann do “império ariano”. A ideia também em jogo é o totalitarismo fascista, fruto da expansão capitalista, que se aproveita do sentimento de vazio daquela modernidade de vínculos fracos para forjar a noção de uma raça superior (arianismo) e, indiretamente, eliminar *dissidentes* (*comunistas*?). Convém mencionar que Amado ainda cita vários outros nomes, como o próprio irmão de Thomas Mann, “um dos mais lidos romancistas de hoje”, Heinrich Mann, além de Remarque – que teve seus livros queimados pelos nazistas em 1933 em razão do retrato dos horrores da guerra que não estavam de acordo com o “ideal alemão” –, Ludwig – autor de *Krieg* (*Guerra*) –, Zweig, “que depois iria se matar” no Brasil, em 1942; assim como Albert Einstein, “o gênio primeiro das matemáticas no século XX, que iria à frente dos fugitivos da inteligência e da cultura.” (AMADO, 2008, p.32). Todos, como se nota, adeptos ou simpatizantes do comunismo.

Partindo da notória premissa de que inúmeras “personalidades judaicas mudaram nossa concepção do mundo e de nós mesmos” (PEREIRA, 1998, p.44)⁸⁴, na obra *O Presente de Hitler*, Jean Medawar e David Pyke esclarecem que, quando Hitler se tornou líder da Alemanha em janeiro de 1933, deu início à demissão em massa de cientistas judeus. Muitos não foram forçados a deixar o país, mas perderam seus empregos e oportunidades. Contudo, essas perseguições foram se tornando ainda mais “brutais e repentinhas”. E qual foi o presente do Führer ao mundo, especialmente à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos? Justamente vários cientistas de peso que, inclusive, viriam a desenvolver (de vez!) a bomba atômica, algo que poderiam ter feito a favor do nazismo. Os autores informam que, entre o primeiro prêmio

⁸⁴ A autora cita “Spinoza, Bergson, Freud, Einstein, Karl Marx, Benjamin, etc.” “Sem contar, ainda, que grande parte do impulso renovador da literatura veio de judeus como Kafka, Proust, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Samuel Rawet, Clarice Lispector, Moacyr, entre outros.” (PEREIRA, 1998, p.44).

Nobel, concedido em 1901, até o outorgado em 1932, os cientistas germânicos – ou radicados na Alemanha – levaram trinta e três. Nos 27 anos seguintes, a situação era outra: a Alemanha ganhou apenas oito, enquanto a Grã-Bretanha, vinte e um (MEDAWAR; PYKE, 2003, p.69).

O que nos leva a considerar a crônica “A Ciência Mártil”, de 18/3/1943:

[...] odeiam sobretudo a ciência porque a ciência representa o domínio do homem sobre a natureza, sobre a miséria, sobre a dor [...] Os nazis são dor e maldade, são crime e perversão, seu ódio à ciência é orgânico [...] Os campos de concentração substituíram os laboratórios na Europa invadida [...] Já morreu Teslav Baladshvetsky, tão conhecido em todo o mundo científico, já morreu também o reitor do seminário de Cracóvia, Peter Warchik [...] Na Polônia sangrante, 170 professores da Universidade de Varsóvia pagam [...] a culpa de serem sábios [...] Não vos esqueçais, amigos! [...] feras sedentas de sangue [...] inimigas das ciência e da poesia, da vida do homem! (AMADO, 2008, p.74-76).

Na Argentina, a situação da arte e da educação é semelhante:

O maestro Juan José Castro, regente do Colón, foi afastado do grande teatro portenho somente porque dirigira ali, há meses, uma orquestra composta de cem professores na interpretação da *Sétima sinfonia*, de Chostakovitch, ou seja, uma sinfonia das Nações Unidas contra o nazifascismo. Nas universidades houve uma verdadeira limpa de elementos democráticos [...]. [O ministro da Educação] fechou a Universidade Obrera e todos os demais estabelecimentos onde havia livre debate. (AMADO, 2008, p.173-174).

A destruição de templos da cultura também foi evidenciada no texto de 12/12/1943, cujo título “A Universidade” faz referência à Universidade de Oslo, na Noruega, que, naqueles dias de guerra, tinha se tornado “um montão de ruínas”, assim dito pelo cronista baiano. Ele escreve a respeito dos professores: “Na universidade, os velhos mestres haviam ensinado os grandes princípios da ciência, da literatura, e também da vida.” (AMADO, 2008, p.146). E a respeito dos discentes: “Os estudantes sabiam que o nazismo é visceralmente inimigo da cultura, que é obscurantista, que deseja mergulhar o mundo na noite de uma nova Idade Média [...] (AMADO, 2008, p.146). A conclusão é algo “lírico” também: “O nórdico vento frio da cidade de Oslo leva as cinzas pelo país da Noruega. Não importa que os estudantes e os mestres estejam presos na Alemanha. Não importa que a universidade tenha sido incendiada. As cinzas se espalham por toda a Noruega. (AMADO, 2008, p.147).

De tudo o que se viu até aqui, parece claro a junção de informação acerca dos fatos em torno da guerra com aquele “polimento poético” temperado por um discurso candente, ecoando a voz de um dos poetas que Jorge Amado tanto venerou e sobre quem escreveu:

Castro Alves – “o poeta que profeticamente cantou os acontecimentos que estavam por vir” (AMADO, 2008, p.127).

Há algo de denúncia, ao mesmo tempo em que o *traço* emotivo quer fazer despertar seu interlocutor. É o clamor de um ser inconformado⁸⁵. Daí as imagens evocadas – “as cinzas ainda quentes, cinzas de livros, de cadernos de estudos, cinzas que atearão o fogo da revolta!” (AMADO, 2008, p.127) – em sintonia com a *cultura* como fonte de consciência social – “Hoje o artista encara a vida frente a frente, sua arte se humanizou, está envolvido nos problemas dos demais homens” (AMADO, 2008, p.125). Nasce desse ideal também a denúncia aos “feudalismos” (o atraso e a liberdade subjugada): “métodos feudais de governo contra a paz democrática dos povos.” (AMADO, 2008, p.197), “economia feudal” (AMADO, 2008, p.223), “barão feudal da Finlândia” (AMADO, 2008, p.252), “feudalismo fascista” (AMADO, 2008, p.254).

Interessante observar que a aproximação entre Inquisição e nazismo por Amado possivelmente tenha tido raízes no próprio modernismo que “vivia”. Menotti del Picchia, em “Por que ser Antissemita” (1933) questiona, usando termos semelhantes ao do baiano:

Uma raça que deu ao mundo Marx, Freud, Bergson, Einstein [...] e tantos outros gênios [...] Persegui-la por intolerância; querer abatê-la por inveja; ameiquinhá-la por convenções religiosas; aniquilá-la por interesses políticos é consumar um crime inominável e reeditar em pleno século do rádio o obscurantismo odioso e sangrento da Santa Inquisição.
(apud TUCCI CARNEIRO, 2001, p.103).

Jorge Amado traz à reflexão outras formas de arte e de comunicação, como o rádio, de onde “a esperança chegava” (AMADO, 2008, p.130), na crônica “Um Aniversário”, de 17/11/1943: “[...] quando Hitler invadiu a União Soviética, na mais trágica de suas aventuras, foram as rádios livres e clandestinas, entre elas a BBC, que trouxeram os povos oprimidos informados da extensão do desastre nazi.” (AMADO, 2008, p.131).

É de se reconhecer, igualmente, o conhecimento diverso do baiano sobre arte e cultura, como no texto “O Mocinho e o Herói”, de 6/10/1943. Nele, Jorge Amado comenta sobre a degradação do cinema europeu nas nações totalitárias:

O cinema italiano, que chegou a ser o primeiro do mundo em determinado momento, literalmente desapareceu com a vitória do fascismo. E o cinema alemão que era insuperável na criação de grandes dramas, de onde surgiram artistas e diretores extraordinários, também ele desapareceu quase totalmente

⁸⁵ Mais uma vez convém enfatizar a noção do intelectual como vanguarda do proletário, ideia essa que nasce na Ilustração. É o *ilustrado* que deve levar ao povo o estímulo para a conscientização e a revolução.

com Hitler no poder e Goebbels na direção da arte alemã. O coxo [,] do cinema [,] não entendia nada. (AMADO, 2008, p.116)⁸⁶.

Em contrapartida, o baiano não poderia deixar de observar, dentro daquele maniqueísmo ideológico: “O cinema americano, como o russo e o inglês, se colocou inteiramente a serviço dos povos e da liberdade contra a opressão.” (AMADO, 2008, p.117).

As artes plásticas também encontram louvor na crônica de 19/10/1943, “Os Artistas Modernos do Brasil e a Guerra”, a qual trata da exposição de artistas plásticos brasileiros na capital inglesa: “O dinheiro angariado com a venda desses quadros será transformado em aviões que irão destruir as indústrias bélicas dos germano-fascistas, defendendo, em última instância, a própria arte, cuja existência os nazis ameaçam.” (AMADO, 2008, p.124). Amado reafirma seu conceito moderno: “Foi-se o tempo em que o artista vivia isolado do mundo, trancado na sua torre, a pintar naturezas-mortas e nus.” (AMADO, 2008, p.125).

A título de conclusão deste tema, deixa-se aqui um poema de Bertolt Brecht. Seus versos ressoam a voz de Jorge Amado sobre a censura – “A liberdade de pensamento e palavra é a característica primordial das democracias.” (AMADO, 2008, p.173) – embora, como foi observado mais de uma vez, o baiano parecesse não atinar para o fato de que o senhor do Kremlin, a quem venerava na época, não era assim tão afeito ao modelo democrático, o que não desmerece o “canto” amadiano à liberdade dos povos...

Quando o regime ordenou, aos livros com sabedoria perigosa
 Queimar em público, carretas os levaram às fogueiras,
 E todos os bois foram forçados a fazê-lo, mas
 Um dos poetas perseguidos ao analisar, com cuidado,
 A lista dos queimados, ficou estupefacto, pois seu livro
 Fora esquecido. E foi voando com as asas da ira
 a seu escritório e escreveu uma carta às autoridades.
 “Queimem-me!”, escreveu com grande pesar. “Queimem-me!
 Não façam isso comigo! Não disse
 Sempre a verdade em meus livros?
 E agora me tratam vocês como se fosse mentiroso!
 Ordene: Queimem-me!”⁸⁷

⁸⁶ Sobre Joseph Goebbels (1897-1945), o *Propagandaminister* da Alemanha nazista, Fernando Báez registra no capítulo “O Bibliocausto Nazista” – referência explícita à Shoá: “Goebbels não servira no exército por ser coxo e fizera doutorado em filologia em 1922 em Heidelberg, onde Hegel foi professor. Era um leitor apaixonado dos clássicos [...] Admirava Nietzsche, recitava poemas de memória [...].” (BÁEZ, 2006, p.242). Goebbels foi o responsável pela destruição de bibliotecas e pela destruição de 25 mil livros: “O 10 de maio [de 1933] foi um dia agitado. Membros da Associação de Estudantes Alemães se acotovelaram na biblioteca da Universidade Wilhelm von Humboldt e começaram a recolher os livros proibidos. [...] A fogueira já estava acesa. Joseph ergueu a voz e, depois de saudar com um estrondoso *Heil!*, explicou os motivos da queima [...]. (BÁEZ, 2006, p.243). Milhões de livros foram queimados não só em outros “territórios” invadidos pelos nazistas, como na Polônia e na antiga Tchecoslováquia.

3.3. Amado & O Judeu

“Aí estão as criancinhas alegres, brincando seus brinquedos ingênuos, aí estão as moças com seus namorados nas tardes românticas, aí estão as amadas com seus amados nas noites de amor, aí estão as mãos desveladas por seus filhos, aí estão os homens no seu trabalho. Quem não os ama, a toda esta humanidade? Mas, ah!, aí estão também os assassinos nazis. Estão roubando, matando, incendiando, escravizando os homens e as pátrias!” (JORGE AMADO, “Ódio”, 19/1/1943, 2008, p.40).

As crônicas onde se vislumbra aquele “clima lírico” do Jorge Amado dos anos 1940, tempo esse marcado no *próximo-distante* século XX, são, na maioria, aquelas em que o baiano se sensibiliza pelas vítimas do nazismo, regime cujo fundamento de *limpeza* – inclusive de todo um povo – é frontalmente oposto ao ideal de um escritor que sempre colocou “povo e liberdade” como elementos fulcrais de seu projeto literário. Ainda que se possa argumentar que a *poesia* por ele destilada ao longo de muitas crônicas, como no fragmento acima, esteja muito próxima do lugar-comum e pequeno, talvez, pelo simplismo da forma, há que se considerar o contexto temporal e espacial (suporte). A crônica de Amado cumpre sua função: dialoga com o leitor do jornal onde é publicada diariamente, fala-lhe claro, evoca a oralidade, o ritmo das canções e da poesia popular – é o “lirismo ao rés-do-chão”, em analogia a Antonio Cândido, porque, acima de tudo, constrói imagens implacáveis até os dias de hoje. Nas palavras de Octavio Paz (1982, p.26-27) sobre a “poesia” em seu *O Arco e a Lira*: “[...] a palavra poética é plenamente o que é – ritmo, cor, significado – e, ainda assim, é outra coisa: imagem. A poesia converte a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens [...] o fato de serem imagens, e o estranho poder de suscitarem no ouvinte ou no espectador constelações de imagens, transforma em poemas todas as obras de arte.”.

Hoje, décadas mais tarde, publicadas em livro junto a mais de uma centena de outras, essas crônicas vivem, porque dão chance ao seu leitor de *reviver* um passado que muito lhe fala, pois define em muito seu presente. Suas metáforas não envelheceram.

A questão judaica⁸⁷, a Shoá ou Holocausto, deve sempre tocar de modo profundo qualquer humano. Além dos fatos históricos, da dor que só os que vivenciaram o horror – e,

⁸⁷ BRECHT, Bertolt. *Gesammelte Gedichte*, Band 2. Frankfurt: Suhrkamp, 1978, p.694, apud BÁEZ, 2006, p.247.

⁸⁸ Kenia Maria de Almeida Pereira sintetiza em seu *A Poética da Resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, O Judeu*, a trajetória de exclusão que o povo judeu sempre enfrentou: “[...] desde os tempos bíblicos, como escravos nos Egito; passando depois a cativos na Assíria e na Babilônia; posteriormente, massacrados pelos romanos, na Idade Média e Renascença; perseguidos pelas Inquisições; finalmente, no século XX, quase extermínados pela política antisemita de Hitler.” (PEREIRA, 1998, p.31).

sobretudo, seus mortos – poderiam contar, como nos adverte Primo Levi⁸⁹, para além dos números de vítimas, o que existe e interessa a todos nós é a metáfora, figura-deusa da literatura, sendo esta não desvinculada da vida, embora não a substitua. Nesse sentido, como sublinha Pereira (1998, p.57): “o antisemitismo não é um problema só dos judeus”; como escreveu Sartre em 1944: “ele é um problema nosso” (apud PEREIRA, 1998, p.57).

Berta Waldman defende a literatura como modo de acessar a sofrimento que não pertence propriamente a um povo específico, quando somos todos humanos:

[...] há aqueles que argumentam (entre eles eu me incluo) que se a **vivência** da barbárie do século XX coube a alguns milhões de seres humanos, a **experiência** do extermínio é de todos nós. E só a literatura poderia desafiar a intraduzibilidade do Holocausto, transmitindo-a de maneira mais cabal. (WALDMAN, 2010, p.88, grifo da autora).

Metáfora da fuga, o judeu é imagem da minoria perseguida, da intolerância perpetrada a um grupo. Qualificações negativas foram se disseminando por séculos, cristalizando-se em imagens-palavras, como “ganancioso”, “elitista”, “arrogante”, “conspirador”... A *judofobia* espraiou-se pelos tempos e alcançou seu extremo na Guerra pelas mãos dos nazistas. Na análise de Hanna Arendt, em sua obra *Origens do Totalitarismo* – Antisemitismo, Imperialismo, Totalitarismo, o “estabelecimento de um regime totalitário requer a apresentação do terror como instrumento necessário para a realização de uma ideologia específica, e essa ideologia deve obter a adesão de muitos, até mesmo a maioria, antes que o terror possa ser estabelecido.” (ARENDT, 2007, p.26). Noção amplamente absorvida pelas gerações pós-1945, porque evocativa do temor e da barbárie: a humanidade deve sempre rever o Holocausto, a fim de prosseguir sua caminhada. Por um mundo sem preconceitos, ainda que a afirmação soe bastante utópica, nós, os *outros* – aqueles que não atravessaram, de fato, os sanguíneos caminhos da guerra –, podemos certamente intuí-la, “para além da indignação e da comiseração”, e tentar compreender a “unicidade” daquela experiência (LEVI, 1990, p.91).

Em 19/7/1944, era publicada a crônica “Um Quadro de Segall”. Nela, o leitor encontra um escritor assombrado diante do que a arte pode traduzir: “ÉRAMOS VÁRIOS NA SALA MAIOR DO ATELIER DE LASAR SEGALL. Ele voltou a tela imensa para nós. E a guerra surgiu à nossa frente em todo seu horror.” (AMADO, 2008, p.230). O espanto de Amado diante do quadro é atribuído ao fato de que nunca havia “sentido” a guerra “tão crumente, nem na leitura dos mais renomados correspondentes, nem no cinema, onde assistimos os

⁸⁹ Veja-se: LEVI, *Os Afogados e Os Sobreviventes*, 1990.

jornais do front, nem mesmo nos discursos dos líderes.” (AMADO, 2008, p.230). Ele descreve que a guerra “estava presente nos olhos dos mortos, nos pés dos que se equilibravam sobre cadáveres, na angústia dos rostos deformados, nas cores que o artista conseguira.” (AMADO, 2008, p.230). Na página seguinte, o escritor baiano confessa que “naquela noite paulista, o meu sono se povoou com as figuras trágicas do pintor.” (AMADO, 2008, p.231).

O cronista também cita outras obras do pintor: “A multidão desfilava pelas salas onde estavam os quadros e se emocionava ante o *Pogrom* e o *Navio de emigrantes*, ficava muda e quieta ante esta representação espantosa da *Guerra*.” (AMADO, 2008, p.230). As duas primeiras telas citadas têm como tema a violência aos judeus. *Pogrom* (1937) retrata crianças mortas empilhadas junto a materiais diversos. O título já diz tudo – a palavra de origem russa, segundo o dicionário *online* do *Museu e Memorial do Holocausto dos Estados Unidos*⁹⁰, significa “causar estragos, destruir violentamente” e, historicamente, “o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus”. A segunda tela, *Navio de Emigrantes* (1939-1941), é a imagem de uma embarcação onde se amontoam judeus que fogem do antisemitismo dos regimes totalitários que assolavam a Europa na época.

Amado, na sequência, ao dedicar a crônica ao pintor cujas obras são a “a dor humana”, constata que seu trabalho é “um grito de protesto” (AMADO, 2008, p.231) e chega à conclusão de que essa é a razão pela qual o artista vinha sendo perseguido – “Esses quadros explicavam a campanha contra Segall.” (AMADO, 2008, p.230):

Sua pintura é combate, é luta, é democracia contra fascismo, é liberdade contra escravidão. A tragédia que o nazismo desencadeou sobre o mundo está representada nestes três quadros: a matança dos judeus em todos os países onde o nazismo assentou sua bota; a fuga desesperada de quantos se puderam salvar, gente de todas as pátrias, em busca de paz; e, por fim, a guerra. (AMADO, 2008, p.231).

O cronista mostra-se lúcido em relação ao flagelo imposto ao artista plástico por determinados grupos de orientação fascista no país, a “campanha sórdida da quinta-coluna contra este mestre da pintura [...], quando da sua última exposição no Rio de Janeiro. A quinta-coluna se lançou contra ele com uma ferocidade gratuita.” (AMADO, 2008, p.230). Isso é confirmado pela pesquisadora Maria Luiza Tucci Carneiro que, em sua obra *O Antisemitismo na Era Vargas*, a qual, aliás, tem como imagem de capa o quadro *Navio de Emigrantes*, levanta com detalhes a perseguição ao pintor:

⁹⁰ Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005183>>. Acesso em: 19 mai. 2011.

“Arte degenerada” foi a expressão empregada por um grupo de jornalistas e intelectuais que, identificados com o ideário nazista, manifestaram-se a respeito das obras expressionistas de Lasar Segall por ocasião da mostra realizada no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, sob os auspícios do Ministério da Educação em 1943.
(TUCCI CARNEIRO, 2001, p.331).

Amado faz referência à mostra na crônica “Fascistas em Ação”, citada em momento anterior, e que merece ser repetida: “Quem não se recorda da sórdida campanha que os integralistas [...] moveram contra Lasar Segall quando da sua exposição no ano passado?” (AMADO, 2008, p.219). Lembrando que o baiano escreve em junho de 1944. A historiadora destaca que a exposição apenas foi possível em 1943, ainda que com “patrocínio oficial”, “quando o Brasil já se havia posicionado com os aliados na guerra contra o Eixo.”. Com essa observação, conclui que “interessava às autoridades brasileiras configurar o perfil do nosso país como ‘democrático’, ‘moderno’ e contrário às ideias nazi-fascistas.”. Contudo, “nos bastidores vigoravam circulares secretas proibindo a entrada dos judeus...” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332).

Ainda no texto “Um Quadro de Segall”, Amado defende que contra o artista plástico se ergueram “todas as trincheiras e usaram todas as armas. Colunas e colunas de jornais se encheram de acusações ao pintor extraordinário [...]. A historiadora comprova: “A campanha racista ganhou os jornais, sendo Segall classificado de ‘subversivo, judeu e comunista’.” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332). É importante destacar o que revela sua análise:

[...] já não estava em discussão apenas o valor da arte de Segall. A crítica recuperou *slogans* totalitários insistindo na tese nazista da arte degenerada e daí projetou-se ao campo político [...]. O moderno era identificado como “moral, lixo, irreal, judeu, subversivo e comunista”.

(TUCCI CARNEIRO, 2001, p.333).

A pesquisadora destaca o final *positivo* da polêmica em torno de Segall – “[...] transformada em ‘palco de conflitos’ racistas [...] que escolheram a figura do pintor como bode expiatório de uma situação latente, encoberta pela máscara do nacionalismo.” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332) –, resultado este que passa pela repreensão de outros jornais, sob a assinatura solidária de artistas e intelectuais brasileiros, como Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Vinícius de Moraes, José Lins do Rego e Amado, que chamou “o pintor dos imigrantes

judeus” de “antifascista”. A pesquisadora, fechando seu texto, então cita fragmento⁹¹ da crônica “O Pintor Antifascista”, de 16/5/1943, não incluída no livro *Hora da Guerra*.

Jorge Amado dedica texto sobre o tema retratado no quadro de Segall, *Navio de Emigrantes*, cujos traços retratam “o drama do judeu fugido do nazismo, recusado em todos os portos, inclusive no Brasil.” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.332). Amado define com a mesma palavra a situação, “drama”, sendo o dos refugiados “dos mais comoventes desta guerra”. A crônica “Refugiados Políticos”, de 12/3/1943, então lembra o “detalhe de pura tragédia grega: aquele navio repleto de judeus que andou de porto em porto, sem conseguir onde desembarcar estes viajantes sem pátria e sem destino. (AMADO, 2008, p.69). Entretanto, o cronista da guerra Jorge Amado não explica – ou aprofunda – as razões disso, uma de suas *contradições* que afloram nos escritos de um militante.

De qualquer modo, é difícil, hoje, saber se o escritor baiano tinha conhecimento de toda estrutura antissemita montada pelo Estado Novo. Os judeus estavam naquele “pacote” do governo brasileiro de elementos indesejáveis. Tucci Carneiro contribui decisivamente para o assunto. Na obra aqui já citada, a pesquisadora comprova com inúmeros documentos – inclusive com “atos e circulares secretas”, na época – acerca da política que barrava judeus de entrarem no país: “[...] muitos daqueles que para cá tentaram emigrar e não conseguiram acabaram morrendo nos campos de concentração. Centenas de famílias ficaram separadas, não conseguindo trazer seus pais ou filhos que tentavam escapar das ondas antisemitas [...].” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.185).

Jorge Amado escreve texto incrivelmente semelhante ao da autora:

Centenas e centenas de famílias, famílias decepadas que perderam cada uma algum ser querido, chegam de todas as partes onde o nazismo assentou sua bota, para as terras da América. Vêm fugindo da desgraça, dos fuzilamentos, da fome, da escravidão, dos campos de concentração. A América aparece ante seus olhos como símbolo da liberdade, da decência, da dignidade. (AMADO, 2008, p.69).

Embora o Brasil não os aceitasse⁹² como “cantava” o cronista, sua mensagem é um apelo. No plano referencial e menos poético, Tucci Carneiro coloca ainda que “as principais

⁹¹ Jorge Amado, no fragmento, afirma: “Segall é um homem que nunca fez concessões na sua pintura tão marcadamente social e antinazista [...] nos seus grandes quadros dos últimos anos tem impressa uma força de protesto contra a ditadura nazifascista que o coloca entre os velhos combatentes do bom combate contra o obscurantismo do nazismo e seus similares.” (apud TUCCI CARNEIRO, 2001, p.334).

⁹² O que pode ser ainda atrelado aos ideais nacionalistas e racistas de Vargas na década de 1930, como o “branqueamento” da população brasileira por meio da permissão da entrada de estrangeiros brancos que tinham tendência a se misturar com “não-brancos”, como o português, segundo o que considerava o governo, em

personalidades do governo do Estado Novo e que ocuparam postos de poder deglutiram uma ideologia antissemita transplantada do exterior [...]” (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.183). Sua pesquisa aponta o ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, que passou pelo cargo entre 1938 e 1944 e ficou na história do país como “semeador de esperanças”, “espírito cheio de bondade e de compreensão”, como o definiu Talaia O’Donnell⁹³.

Jorge Amado parece partilhar de tal visão, como se depreende das menções ao ministro: “[...] as declarações do chanceler Aranha sobre as possibilidades de reatamento das relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética [...]” (AMADO, 2008, p.183). Praticamente, um ano antes, em março de 1943, o cronista comentava o levante de maio, forjado pelos integralistas: “[...] sonhavam o assassinato do presidente Getúlio Vargas e do chanceler Aranha.” (AMADO, 2008, p.87). É importante lembrar que, em 1933, quando o romance *Cacau* foi proibido e apreendido pelo governo, logo foi liberado por “interferência de Oswaldo Aranha” (TAVARES, 1980, p.29).

Não se pretende insinuar que Jorge Amado sabia da movimentação antissemita das figuras de alto escalão do Estado Novo. De todo modo, parece bastante sugestivo que o escritor se esquivou nas crônicas de criticar o governo – ou pelo menos refletir sobre os porquês, por exemplo, daquele navio não ter desembarcado os inúmeros judeus no país. É claro que a resposta a essa meia indagação está no fato da decisão de alinhamento do Partido Comunista com o governo, na perspectiva de fazer acontecer a referida “união nacional”. Portanto, a crítica a Vargas deveria ser suspensa, como de fato foi. O apoio ao governo é demonstrado em algumas crônicas de Amado: “[...] o povo responde com a sua decisão [...] de formar ao lado do governo numa inquebrantável unidade nacional [...]” (AMADO, 2008, p.71), em frases como “o governo atendeu ao povo” (AMADO, 2008, p.99), e ao se referir a órgãos tradicionalmente repressivos, sobretudo em regimes ditoriais: “É necessário esmagar a quinta-coluna! E a polícia não dorme.” (AMADO, 2008, p.149).

Isso não diminui, porém, a sensibilidade de Amado para a questão judaica, ainda que pareça se servir do tema como propaganda *antinazifascista*, colocando os alemães num bloco de algozes e o judeu sob o ponto de vista “trágico-heroico”, já enquadrando o genocídio na perspectiva do “mito martirológico”, ligado, tanto para judeus como não-judeus, “a Jó, a Jesus e à Santificação do Nome” (SHAKED, 1999, p.140).

detimento de povos “inassimiláveis”, como o judeu, uma vez que as autoridades acreditavam ser um povo que não tinha “tendência a se miscigenar com os brasileiros.” (KOIFMAN, 2010, p.28).

⁹³ O’DONNELL, Francisco Talaia. *Oswaldo Aranha*. Porto Alegre: Sulina, 1980. apud TUCCI CARNEIRO, 2001, p.193,194.

Voltando à crônica “Refugiados Políticos”, é perceptível sua comoção ao inserir como tema a infância no contexto da perseguição aos judeus. A seu ver, as crianças são a maior tragédia que se levanta entre os refugiados de guerra: “É a infância, crianças que chegam aterrorizadas. Na idade em que a alegria e a despreocupação devem ser os únicos sentimentos.” (AMADO, 2008, p.70). O cronista revela compaixão pelos indefesos que “conhecem todas as desgraças da vida, todos os momentos amargos, a dor na sua total densidade.” (AMADO, 2008, p.70).

Esse é o gancho para que o cronista recorde uma criança judia (um menino que “não tinha alegria nem paz”) que conheceu em Montevidéu: “Chegara da guerra, primeiro fugira, com sua família, dos novos *pogroms* de Hitler para a França que estava sendo traída. Veio a guerra e mais uma vez foi a fuga. Finalmente um navio trouxe a família para o Uruguai.” (AMADO, 2008, p.70). O trauma é presenciado pelo baiano:

Um dia, recordo-me, era domingo, as sirenes dos jornais tocaram. [...] Avisavam dos torpedeamentos dos nossos navios. Quando as sirenes começaram a tocar a criança estava ao meu lado. Mas, mal ouviu o silvo penetrante, largou de minha mão, correu em busca de onde se abrigar e gritava com sua voz dolorida e inocente:

— Mãe! Mãe! Já vêm os aviões...

Pensava que iam começar novos bombardeios, seu coração vivia repleto de um passado recente cheio de sofrimento. Foi um trabalho para acalmá-lo e por fim ele chorava em altos soluços. Era de rasgar corações.
(AMADO, 2008, p.70).

A conclusão só poderia vir com o gatilho apontado:

Entre as muitas coisas que temos a vingar estão as crianças exiladas de sua pátria, de meninice partida pela desgraça, de olhos cheios de medo, crianças que Hitler e seus lacaios deixaram sem infância e sem alegria. Crianças criadas na dor e no desespero.

(AMADO, 2008, p.70).

Hoje, a cena descrita por Jorge Amado encaixa-se perfeitamente no estereótipo já fixado do que foi o trauma judeu na Segunda Guerra. Obras filmicas, ao longo das décadas, contribuíram para essa modelagem, para formar na cultura planetária a metáfora da dor, da fuga, do exílio, de vidas destroçadas. Por isso, como afirmou Primo Levi, “é preciso evitar o erro que consiste em julgar épocas e lugares distantes com o metro que prevalece aqui e agora: erro tão mais difícil de evitar quanto maior for a distância no espaço e no tempo.” (LEVI, 1990, p.101). Deste modo, fica aqui sugerido o exercício de sentir o que o leitor da coluna “Hora da Guerra”, naquele dia de março de 1943, vivenciou ao ler sobre aquela

criança cujos “nervos estavam rebentados” (AMADO, 2008, p.70). Leve-se em consideração, ainda, o fato de que só em 1942, portanto um ano antes da publicação de “Refugiados Políticos”, é que as primeiras notícias sobre os campos de extermínio nazista começaram a difundir-se (LEVI, 1990, p.1). O cronista Jorge Amado lá os cita – “Vêm fugindo [...] da escravidão, dos campos de concentração.” (AMADO, 2008, p.69).

A tarefa praticamente impossível de se colocar nos olhos do leitor da década de 1940, porque justamente somos outros, encontra compensação na oportunidade de se fazer enxergar a barbárie dos dias de hoje, da qual homens e mulheres parecem nunca se desvincilar. A imagem da situação dos judeus presente nas crônicas de Jorge Amado não se encerra em si mesma, porque não pode partir de uma postura ética simplista do tipo algoz *versus* vítima, como defende o próprio Levi em seu *Os Afogados e Os Sobreviventes*. Isso porque propõe mais perguntas do que respostas e, mais do que tudo, semeia perplexidades: “Grita e exige ser compreendida, porque nela se entrevê um símbolo, como nos sonhos e nos signos do céu.” (LEVI, 1990, p.36).

Dentro dessa concepção de alerta/denúncia à barbárie, é necessário salientar a atitude de Jorge Amado que parece apelar ao seu leitor a uma consciência em relação ao final da guerra e a derrota do nazifascismo no mundo. O escritor profetiza que o fim do conflito não com uma visão otimista, de que “a alegria reinará entre os povos”, incluindo aí os sobreviventes do Holocausto. Como muitas vezes neste trabalho foi referido, Amado mostra certa obsessão pelo “perigo fascista” que pode sobreviver no pós-guerra. Por isso, sua insistência na atitude *contra-muniquista*, por assim dizer, de não haver abrandamento na extirpação do mal em todo o planeta. Parece estar claro para o baiano de que nenhum dirigente, nenhum povo, nenhum homem e nenhuma mulher devem se convencer de que o ideal totalitário estará purgado com a vitória aliada. Assim, a palavra *ódio* é evocada tantas vezes em suas crônicas como força positiva, a ser cultivada para que então a *vingança*, no momento certo e bem dirigida – preferencialmente pelo comunismo –, possa desmanchar para sempre não apenas os efeitos do fascismo que a guerra fez visível, mas também as raízes, as sementes, as causas, todo um ideal, uma doutrina, uma visão de mundo contrária à liberdade – sinônimo para o cronista Jorge Amado de democracia, a nosso ver.

Em 19 de janeiro de 1943, a crônica “Ódio” chegava n’*O Imparcial* com uma pergunta a uma moça (judia?) que, uma vez aprendeu “que só o amor constrói na face do mundo”: “QUE OUTRO SENTIMENTO PODE GUARDAR UM CORAÇÃO, MESMO QUE seja o teu doce coração de mulher, em relação aos assassinos nazis, senão o de profundo e duradouro ódio?” (AMADO, 2008, p.40). Ele explica:

Ah!, te direi hoje outra verdade nesta hora de guerra: quando os assassinos se soltarem sobre o mundo [...] só o ódio é construtivo. Nunca quiseste que uma parcela sequer de ódio morasse em teu coração de mulher. E hoje, eu te digo que é necessário encher teu coração do mais profundo ódio daquele que exige vingança imediata, porque, neste momento, só o ódio aos nazis é criador e capaz de alimentar o nosso amor pelos demais homens.

(AMADO, 2008, p.40).

Apenas quando a vingança vier, “então, amiga, podes encher teu coração e outro sentimento que não seja o do ódio, ódio total e profundo, pelos criminosos de todos os crimes, os mais revoltantes e abjetos que o mundo assistiu.” (AMADO, 2008, p.42).

Há aí, convém salientar, um caráter de redenção que, paradoxalmente, a tragédia da guerra traz como oportunidade. As mazelas do conflito parecem representar, na visão de Amado, os processos sócio-históricos que levaram o mundo a experimentar a barbárie fascista, mas que é, ao mesmo tempo, o ponto do despertar revolucionário. Daí que, possivelmente, se justifique esse ódio como positivo, porque sinônimo de luta e, sobretudo, consciência histórica que deve resultar na ruptura de ideais conservadores de perpetuação da espoliação – visão um tanto moderna da história, como visto.

Não há crônica em *Hora da Guerra* que melhor destaque a questão judaica do que a publicada em 4/2/1943, “Solidários com a Vossa Dor?...”. Jorge Amado se solidariza com o “luto” dos israelitas no Brasil que choram diante das iniquidades nazistas: “Hoje, todos que têm sangue judio nas suas veias dedicarão suas horas a recordar e a honrar os que tombaram sob o gume do machado nazista ou que pereceram na morte lenta dos campos de concentração.” (AMADO, 2008, p.52).

O exagero da idealização nacional, do mito da democracia racial, acaba por contaminar o texto, sem contar o antisemitismo ignorado, mas presente no governo Vargas: “Estamos solidários com a vossa dor, israelitas, nós que jamais levantamos o problema cretino de raças, nós, os brasileiros que abrimos as portas do nosso país a todos aqueles que queiram nos trazer a cooperação do seu trabalho.” (AMADO, 2008, p.52). A miscigenação retorna, quando defende que o Brasil “vem de fusão de raças e não poderia jamais aceitar os postulados do ‘arianismo’, com os quais Hitler pretende se assenhorar do mundo. Aqui sois iguais a todo mundo [...].” (AMADO, 2008, p.52).

Não é preciso retomar toda a discussão dos estereótipos que o judeu no país também encontrou para confrontar com a igualdade que Amado defende haver no país do carnaval. Basta apenas mencionar, rapidamente, o que Tucci Carneiro afirma:

A ditadura estadonovista dispôs do antisemitismo como instrumento político a serviço do poder, manipulando interesses ao nível das relações internacionais e nacionais. Da mesma forma, o movimento integralista e o grupo católico reacionário adotou-o como signo integrado ao seu universo doutrinário. Neste contexto emergiu a imagem do judeu como encarnação do Mal, identificado como o perigo vermelho e como fator de desagregação social. (TUCCI CARNEIRO, 2001, p.323).

Por outro viés, como a “estratégia lírica” do baiano muito nos interessa aqui, transcrevemos a ode feita por Amado ao povo judeu perseguido, assunto que o comoveu e que não deixou de incluir em suas crônicas de *Hora da Guerra*:

Mais que nenhum outro povo, o vosso tem sofrido. Sobre ele a fúria criminosa do nazismo se desempenhou na manhã de ódio que foi a tomada do poder por Hitler [...] vós, judeus, sofreis e lutais há dez anos, desde aquele trágico dia de 1933, quando Hitler iniciou, nos tempos de hoje, novas noites de São Bartolomeu [...] Vossos sábios, que haviam levantado tão alto o nome da ciência alemã, tiveram que fugir [...] Todos os vossos que se encontravam na Alemanha e nos países saqueados sofreram e sofrem as maiores injúrias, as maiores torturas, os roubos, os programas, os campos de concentração, os machados da decapitação. Hitler revive a Idade Média [...] E, sobre o vosso sangue se lançaram ávidos [...] Tinham sede de sangue, beberam vosso sangue [...]. (AMADO, 2008, p.52-53).

O cronista finaliza seu *canto* com um pedido:

No vosso dia de luto, estamos solidários convosco [...] Certos de que, [...] jurareis vingança, jurareis cooperar com todas as vossas forças para o completo aniquilamento do monstro nazista. Certos de que o ódio substituirá a dor nos vossos corações enlutados.
(AMADO, 2008, p.54).

As vítimas da perseguição nazista não devem, portanto, esquecer jamais os grilhões nazistas, a fuga, a dor. Jorge Amado, aos 30 anos de idade naquele mês de março de 1943, mais do que fé e esperança, termos tão duros em uma guerra de horror, instiga a reconstrução de um novo mundo pelo *trabalho*, no sentido do “homem que cria a si mesmo”, ideia que, como explica Hanna Arendt, tem sido “a própria base de todo humanismo de esquerda.” (ARENDT, 2007, p.19). O reerguer das cinzas passa pelo esforço que urge a cooperação de todos os povos, porque o inimigo é um só: o FASCISMO (com maiúsculas) que rasga corações e, com ferro, marca almas. Hoje, ele atinge o planeta sob outros nomes e formas: fluxo de mercados, aldeia global, fundamentalismo religioso...

Embora o engajamento de Jorge Amado em todo esse contexto aqui descrito pareça, num termo bastante duro, *ralo*, não deixa, na leitura das crônicas, de emergir como a essência da primeira metade do século XX. Esta, uma época em que o artista-intelectual parecia ter o dever de se posicionar sob uma bandeira ideológica. Qualquer que fosse ela, o futuro era apontado como melhor, em contraste com um presente que desejava romper com um passado inconsciente, questionar tradições que representavam um estágio de “balbuciar da humanidade”, conforme mencionado anteriormente.

Se estivesse vivo, Jorge Amado completaria 100 anos em 2012. Arriscamos dizer que, muito provavelmente, mal reconheceria aquele jovem cronista da coluna “Hora da Guerra”, justamente porque os tempos são outros e ele próprio já havia mudado no final da década de 1950, “o que é inteiramente comprehensível [...] porque num mundo e num país complexos como esses em que vivemos, manter as mesmas opiniões ao longo de toda vida quase sempre é índice de dogmatismo, e não de coerência” (FAUSTO, 2008, p.23). Se de um lado, então, o autor, como sujeito de sua escrita, não reconheceria as palavras que socializou no jornal *O Imparcial* entre 1942 e 1945, como ficamos como agentes críticos que pretendem reencontrar os fios subjetivos de um ator e os literários de uma obra na malha histórica onde foi cravada?

A resposta, se é que ela existe em tempos de desencanto onde “ideologia” parece soar como algo anacrônico (para não dizer *velho*), talvez esteja em algum ponto entre palavra e ação, as quais, em articulação dialética, permitem (ainda!) a literatura e a teoria sobreviver: alguém é impelido a escrever, outro a ler e assim sucessivamente.

O ideal de engajamento das primeiras décadas do século XX não está tão morto assim: sua visão de literatura que parte da premissa que o texto deve conter sementes que estimulem a transformação social deslocou-se para uma relação autor/leitor como sujeitos que **meditam** sobre o desconforto atual – isso parece ser uma forma de ação.

Portanto, este último capítulo é encerrado com *Que é a Literatura?*:

Em suma, a literatura é, por essência, a subjetividade de uma sociedade em revolução permanente. Numa tal sociedade ela superaria a antinomia entre a palavra e a ação. Decerto, em caso algum ela seria assimilável a um ato: é falso que o autor *aja* sobre os leitores, ele apenas faz um apelo à liberdade deles, e para que suas obras surtam qualquer efeito, é preciso que o público as assuma por meio de uma decisão incondicionada. Mas numa coletividade que se retoma sem cessar, que se julga e se metamorfoseia, a obra escrita pode ser condição essencial da ação, ou seja, o momento da consciência reflexiva. (SARTRE, 1989, p.120, grifo do autor).

4. CONCLUSÃO/CONTRADIÇÃO

“Sobre Jornalismo e Literatura, a crônica é, de fato, um meio de campo. Não pode ser considerada como jornalismo por conta de seus subjetivismos e descompromisso com a realidade, e não é literatura plena no sentido de que nem tudo o que é produzido no gênero almeja permanência. Alguns cronistas conseguem levar suas impressões até a atemporalidade – Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, João do Rio, entre tantos – contudo, nem sempre a crônica atinge esse patamar, ou sequer o almeja.”

(Daniel Zanella)⁹⁴.

A leitura das crônicas de guerra de Jorge Amado provoca algumas perplexidades. Em outras palavras, uma sensação incômoda que acaba por levar a um questionamento teórico básico: esses textos merecem estudo por parte da academia? Descartando o anacronismo da pergunta, quando se tem em mente noções como “cânone”⁹⁵ ou o famigerado conceito de “literariedade” que os formalistas tiveram no século XX a boa intenção de lançar⁹⁶, muito provavelmente um estudos literário conservador apontaria para suas inconsistências, contradições e irregularidades estruturais, o que fatalmente o levaria a descartá-los. No plano formal geral, outra questão se soma àquelas: o gênero crônica frequentemente evoca um texto vinculado à referencialidade do jornalismo⁹⁷, figurando num espaço físico limitado e determinado pela página do periódico onde é publicado, em meio às notícias do dia-a-dia.

A epígrafe que dá início a essa conclusão, palavras de um jovem cronista, editor de um jornal dedicado ao gênero, proferidas a um grupo de jovens colunistas de um *blog* literário,

⁹⁴ Daniel Zanella é editor do jornal *RelevO*, impresso mensal dedicado exclusivamente à crônica. A citação é fragmento da entrevista que Zanella concedeu ao blog *O Bule*, um “projeto coletivo de literatura”. Disponível em: <<http://www.o-bule.com/search/label/Entrevistas>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

⁹⁵ Terry Eagleton, em sua obra *Teoria da Literatura – Uma Introdução*, sugere que o cânone literário, “a ‘grande tradição’ inquestionada da ‘literatura nacional’” seja um *construto*, “modelado por determinadas pessoas, por motivos particulares, e num determinado momento.” (EAGLETON, 2006, p.17). O valor transferido a um conjunto de obras é a essência desse cânone; artificial para muitos, portanto.

⁹⁶ Para os formalistas russos, a literatura seria “definível não pelo fato de ser ficcional ou imaginativa, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar” (EAGLETON, 2006, p.3). Imbuídos “de um espírito prático e científico”, esse grupo de críticos militantes do começo do século XX rejeitou “as doutrinas simbolistas quase místicas que haviam influenciado a crítica literária até então”, transferindo “a atenção para a realidade material do texto literário em si.” (EAGLETON, 2006, p.3-4).

⁹⁷ Em *Pena de Aluguel – Escritores Jornalistas no Brasil, 1904-2004* (2005), Cristiane Costa entrevista 32 jornalistas na década de 1990, a partir do mesmo questionamento de João do Rio (1881-1921) em pesquisa publicada em 1904: “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”. Entre as vantagens anotadas por Costa está a (expectativa de) abertura para o escritor-jornalista das “portas no mercado editorial”, tornando “o jornalista um nome conhecido no meio literário”. A pesquisa aponta desvantagens (paradoxais), como a “visibilidade negativa” em função do “preconceito contra o jornalista que se quer escritor (mais um)” (COSTA, 2005, p.169). O intercâmbio de linguagens é destacado na pesquisa, como a objetividade do jornalismo que pode ser lida nos romances de muitos escritores que tiveram o jornal como *ganha-pão*, assim como a estilização e elementos poéticos nos seus textos jornalísticos. Quanto a Jorge Amado, reafirma-se que foi mais um colaborador de jornais em certos períodos do que propriamente um escritor-jornalista.

serve como síntese do que se pretendeu, escorregadiamente, tratar acerca da crônica nesta dissertação de mestrado. A definição de Zanella para o gênero, mais do que ecoar a de Antonio Cândido, conforme referida no terceiro capítulo, aponta para um modo de encarar o *texto* fora do superado esquema binário literário e não-literário.

Nesse sentido, a crônica, envelhecendo ou sobrevivendo às décadas, deve fazer parte dos estudos literários (ou estudos do texto?) e isso pode encontrar justificativa num argumento do próprio Daniel Zanella sobre o gênero ao qual se dedica: “[...] um essencial meio de compreensão dos espíritos do tempo.” (ZANELLA, 2011)⁹⁸.

E qual o espírito de Amado na época da Segunda Guerra? O destrinçar dos temas aqui proposto desvela um vívido debate que reverbera na atualidade? Mais do que respostas, as questões exigem o levantamento da problematização, aquelas *perplexidades*, assim como momentos sensíveis, por assim dizer, na crônica de guerra do escritor baiano, conhecido pelos seus romances. É necessário, ainda, *provocar* teoricamente, como conclusão do que foi lido.

Em primeiro lugar, os 103 textos compilados em *Hora da Guerra* revelam mais perceptivelmente uma das faces do autor no período: justamente aquela de viés ideológico, um dos elementos do dialético “jogo de interferências” definido por Eduardo de Assis Duarte (1996, 277p.) como o embate entre o universo da ação política do escritor baiano e o de sua criação literária, entre as décadas de 1930 e a de 1950.

Sob essa perspectiva emerge um texto que não é exagero batizá-lo de “crônica engajada”, em analogia ao “romance engajado” característico da época, atrelado ao realismo socialista⁹⁹. Qual o ponto de contato entre um e outro? No plano ideológico, a militância esquerdista, no figurativo, o *povo* (coletivo) – palavra “tantas vezes acionada pelo escritor” (GOLDSTEIN, 2000, p.84) também em suas crônicas, como visto.

Se o povo brasileiro aparece em seus romances esbanjando alegria, mesmo diante das mazelas da opressão e da marginalização que as relações sociais engendram, nas crônicas essa grande metáfora é deslocada para o plural: os “povos das nações”. São esses povos que deverão lutar contra o nazifascismo e vencê-los. O elemento fulcral das crônicas de Jorge Amado é, pois, a *massa*, a qual detém, em última instância, o poder revolucionário e transformador. Há, portanto, um profundo desejo de Jorge Amado na correção das distorções sociais e econômicas não apenas no próprio país, mas no mundo. Tal anelo, muito claramente,

⁹⁸ Conforme página eletrônica citada anteriormente.

⁹⁹ “Tendência artística estabelecida no governo Stálin [...] com dois objetivos [...]: no plano formal, retomar a herança realista-naturalista do século XIX e, no plano temático, erigir personagens populares que incorporassem os valores positivos da nova sociedade soviética.” (BERGAMO, 2008, p.71). Duarte levanta a dúvida de que o realismo socialista estaria *fortemente* presente na obra de Jorge Amado (DUARTE, 1996, p.220).

parte de uma concepção escatológica que o marxismo defende, segundo a qual “a história chegará ao seu fim quando a luta de classes tiver alcançado, universalmente, a sociedade sem classes” (REHFELD, 2002, p.11).

Nesse sentido, Amado será sensível ao sofrimento dos povos que padecem sob as “botas do nazismo”, como os judeus, em geral, e, especificamente, os inúmeros artistas-intelectuais que são perseguidos pelos fascismos, não apenas na Europa, mas também no Brasil – caso de Lasar Segall, que teve suas obras atacadas e foi alvo de um grupo de jornalistas identificados com o ideal nazista¹⁰⁰. É neste ponto que as contradições, antagonismos e perplexidades surgem, resultantes da tensão entre o caráter humanista do autor e suas motivações políticas em obediência a Moscou.

Um exemplo de tal “efeito dialético do artista engajado” é a total ausência do nome *Olga Benário* (1908-1942) nos textos em *Hora da Guerra*. Esquecimento este que parece ter afetado também seus fragmentos não-cronológicos de memória registrados décadas depois em sua autobiografia *Navegação de Cabotagem* (1992). Nela, não há menção alguma em relação à alemã de origem judaica, casada com o líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes (1898-1990), entregue grávida aos nazistas pelo governo Vargas, em outubro de 1936, morrendo anos depois em um campo de concentração.

Contudo, Amado refere-se ao caso Olga na biografia de Prestes, *O Cavaleiro da Esperança* (1942), portanto antes de voltar do autoexílio no Uruguai e se juntar ao esforço de guerra, quando, já em Salvador, decide colaborar em “Hora da Guerra”:

A Gestapo estava no cais para receber o presente da polícia brasileira. Olga foi posta na sombria prisão de Barnimstrasse, onde a 27 de novembro de 1936, no dia em que o levante do Rio de Janeiro cumpria seu primeiro aniversário, nasceu a filha de Luiz Carlos Prestes. Nasceu na prisão, iria crescer no exílio. (AMADO, 1987, p.323)

Em *Agonia da Noite* (1954), segundo livro da trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade* (auge de sua literatura voltada ao stalinismo), quase dez anos após o fim do conflito mundial, Amado volta a se referir a Olga, ainda que em função do heroísmo de Prestes, como se lê no diálogo abaixo, no contexto do Estado Novo (1937-45):

– Veja Prestes: sua mulher está num campo de concentração na Alemanha, é pior que a morte. Sua família está espalhada no mundo. Sua filha nasceu na cadeia, está nas mãos dos nazistas. E veja como Prestes se comporta.

– Isso é Prestes, por isso é que ele é Prestes. Nem todos podem ser como ele.

¹⁰⁰ Reafirmando, veja-se TUCCI CARNEIRO, p.331-334 (“Segall: A ‘Arte Degenerada’”).

– Ele é o exemplo para nós todos, para todos os comunistas brasileiros. Nossa obrigação é procurar ser tão corajoso como ele.
(AMADO, 1971, p.166)

Qual a razão política por trás daquela ausência na época da guerra? Se Jorge Amado nesse período posicionou-se em seus textos em relação à questão judaica, parece que o fez de forma mais geral, metonímica – a perseguição ao povo judeu como símbolo da ameaça nazifascista e totalitária sobre todos os povos do mundo. Conforme descrito no segundo capítulo, a invasão da União Soviética pela Alemanha em 1941 resulta no rompimento do pacto germano-soviético e, como consequência, a palavra de ordem de Stálin lançada aos militantes do Partido Comunista é clara: *unidade* – contra as nações do Eixo, numa espécie de *etapismo*¹⁰¹ que tinha em vista o triunfo soviético.

No contexto brasileiro, isso implicaria numa gradual aliança dos comunistas com o governo Vargas. Quando em janeiro de 1942 o Brasil rompe relações com nações do Eixo, os chefes stalinistas¹⁰² presos pelo Estado Novo decidem “enviar moção a Vargas empenhando-lhe seu apoio ‘na defesa do continente americano’”, insistindo que a “defesa nacional impunha a união nacional em torno do governo.” (DULLES, 1985, p.229). Governo este que perseguia comunistas e inclusive havia queimado 1.500 livros de Jorge Amado em Salvador, em 1937, como mencionado no capítulo de abertura.

Portanto, Jorge Amado teve de cessar críticas diretas ao governo em suas crônicas de “Hora da Guerra” e deixar de lado, por conveniência partidária, referências a episódios pontuais como o de Olga Benário. Essa posição parece ter afetado o escritor de tal modo que nem mesmo a distância das décadas permitiu-lhe tocar no assunto de modo frontal, constrangimento que o próprio líder Luís Carlos Prestes teve de carregar até o fim da vida, em nome do ideal de ouro do comunismo: a *coletividade*.

Atitude que não passa em branco na leitura das crônicas é a embaraçosa defesa de absolvição que Jorge Amado (autor que cantou o humanismo e a liberdade) faz de um padeiro nordestino que havia assassinado um inocente italiano, “em vingança do sangue brasileiro”, como retaliação contra o ataque de um submarino do Eixo a uma embarcação brasileira

¹⁰¹ Em analogia à *teoria do etapismo* que, “dentro da perspectiva concebida pelos comunistas para o Brasil”, tratava-se do seguinte: “[...] como o país era ainda ‘essencialmente agrícola’ e dominado por uma estrutura de poder ‘semifeudal’ atrelada ao imperialismo, deviam os comunistas num primeiro momento se aliar à pequena burguesia comercial e industrial com o fim de ‘vencer a etapa’ da revolução democrático-burguesa [...], para só depois encaminhar a revolução socialista.” (DUARTE, 1996, p.25).

¹⁰² “A utopia socialista pariu um monstro autoritário, um Estado amparado apenas no poder repressivo e na ideologia transformada em dogma, numa espécie de *religião laica* e oficial. A *verdade* do partido único foi sacralizada, transformada em fonte de doutrinação e fundada numa retórica político-ideológica que intentava legitimar-se na tradição revolucionária, nas palavras e argumentos dos primeiros *profetas*. Stalinismo é o seu nome, mas é também conhecido pela alcunha de ‘marxismo-leninismo’.” (SILVA, 2011, p.86, grifo do autor).

(FAUSTO, 2008, p.17). A crônica em questão foi publicada em 23/3/1943, intitulada “Absolvição!”. Outro exemplo de impasse está no *esquecimento* do baiano da divisão da Polônia entre nazistas e comunistas em 1939 (pacto germano-soviético, como dito) e seu clamor de que a pátria de Stálin sempre “age de maneira correta”, como se lê em “A Proposta Russa”, publicada em 13/1/1944: “Ninguém de boa-fé pode negar que a proposta russa para a solução do conflito de fronteiras entre a União Soviética e a Polônia não é generosa.” (AMADO, 2008, p.157). Conforme se apontou desde a introdução deste estudo, não se pode, com base nesses sinais antagônicos, condenar um escritor dentro de um “patrulhamento ideológico” atual. É necessário haver “[...] largueza de julgamento que saiba enfrentar o árduo problema das relações entre poesia [literatura] e ideologia.” (BOSI, 2002, p.123).

Assim, tais paradoxos em muito são justificados pela falta de visão em virtude à proximidade dos fatos e acontecimentos de uma guerra total. *Ausências e distorções* são resultados de estratégias do Partido nos anos 1940, quando o jovem Amado nutria “ilusões com o comunismo soviético” (FAUSTO, 2008, p.23). Apesar disso tudo, talvez seja injusto sentenciar que as crônicas de guerra de Jorge Amado, no plano de conteúdo, caracterizam-se por ser uma obra *inteiramente* produzida no engano do político e sustentada pela ideologia ufanista e ingênuas na subestrutura dos textos, já que, por outro lado, faz-se presente em muitos das crônicas a voz sensível de um artista que se envolve com o sofrimento da humanidade em geral. Essa junção antagônica possivelmente interessa hoje porque composta por um autor consagrado que se tornou um personagem da própria obra: baiano romântico e sensual, como se autoproclamou. Também porque escrita sobre *e* em um período decisivo da humanidade e que, se sugere um *retrato* da realidade, tem muito de ficção, já que a fabulação molda muitas crônicas na busca da compreensão dos acontecimentos: “A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável.” (BOSI, 2002, p.121). Esse “fio narrativo” de Jorge Amado em suas crônicas é banhado pela ideologia, mas guarda, portanto, alguma função poética em sua tessitura geral.

Quanto ao plano formal das crônicas engajadas de Jorge Amado, uma provocação a ser feita é em relação ao tom bíblico, profético, que elas ecoam. O suposto paradoxo reside, por um lado, no fato de que o autor se considerava agnóstico – embora tenha sempre expressado simpatia pelo candomblé, elemento fortemente presente em sua obra – e, por outro lado, o stalinismo ser um arcabouço ideológico que abominava a religiosidade, sendo que ele próprio deveria fazer a vez de *religião laica* para os seus militantes, conforme observou

Antonio Ozaí da Silva¹⁰³. É esta última consideração que leva à contradição: por abdicar do louvor a Deus em nome de Stálín (o grande “profeta”, filho do “patriarca” Marx?)¹⁰⁴, um autor como Amado vai repetir formas de expressão que evocam o lamento, os salmos e uma certa dose de profecia como estratégia de argumentação baseada numa moralidade tradicional que visa a remissão. Assim, o artista-intelectual engajado é como um profeta israelita que está imbuído da palavra divina ao povo, sendo este detentor dos meios de realização da vontade de Deus (“único e supremo”, diga-se de passagem, e, embora o “deus” stalinista tenha suas raízes na Europa, ele deve ser a união do “nacional e universal”)¹⁰⁵. Em última instância, o discurso ideológico acaba por estar intimamente relacionado ao discurso religioso – tudo indica que nasceram juntos ou em articulação exigida pela necessidade¹⁰⁶.

Portanto, as estratégias de composição de Jorge Amado resgatam as formas da tradição popular, porque é ao povo que esse artista-profeta se dirige. Ele avisa sobre o mal que ronda a Terra, dá nome a ele (nazifascismo), esclarece o que determinados povos (o “judeu”, por exemplo) sofrem, declara enfurecido a deprimente expulsão de artistas e intelectuais da Alemanha de Hitler e retrata este como o demônio encarnado. Por fim, sugere que o rompimento de uma “aliança” (unidade) pode levar à “maldição”¹⁰⁷. Essa relação aqui estabelecida não é completo exagero uma vez que é possível, como alguns apontaram¹⁰⁸, estabelecer ligações entre comunismo e judaísmo.

Sem adentrarmos na questão no ponto que uma dissertação se encerra, mas que vale menção porque pode *provocar* verificação acadêmica futura, um grande elemento de articulação é o caráter escatológico¹⁰⁹ do marxismo, que é marca do milenar judaísmo. Aquela concepção de um *fim* (no sentido de “meta”), no qual as lutas de classe se encerram e a igualdade entre os povos emerge como fruto da erradicação das elites, remonta à tradição israelita. O cristianismo baseia-se, mais tarde, na caridade, o que molda todo o pensamento

¹⁰³ Verificar nota anterior.

¹⁰⁴ Luís Carlos Prestes pode servir como o mensageiro? O paralelo é inevitável: *o cavaleiro da esperança*.

¹⁰⁵ Paralelamente: “Iahweh é ‘o Deus’, único e superno, mas também é ‘o Santo de Israel’. O nacional e o universal estão unidos.” (KAUFMANN, 1989, p.227, grifo do autor).

¹⁰⁶ Conforme: “A profecia apostólica não surge da fé pessoal de per si desses homens; possui uma base histórico-social.” (KAUFMANN, 1989, p.213). Ou: “O monoteísmo ético impõe ao judaísmo o cunho de *realização social*: Paz, igualdade e fraternidade, justiça social e a felicidade de todos que daí resulta são os objetivos primordiais da vontade divina [...] Exige engajamento [...] no aperfeiçoamento da vida social [...].” (REHFELD, 2002, p.11, grifo do autor).

¹⁰⁷ Em analogia: “A lógica da mensagem do profeta podia-se, portanto, atribuir ao fato de que Deus e Israel reconheciam que estavam ligados por aliança, e que as estipulações desta aliança eram obrigatorias para Israel e que toda tentativa de ignorá-las ou violá-las levava à maldição.” (DAVIDSON, 1995, p.319).

¹⁰⁸ Veja-se o texto de Roberto Cavalcanti “Comunismo e Judaísmo”. Disponível em: <<http://roberto-cavalcanti.blogspot.com/2007/07/comunismo-e-judasmo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

¹⁰⁹ Octavio Paz assinala no artigo “O Sol Nascerá Amanhã?” que o ideal teleológico moderno, assim como do marxismo, é o de caminhar em direção a um futuro, a uma “Terra Prometida” (PAZ, 1988, p.8).

ocidental na mesma direção. O ideal socialista, em sua forma marxista e depois comunista-leninista, parte analogamente da noção de universalidade e correção de distorções sociais e econômicas em que a tradição judaico-cristã é assentada¹¹⁰. Visão esta oposta ao capitalismo individualista que se conheceu até hoje.

Justificável, sob tal perspectiva, que a crônica de guerra de Jorge Amado venha carregada de tom panfletário, linguagem coloquial – por vezes bastante simples, já que consciente do suporte jornal – e com ecos de um discurso apocalíptico e redentor: a guerra trás a possibilidade de transformação. Afinal, a União Soviética apresenta um líder ideal, arquétipo do salvador **racional**. Se Deus deve ser afastado ou eliminado da equação stalinista – daí talvez que o nazismo seja tantas vezes associado à Idade Média *obscura* –, o esclarecimento e a cultura – daí o louvor aos artistas e intelectuais – são a luz de um novo mundo que deve despertar com o fim da guerra e a vitória total contra o Fascismo (em suas várias modalidades). Ironicamente, o discurso refaz o conhecido: o *messianismo* – necessário naqueles tempos sombrios da primeira metade do século XX?

Em 1945, a promessa do fim de um mundo imperialista e totalitarista que traria o “reino do céu” e a “terra santificada” não se confirmou. Pelo contrário: ao comemorar a morte de Hitler, o que Jorge Amado e os “povos” não previam, nos últimos dias de batalha, era o descortinar de um conflito que viria a entrar na história sob a alcunha de “frio”, polarizado por norte-americanos e os companheiros soviéticos. A despeito de certa bonança econômica, o mundo dividido entre duas potências aprofundaria, pelas décadas adiante, toda a *violência*, física e psicológica, aprendida na **hora da Guerra**.

“O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.”

(FOUCAULT, *Microfísica do Poder*, 2001, p.183).

¹¹⁰ Há uma **motivação social** nessa tradição poderosa que vai além do mito, alicerçado na promessa para o futuro (KAUFMANN, 1989, p.239).

5. BIBLIOGRAFIA

Obras de Jorge Amado

AMADO, Jorge. *Agonia da Noite*. São Paulo: Martins, 1971.

_____. *O Menino Grapiúna*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. *O Cavaleiro da Esperança*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. “Declaração sobre a Homenagem aos seus Oitenta Anos ao jornal *O Estado de S.Paulo*, em 11 de agosto de 1992”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/literatura/jorge_amado_frases.shtml>. Acesso em: 24 mar. 2011.

_____. *Hora da Guerra*. FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). São Paulo: Cia das Letras, 2008.

_____. “Nem a Rosa, Nem o Cravo”. In: *Figuras do Brasil – 80 autores em 80 anos da Folha*. São Paulo: Publifolha, 2001, p.79.

_____. “A Canção da Judia de Varsóvia”. In: *Revista Mercado*. PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. ano 4. n.32. Uberlândia. 2010. p.93.

Obras sobre Jorge Amado

ALMEIDA, Alfredo W. B. *Jorge Amado: Política e Literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

AMARAL, Erenilda Custódio dos Santos; FERREIRA, Suzana Ramos. “A Preservação da Memória de Jorge Amado: A Experiência da Fundação Casa de Jorge Amado”. Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa da Informação, UFBA, 2005. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000544/01/Preserva%C3%A7%C3%A3o_da_mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2011.

BERGAMO, Edvaldo. *Ficção e Convicção – Jorge Amado e o Neo-Realismo Literário Português*. São Paulo: Unesp, 2008.

CASTELLO, José. *Jorge Amado e o Brasil*. São Paulo: Cia das Letras. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/professores2/02.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

COSTA E SILVA, Alberto. *Essencial Jorge Amado*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

CRISTALDO, Janer. *A Grande Prostituta*. Cultvox: 1998. Disponível em: <http://cultvox.locaweb.com.br/livros_gratis/amado_jorge.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FAUSTO, Boris. Olhares Cruzados. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). *Hora da Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.13-23.

FRAGA, Myriam. A Palavra do Escritor. In: *Com a Palavra o Escritor*. RIBEIRO, Carlos (Org.). Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, Braskem, 2002.

GATTAI, Zélia. *A Casa do Rio Vermelho*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOLDSTEIN, Ilana S. *O Brasil Best Seller de Jorge Amado*. São Paulo: Senac, 2000.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

ROCHE, Jean. *Jorge Bem/Mal Amado*. São Paulo: Cultrix, 1987.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. “De como e por que Jorge Amado em ‘A Morte e A Morte de Quincas Berro Dágua’ é um autor carnavalizador, mesmo sem nunca ter se preocupado com isto”. In: Revista Tempo Brasileiro, n.74, Rio de Janeiro, jul-set.1983.

SANTOS, Itazil B. *Jorge Amado: Retrato Incompleto*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

SOUSA, Antonio Pereira. *Tensões do Tempo: A Saga do Cacau na Ficção de Jorge Amado*. Ilhéus: Editus, 2001.

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: Vida e Obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TAVARES, Paulo. *O Baiano Jorge Amado e sua Obra*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TOLLENDAL, Eduardo J. *Arte Revolucionária, Forma Revolucionária – A Literatura Política de Jorge Amado e Alejo Carpentier*. Campinas: Unicamp, 1997.

TOOG, M.D.B. Traduzindo o Brasil: O País Mestiço de Jorge Amado. 2009. 267p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Online. Disponível em:

< <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-22032010-140319/fr.php> >. Acesso em: 25 fev. 2011.

Obras Teóricas

ABDALA JR, Benjamim. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1989.

AHMAD, Aijaz. *Linhagens do Presente*. CEVASCO, Maria Elisa (Org.). Trad. Sandra G. Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2002.

ALTER, Robert B. “O Romance Israelense e a Ficção Pós-Segunda Guerra Mundial”. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. n.1. São Paulo: FFLCH/USP, 1998. p.121-138.

ÂNGELO, Ivan. Sobre a Crônica. In: Revista *Veja*, 25 abr. 2007. nacional. Disponível em <<http://recantodasletras.com.br/cronicas/472953>>, acesso em 12 de maio de 2011.

ARAÚJO, Joana Luíza Muylaert de. “O Caso Machado de Assis: Aporias da Crítica Naturalista”. In: *Imagens do Brasil Disseminadas em Prosa e Verso – Histórias Sem Data, Lugares à Margem*. ARAÚJO, J.L.M.; ARANTES, L.H.M. (Org.). Uberlândia, Edufu, 2007.

ARENKT, Hannah. *Origens do Totalitarismo* – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

ARISTÓTELES. Poética. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p.33-75.

BÁEZ, Fernando. *História Universal da Destruição dos Livros* – Das Tábuas Sumérias à Guerra do Iraque. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Cultura Popular na Idade Média – O Contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECCARI, Vera D’Horta. *Lasar Segall e o Modernismo Paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

BREVE Histórico do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Portal PCB. Disponível em: <<http://wwwpcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2011.

BULLOCK, Alan. *Hitler and Stalin – Parallel Lives*. New York: Vintage, 1993.

CANDIDO, Antonio. “A Vida ao Rés-do-Chão”. In: *A Crônica: o Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992.

_____. O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *Tese e Antítese*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouro, Franceses e Judeus*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

CAVALCANTI, Roberto. “Comunismo e Judaísmo”. Disponível em: <<http://roberto-cavalcanti.blogspot.com/2007/07/comunismo-e-judasmo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

CHALHOUB, Sidney NEVES; Margarida S.; PEREIRA Leonardo A.M (Org.). *História em Cousas Miúdas*. Campinas: Unicamp, 2005.

CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leitura. In: Hunt, Lynn (Org.). *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *A Aventura do Livro – Do Leitor ao Navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.

_____. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Miraflores-Portugal: Difel, 2002.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CINEMATOGRAFIA. Paraty Guia. Cinema Longa Metragem em Paraty. Disponível em <<http://www.paratyvirtual.com.br/cinema.asp>>, acesso em 24 de março de 2011.

COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Segunda Guerra Mundial, Um Balanço Histórico*. São Paulo: FFLCH História USP/Xamã, 1995.

COHEN, Peter. *Arquitetura da Destrução*. [Filme-vídeo]. Direção de Peter Cohen e Narração de Bruno Ganz. Suécia, 1989. 1 DVD, 121 min. color.son.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria – Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 2001.

_____. *Literatura Para Quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2002.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Memória da Barbárie – História do Genocídio dos Judeus na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 1991.

DAVIDSON, Robert. “Ideologia da Aliança no Israel Antigo”. In: Clements, R.E. (Org.). *O Mundo do Antigo Israel – Perspectivas Sociológicas, Antropológicas e Políticas*. São Paulo: Paulus, 1995, p.312-333.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka – Por Uma Literatura Menor*. Trad. Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELIA del Carril. Museo de Arte Contemporáneo. Chile. Disponível em: <<http://www.mac.uchile.cl/virtual/d2/index.html>>. Acesso 24 de mar. de 2011.

DIMAS, Antonio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? In: *LITTERA*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1993, n. 12, set/dez 1974.

DULLES, John W. F. *O Comunismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Marxismo e Crítica Literária*. São Paulo: Unesp, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FRAGA, Myriam. “A Palavra do Escritor”. In: *Com a Palavra o Escritor*. RIBEIRO, Carlos (Org.). Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, Braskem, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). “Cadernos de Leitura – A Literatura de Jorge Amado: Orientações para o Trabalho em Sala de Aula”. Companhia das Letras. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/professores/professores01.pdf>>, Acesso em: 24 mar. 2011.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HALL, Stuart. Controvérsias. In: *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Humanitas-UFMG, 2003.
- HANDELMAN, Don. *Contradições entre Cidadania e Nacionalidade – Suas Consequências para a Etnicidade e Desigualdade em Israel*. Trad. Saul Kircshbaum. São Paulo: FFLCH, 2001.
- HITLER, Adolf. *Mein Kampf* – Minha Luta. Disponível em: <<http://radioislam.org/historia/hitler/mkampf/pdf/por.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2011.
- HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1870 – Programa, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *Era dos Extremos – O Breve Século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- HONORATO, Cézar Teixeira; BEAUCLAIR, Geraldo. “A Economia Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial”. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Segunda Guerra Mundial – Um Balanço Histórico*. São Paulo: FFLCH História USP/Xamã, 1995.
- HOROWITZ, Dan; MOSHE, Lissak. *Sofrimento na Utopia – Israel, Uma Sociedade em Sobrecarga*. Trad. Nancy Rosenchan. Tel Aviv: Am Oved, 1990.
- IGEL, Regina. *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros – O Componente Judaico na Literatura Brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- JAMESON, Fredric. *O Inconsciente Político – A Narrativa como Ato Socialmente Simbólico*. Trad. Valter Lellis Siqueira [et al]. São Paulo: Ática, 1992.

- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Telarolli. São Paulo: Ática: 1994.
- JUDT, Tony. *O Mal Ronda a Terra* – Um Tratado Sobre as Insatisfações do Presente. Trad. Celso Nogueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- KAUFMANN, Yehezkel. *A Religião de Israel* – Do Início ao Exílio Babilônico. São Paulo: Perspectiva, 1989. p.211-243.
- KERSHAW, Ian. *Hitler* – Um Perfil do Poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- _____. *Hitler*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- KILEV, Mikhail. “Khruchov e a Desagregação da URSS”. 2002. Portal para a História do Socialismo, Seção de Documentos. Disponível em: <<http://www.histsocialismo.com/docs/Khruchoveadesagregacaodaurss.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2011.
- KOIFMAN, Fábio. “Pelas Gerações Futuras”. In: Revista de História da Biblioteca Nacional.ano 5. n.58. Rio de Janeiro. 2010. p.27-29.
- KUCINSKI, Meir. Imigrantes, Mascastes & Doutores. (Org.) BEREZIN, Rifka; CYTRYNOWICZ, Hadassa. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEVI, Primo. *Os Afogados e Os Sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LIMA, Alceu A. *O Jornalismo como Gênero Literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.
- LOPES, Edward. “Discurso Literário e Dialogismo em Bakhtin”. In: *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. BARROS, Diana L.P; FIORIN, José L. (Org.). São Paulo: Edusp, 1994. p.63-81.
- LOZINSKY, Saádio. *Memórias da Imigração*. Rio de Janeiro: Hai, 1997.
- LUKÁCS, György. *Ensaios Sobre Literatura*. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. “Diálogo sobre o Pensamento Vivido”. In: *Revista Ensaio*. no.11/12. São Paulo: Ensaio, 1986. p.29.
- MAGALHÃES, Marionilde D. B. “A Alemanha no Brasil Durante a Segunda Guerra Mundial”. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Segunda Guerra Mundial – Um Balanço Histórico*. São Paulo: FFLCH História USP/Xamã, 1995.
- MALARD, Letícia. *Literatura e Dissidência Política*. Belo Horizonte: Humanitas, 2006.
- MARCYC, Marta B. F. A. (Org.). *Arquivo da Presença Judaica e Estrangeira na Literatura Brasileira*. Departamento de Letras Orientais. FFLCH. USP. Centro de Estudos Judaicos. coordenação Berta Waldman. São Paulo: Paulistana, 2007.

- MASSON, Philippe. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MEDAWAR, Jean; PYKE, David. *O Presente de Hitler*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Mito da Conspiração Judaico-Comunista. In: *Revista de História*. no. 138. julho. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83091998000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 1 nov. 2011.
- NEVES, Luis Felipe da Silva. “A Força Expedicionária Brasileira: 1944-1945”. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Segunda Guerra Mundial, Um Balanço Histórico*. São Paulo: FFLCH História USP/Xamã, 1995.
- OLIVEIRA, Ana Cristina de. “Crônica: Um Gênero Menor – Indagações acerca do Texto Lítero-Jornalístico”. In: II CPGL - Colóquio da Pós-Graduação em Letras. Universidade Paulista Júlio de Mesquita (UNESP) – Campus de Assis. ISSN: 2178-3683. p.199-215. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/posgraduacao/letras/mis/colloquio/anais2010/alinecristina.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2011.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Os Filhos do Barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. “O Sol Nascerá Amanhã?”. *Jornal do Brasil*. Caderno B/Especial. 1988, p.8.
- PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil – Entre o Povo e a Nação*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.
- PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *A Poética da Resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, O Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998.
- PERNIDJI, Joseph E. *Das Fogueiras da Inquisição às Terras do Brasil – A Viagem de 500 Anos de uma Família Judia*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- POGROMS. Encyclopédia do Holocausto. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005183>>. Acesso em: 19 mai. 2011.
- PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REHFELD, Walter I. “Alguns Conceitos Básicos do Judaísmo”. In: *Nas Sendas do Judaísmo*. Guinsburg, J.; Goldsztajn, Margarida. São Paulo: Perspectiva, 2002. p.9-23.

REVISTA Exu. Casa de Palavras, Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.dreamhosters.com/?page_id=200>. Acesso em 24 mar. 2011.

ROSENBAUM, Ron. *Para Entender Hitler – A Busca das Origens do Mal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SAID, Edward W. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2003.

SANDER, Roberto. *O Brasil na Mira de Hitler – A História do Afundamento de Navios Brasileiros pelos Nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SANTIAGO, Silviano. “Silviano Santiago: Literatura é Paradoxo”. Revista Trópico Online. São Paulo: UOL. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2375,1.shl>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil Vai à Guerra*. Barueri: Manole, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Introdução/Intradução”. In: *Laocoonte – Ou Sobre as Fronteiras da Pintura e da Poesia*. São Paulo: Iluminuras, 1998, p.7-57.

SHAKED, Guershon. “Quem é o Culpado? Ruptura das Convenções na Observação da Temática do Holocausto”. Caderno de Língua e Literatura Hebraica. n.2. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. p.139-172.

SILVA, Antonio Ozaí da. “Reflexões Sobre a Luta por Uma Sociedade Sem Pátria e Sem Patrões.” *Revista Espaço Acadêmico*. n.126. nov. ano XI. Maringá: UEM, 2011.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15215/8148>>.

Acesso em: 16 nov. 2011.

SORJ, Bernardo. *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

SUSSEKIND, Flora. *O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do Mal, Tentação do Bem*. São Paulo: Arx, 2002.

TRONCA, Ítalo. *Revolução de 1930 – A Dominação Oculta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. *O Antissemitismo na Era Vargas – Fantasmas de uma Geração (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *Livros Proibidos, Ideias Malditas*. Cotia: Ateliê, 2002.

WALDMAN, Berta. *Entre Passos e Rastros – Presença Judaica na Literatura Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. “O Holocausto na Literatura Brasileira: Uma Anatomia da Memória”. In: *História e Memória do Holocausto*. São Paulo: XV Jornada Interdisciplinar sobre o ensino da História do Holocausto, 2010. p.85-101.

WIAZOVSKI, Taciana. *O Mito do Complô Judaico-Comunista no Brasil – Gênese, Difusão e Desdobramentos (1907-1954)*. São Paulo: Humanitas, 2008.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZANELLA, Daniel. “Especial Sobre o Jornal RelevO”. *O BULE*. Disponível em: <<http://www.o-bule.com/search/label/Entrevistas>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

6. ANEXOS*

6.1. Crônicas e Temas de Jorge Amado em *Hora da Guerra*

Crônica	Temas	Página
Aniversário da “Hora da Guerra” 23/12/1943	<i>Crônica-síntese</i> dos temas tratados na coluna. <i>O Imparcial</i> , a missão, o artista engajado, a trincheira, as ameaças da quinta-coluna.	27
A Poesia também é uma Arma 31/12/1942	Hitler contra a cultura e a inteligência, Einstein, Lorca (fuzilado), Thomas Mann (filho de brasileira), nazifascismo x cultura e a inteligência, necessidade de unidade de escritores.	31
Senhor do Bonfim, Padroeiro das Nações Unidas 15/1/1943	Lavagem da Igreja do Bonfim, a cultura popular, Hitler contra a miscigenação/liberdade – povo baiano, brasileiro.	34
“Hispanidade”, Tradução Malfeita... 16/1/1943	Conceito democrático de pan-americanismo e conceito fascista de hispanidade.	37
Ódio 19/1/1943	Polônia, separação de membros da família, prisões, morte em massa.	40
Unidade Continental das Américas 23/1/1943	Fortalecimento da unidade continental (rompimento do Chile com o Eixo). A quinta coluna aliada a Hitler, cujos exércitos perecem na URSS.	43
Até a Rendição Incondicional 28/1/1943	Casablanca: Roosevelt e Churchill vistos como líderes da unidade nacional e mundial. Primeira grande perda de Hitler (Stalingrado e Leningrado), discurso de Hitler sobre o perigo bolchevista sobre o mundo, esperança de paz de Hitler.	46
Carta do Marinheiro a Iemanjá 3/2/1943	Afundamento dos navios.	49
Solidários com a Vossa Dor?... 4/2/1943	Luto dos israelitas do Brasil. Ascensão do poder de Hitler como pesadelo aos judeus, Hitler revive a Idade Média.	52
Comédia das Traições 14/2/1943	“Peça tragicômica” acerca dos integralistas – traidores.	55
A França dos Grandes Gestos 18/2/1943	Louvor à França que acabou sendo entregue ao nazismo, mas cujos marinheiros lutam por ela.	58
Pétain, o Triste Exemplo 21/2/1943	Pétain como títere de Hitler, traidor da França.	60
Hitler contra Zumbi dos Palmares 27/2/1943	Teoria racista do nazismo. Hitler contra “Moisés” (judeus), Hitler contra “Zumbi” (negros e mestiços).	63
Último Diálogo dos Chefes Integralistas 9/3/1943	Plínio Salgado e Gustavo Barroso – integralismo.	67
Refugiados Políticos 12/3/1943	Refugiados em desespero. Hitler e sua tropa de assassinos na Europa, <i>pogroms</i> de Hitler (criança judia).	69
“África! África!” 13/3/1943	Pedido do povo brasileiro de uma guerra ativa. Hitler, seus asseclas, e o torpedeamento de navios brasileiros – não intimidação do povo, <i>nazi-integralismo</i> (P. Salgado). Apoio ao governo.	71
A Ciência Mártir 18/3/1943	Sábios, cientistas, intelectuais mortos pelos nazistas ou presos em campos de concentração.	74

* Todas as tabelas deste anexo são de autoria de Márcio Henrique Muraca.

Vingança contra os Assassinos! 21/3/1943	A fundamento de navios. Brasil como um país corajoso, não vendido por integralistas a Hitler.	77
A absolvição! 23/3/1943	A fundamento de navios – acusação aos integralistas, a questão dos italianos no Brasil (crítica). Pedido de absolvição de um brasileiro que havia assassinado um italiano (inocente) só por vingança.	80
As Bandeirantes e o Esforço de Guerra 24/3/1943	Mulheres que realizam missões educativas – contra o <i>feudalismo</i> . Esforço de guerra para a libertação dos povos que Hitler escravizou, Hitler, como problema central na guerra, deve ser vencido.	83
Maníacos do Assassinato 26/3/1943	Ameaça dos integralistas. Levante de maio de 1938. Possível guerra civil no Brasil desencadeada por integralistas, quebra da unidade pan-americana e que serviria a Hitler.	86
A Campanha da Sicília 15/7/1943	Necessidade de outra frente contra Hitler – não dar tempo ao Führer, preocupação com a permanência do fascismo mesmo sem Hitler e Mussolini. Louvo à URSS.	89
Monólogo de Adolf... 17/7/1943	Monólogo jocoso de Hitler desesperado, como se previsse a derrota – ora ele critica o capitalismo ora o comunismo, fazendo jogo duplo.	91
Receios de Vichy... 23/7/1943	Traidores da França que viam Hitler como imortal, o nazismo eterno... agora se lastimam. Povo francês amante da liberdade... escravizados.	94
Caiu Mussolini 26/7/1943	Povo italiano desiludido. Fascismo é um método de opressão. Mussolini, Hitler, Franco: nazismo, falangismo.	96
Aniversário 12/8/1943	A fundamento do navio Cayrú - integralistas. Combate à quinta coluna. Apoio e reconhecimento do <i>governo</i> (Vargas).	98
Necessária e Urgente 18/8/1943	Frente russa derrotando Hitler, urgência de uma segunda frente.	100
Balanço de Aniversário 22/8/1943	Aniversário de declaração de guerra do Brasil ao Eixo. Guerra perdida de Hitler, muniquistas...	102
Perspectivas 5/9/1943	Balanço do avanços aliado. Povo italiano e o apoio aos Aliados.	104
Começou a Debacle 9/9/1943	Rendição da Itália. Marechal Badoglio, parceiro de Hitler, pede armistício. Na Rússia, os alemães recuam. A liberdade reinará novamente sobre a face da terra! (exagero).	106
Sucedem-se os Acontecimentos 10/9/1943	A questão Argentina, o povo argentino, o povo italiano. Possível renúncia de Hitler.	108
A Itália e a Carta do Atlântico! 13/9/1943	Italianos divididos: Aliados x Eixo. O povo no fim sabe se encaminha para a melhor decisão (Aliados). Afastamento de Hitler de forças que antes o apoiavam.	110
A Batalha da Inglaterra 26/9/1943	Louvor ao povo inglês. Ilusão de Hitler de que venceria a Grã-Bretanha.	112
Correspondentes de Guerra 3/10/1943	Pena e máquina de escrever como arma. Escritores devem fazer sua parte: literatura x jornalismo.	114
O Mocinho e o Herói 6/10/1943	Clark Gable como herói de guerra. Desaparecimento do cinema alemão com Hitler. O cinema deve ser colocado a serviço dos povos e da liberdade.	116
Tito e Mihailovic 7/10/1943	Povo iugoslavo estabelece um governo democrático. Mihailovic como aliado de Hitler e Mussolini.	118
Chamava-se Gastello 10/10/1943	Louvor à URSS, povo russo. Hitler achava que a guerra seria um <i>simples passeio</i> , mas tornou-se um pesadelo de anos.	120
Crime contra a Cultura 15/10/1943	Chamado aos artistas – crítica. Romain Rolland na luta contra Hitler e Mussolini.	122
Os Artistas Modernos do Brasil e a Guerra 19/10/1943	Artistas brasileiros em Londres, exposição de pintura benéfica. Povo inglês heroico.	124
Biblioteca do Combatente 27/10/1943	Dever do escritor no esforço de guerra. Livro: cultura e revolução, democratização e liberdade.	126

A Carta da Vitória 4/11/1943	Conferência de Moscou e a <i>sentença de morte</i> de Hitler e aos seus generais.	128
Um Aniversário 17/11/1943	BBC e o papel do rádio na guerra.	130
Noite sem Lua 21/11/1943	Livro de Steinbeck, personagens seus alemães que não exatamente representantes de Hitler. A luta anônima, os heróis sem nome da guerra.	132
De Londres a Berlim 27/11/1943	Povo alemão em desespero, fugindo, Hitler não tendo o que falar a ele. Hitler, antítese de povo.	134
As Camisas Enterradas 28/11/1943	Muniquistas que não querem deixar que Hitler “morra”.	136
Criminosos 5/12/1943	Questão da prisão dos traidores da França: os autores dos crimes (em geral) contra o povo serão castigados.	138
Os Estudantes Noruegueses 7/12/1943	A questão dos jovens. Juventude alemã iludida pelo sonho de domínio de Hitler. Resistência sempre!	140
Teerã Significa Liberdade 9/12/1943	Conferência de Teerã não só contra a Alemanha de Hitler, mas também contra a pretensão fascista no mundo – futuro, última pá de terra sobre Hitler, Mussolini, Pétain, etc. A guerra e a paz estão nas mãos dos povos.	142
Panorama 11/12/1943	Fim certo do Eixo. Fotografia de Hitler saindo de um avião – Mussolini abatido o espera.	144
A Universidade 12/12/1943	Queima de livros, teorias racistas. Estudantes noruegueses levados a campos de concentração.	146
A Quinta-Coluna 16/12/1943	Quinta coluna não está morta, não pode haver benevolência aos que apoiavam Hitler. A polícia não dorme – apoio ao governo.	148
O Diploma 19/12/1943	Thomas Mann e Post devolvem títulos honoríficos à Alemanha – tema do nazismo x cultura.	150
Mestre Oswald, Quase Ilya 28/12/1943	Resenha sobre livro de Oswald de Andrade. Crítica à crítica negativa de Lewin, <i>subliterato fascista, efeminado literatoide, patrianonista</i> .	152
Os Balcãs 5/1/1944	Segunda frente a qual irão os soldados brasileiros. Povo italiano que sofre com o fascismo. Ditaduras nos Balcãs crescidas à sombra de Hitler ou de Mussolini. URSS deu liberdade à Polônia e Ucrânia de se governarem (exagero).	155
A Proposta Russa 13/1/1944	Proposta generosa russa aos poloneses (exagero). Ala podre da Polônia que se assemelha à Alemanha de Hitler.	157
O Genro 14/1/1944	Ciano, a condessa, o povo italiano que derrubariam os fascistas de qualquer forma.	159
Luzes da Vitória 23/1/1944	Libertação de mais uma cidade russa das mãos nazistas. Louvor a Stálin, a Lênin, e ode ao povo russo.	161
Democracia em Ação 26/1/1944	Não reconhecimento de governos americanos ao novo governo boliviano, <i>fascista</i> – envolvimento de Ramírez, Argentina. Perigo fascista na América do Sul. Unidade continental.	163
Segundo Aniversário 28/1/1944	Balanço da participação do Brasil na guerra e as perspectivas, embora os integralistas tentem sabotá-la. Dever do povo de apoiar o esforço de guerra, a FEB.	165
Cultura e Democracia 4/2/1944	Queima de livros, prisão de escritores, banimentos... Nazifascismo x cultura. Censura de livros.	167
Aniversário de Stalingrado 5/2/1944	Louvor a Stálin e à URSS.	169
Roger Bastide na Bahia 6/2/1944	Cultura popular da Bahia – cultos africanos e sincretismo. Sociólogo Bastide em Salvador. A Iugoslávia como exemplo de povo que vence o inimigo.	171
Lutamos pela Cultura 15/2/1944	Censura de livros e a artistas, fechamento de editoras na Argentina. Muniquismo: mentalidade fascista que insiste em ficar em alguns governos. Discurso religioso contra a <i>democracia</i> .	173
Mágica em Garrafas 16/2/1944	Cultura e ciência x nazifascismo (<i>atraso</i>).	176

Os "Humanitários" 17/2/1944	Quinta-coluna nos EUA. Roosevelt, Churchill que seriam contra os barões imperialistas.	178
Golpe Branco na Argentina 18/2/1944	A questão argentina: rompimento com o Eixo e suas razões calculistas.	181
Onda de Acontecimentos 26/2/1944	Osvaldo Aranha e a possibilidade de reatamento com a URSS. Perda nazista de Vitebsk. A questão da Argentina, Perón fascista.	183
Olga, Vladimir e Militsa 28/2/1944	Hitler manda divisões e divisões contra esse <i>punhado de heróis</i> (Iugoslávia). Sorriso infantil de Militsa. Invasão da Iugoslávia por Hitler e Mussolini (depredavam lares, assassinavam, etc.).	185
Em Defesa da Cultura 2/3/1944	Censura e queima de livros, Carpeaux, fogueira de livros: métodos de Hitler e Mussolini.	187
Democracia em Ação 8/3/1944	A questão da França e seus traidores sendo <i>castigados</i> . Povo italiano e francês unidos contra o fascismo.	189
Democracia Latino-Americana 12/3/1944	Campos de concentração no Paraguai e na Argentina. Plano muniquista para dominar a América Latina. Perigo fascista mesmo depois da guerra .	191
Conciliação Impossível 16/3/1944	Iugoslávia: preocupação em afastar fascistas. Menção à indústria de armas.	193
Freda Kirchwey Denuncia 17/3/1944	Jornalista norte-americana que denunciou Hitler quando as democracias ainda se demoravam a ver o perigo iminente e o perigo que ainda ameaça a América.	195
A Lição Húngara 23/3/1944	Menção aos <i>métodos feudais</i> . Hitler invade a Hungria – que era aliada ao nazismo, prende fascistas que se aliavam a ele.	197
Fogo Morto 24/3/1944	Resenha sobre o livro de José Lins do Rego, <i>Fogo Morto</i> . Crítica a Carpeaux.	199
Novos Métodos da Quinta-Coluna 30/3/1944	Notícia falsa de traidores russos, propaganda anticomunista da quinta-coluna. Nazifascismo x cultura (ódio a ela).	202
As Fogueiras de Livros 4/4/1944	Métodos feudais do nazifascismo: queima de livros (incluindo os de Amado). Vitória do nazifascismo, fim da cultura. Louvor a Roosevelt, EUA.	204
Considerações quase Religiosas 7/4/1944	Nazifascismo contra a religião, espírito cristão. Menção a Plínio Salgado.	207
O Pintor Scliar 9/4/1944	Carlos Scliar vai ao <i>front</i> . O destino da arte é servir ao homem x ideia quinta-coluna de uma arte dissociada do social.	208
O Barão 11/6/1944	Intelectuais x fascismo. Barão de Itararé, corajoso antifascista.	210
Os Povos Combaterão 13/6/1944	O povo como principal ator no palco de guerra, contra o fascismo. A Guerra: tragédia que Hitler desencadeou.	212
Voz da Cultura 14/6/1944	A questão da profissionalização do escritor no Brasil – problema dos direitos autorais. Unidade dos escritores contra o fascismo e a censura.	214
O Romancista Ehrenburg 16/6/1944	Recomendação do livro <i>A Queda de Paris</i> , de Ehrenburg. Intelectual que cumpre o dever de servir ao povo.	216
Fascistas em Ação 18/6/1944	Ataque aos quadros de Segall por fascistas-integralistas. Menção à Idade Média. Cultura x fascismo.	218
Bolívia 28/6/1944	Campos de concentração no Paraguai, fracasso do golpe fascista na Bolívia, sob pressão dos países americanos.	220
Razões da Conferência Verde 29/6/1944	Fascismo português. Salazar: educação jesuítica. Referência ao feudalismo (método do nazifascismo), Plínio Salgado (camisa verde).	222
Revolta na Dinamarca 4/7/1944	Povo dinamarquês que se levanta contra o inimigo. Os povos jamais se renderam. Exércitos aliados não pretendem o domínio dos países invadidos (exagero).	224
França 15/7/1944	Louvor ao povo, justiça popular. Propaganda pró-Eixo. Vingança do povo.	226

A Surpreendente Geografia 18/7/1944	Menção ao péssimo serviço de bondes. Propaganda anticomunista da quinta coluna e pró-nazista. Louvor à URSS.	229
Um Quadro de Segall 19/7/1944	Navio de imigrantes. Telas de Segall: Jorge Amado comovido.	230
Soldados da Liberdade 20/7/1944	Louvor ao povo e aos soldados brasileiros – FEB. O Brasil cumpre seu dever.	232
O Gaiato de Madri 27/7/1944	Franco, o gaiato de Madri, criado de Hitler, sairá também fracassado. Menção à Idade Média, ao feudalismo.	234
Desmascaramento 28/7/1944	Fogueira de livros. Fascismo x cultura. Opressão ao povo argentino.	236
Arma Secreta 29/7/1944	Goebbels como loroteiro. Desmoralização nazista. Bomba voadora, a arma secreta de Hitler não mudou o panorama da guerra. Luta entre os generais e Hitler, povo alemão não mais acredita nos <i>dons sobrenaturais</i> de Hitler, o <i>carrasco</i> .	238
Michael Gold 4/8/1944	Romance <i>Judeus sem Dinheiro</i> , de Gold: escritor em luta pela felicidade.	240
Paris 13/8/1944	O arrastar da guerra. Louvor a Paris, capital do mundo. O monstro do nazismo ferido.	242
O Mestre dos Correspondentes 16/8/1944	Escritores, como Hemingway, que deixam a literatura para serem correspondentes de guerra: sacrifício e missão.	244
A Frente da Bretanha 17/8/1944	Levante do povo, arrastar da guerra. Destrução do poderia nazifascista – só resta a Hitler a tentativa de paz, o que é impossível.	246
Literatura e Espiritismo 19/8/1944	Resposta a carta de leitor que indaga sobre a polêmica da obra além-túmulo de Humberto de Campos, psicografada por Chico Xavier: certa ironia.	248
O Traidor Vira Herói 30/8/1944	Vontade do povo. Pétain e outros que foram sustentáculos de Hitler e Mussolini, com a iminência da derrota nazifascista pretendem desfazer esse passado de ligações suspeitas. Morte aos traidores. Democracia x fascismo.	250
Fim de Carreira 6/9/1944	Cai o Barão Mannerheim (<i>lacaio</i> de Hitler), praticamente ditador da Finlândia. Caça aos fascistas na Europa. Vigilância do povo. Referência ao feudalismo.	252
A Batalha de Berlim 13/9/1944	Feudalismo fascista presente em países como a Finlândia. Países antes aliados a Hitler passam a inimigos. Perigo fascista após a vitória dos Aliados.	254

6.2. Crônicas em que Jorge Amado faz referência a Hitler

Crônica	Assunto/Resumo	Página(s)
A Poesia também é uma Arma 31/12/1942	Hitler contra a cultura e a inteligência.	31, 33
Senhor do Bonfim, Padroeiro das Nações Unidas 15/1/1943	Hitler contra a miscigenação/liberdade – povo baiano, brasileiro.	35-7
Unidade Continental das Américas 23/1/1943	A quinta coluna aliada a Hitler, cujos exércitos perecem na URSS.	44
Até a Rendição Incondicional 28/1/1943	Primeira grande perda de Hitler (Stalingrado e Leningrado), discurso de Hitler sobre o perigo bolchevista sobre o mundo, esperança de paz de Hitler.	46-8
Solidários com a Vossa Dor?... 4/2/1943	Ascensão do poder de Hitler como pesadelo aos judeus, Hitler revive a Idade Média.	52-3
Pétain, O Triste Exemplo 21/2/1943	Pétain como títere de Hitler.	61

Hitler Contra Zumbi dos Palmares 27/2/1943	Hitler contra “Moisés” (judeus), Hitler contra “Zumbi” (negros e mestiços).	63-5
Refugiados Políticos 12/3/1943	Hitler e sua tropa de assassinos na Europa, <i>pogroms</i> de Hitler (criança judia).	69-70
“África! África!” 13/3/1943	Hitler, seus asseclas, e o torpedeamento de navios brasileiros – não intimidação do povo, <i>nazi-integralismo</i> (P. Salgado).	71-2
Vingança contra os Assassinos! 21/3/1943	Brasil como um país corajoso, não vendido por integralistas a Hitler.	79
As Bandeirantes e o Esforço de Guerra 24/3/1943	Esforço de guerra para a libertação dos povos que Hitler escravizou, Hitler, como problema central na guerra, deve ser vencido.	83-4
Maníacos do Assassinato 26/3/1943	Possível guerra civil no Brasil desencadeada por integralistas, quebra da unidade pan-americana e que serviria a Hitler.	86
A Campanha da Sicília 15/7/1943	Necessidade de outra frente contra Hitler – não dar tempo ao Führer, preocupação com a permanência do fascismo mesmo sem Hitler e Mussolini.	89
Monólogo de Adolf... 17/7/1943	Monólogo jocoso de Hitler desesperado, como se previsse a derrota.	91-3
Receios de Vichy... 23/7/1943	Traidores da França que viam Hitler como imortal, o nazismo eterno... agora se lastimam.	95
Caiu Mussolini 26/7/1943	Mussolini, Hitler, Franco: fascismo, nazismo, falangismo.	96
Necessária e Urgente 18/8/1943	Frente russa derrotando Hitler, urgência de uma segunda frente.	100-1
Balanço de Aniversário 22/8/1943	Guerra perdida de Hitler, muniquistas...	103
Perspectivas 5/9/1943	Itália, a mais poderosa aliada de Hitler, na Europa.	105
Começou a Debacle 9/9/1943	Marechal Badoglio, parceiro de Hitler, pede armistício.	106
Sucedem-se os Acontecimentos 10/9/1943	Possível renúncia de Hitler.	109
A Itália e a Carta do Atlântico! 13/9/1943	Afastamento de Hitler de forças que antes o apoiavam.	110
A Batalha da Inglaterra 26/9/1943	Ilusão de Hitler de que venceria a Grã-Bretanha.	112
O Mocinho e o Herói 6/10/1943	Desaparecimento do cinema alemão com Hitler.	116
Tito e Mihailovic 7/10/1943	Mihailovic como aliado de Hitler e Mussolini.	118
Chamava-se Gastello 10/10/1943	Hitler achava que a guerra seria um <i>simples passeio</i> , mas tornou-se um pesadelo de anos.	120
Crime contra a Cultura 15/10/1943	Romain Rolland na luta contra Hitler e Mussolini.	122
Biblioteca do Combatente 27/10/1943	Castro Alves, setenta anos antes, traça o <i>retrato</i> da Alemanha de Hitler.	126
A Carta da Vitória 4/11/1943	Conferência de Moscou e a <i>sentença de morte</i> de Hitler e aos seus generais.	128-9
Um Aniversário 17/11/1943	Hitler ao invadir a URSS: a mais trágica das suas aventuras... BBC.	131
Noite sem Lua 21/11/1943	Livro de Steinbeck, personagens seus alemães que não exatamente representantes de Hitler.	133
De Londres a Berlim 27/11/1943	Povo alemão em desespero, fugindo, Hitler não tendo o que falar a ele. Hitler, antítese de povo.	134

As Camisas Enterradas 28/11/1943	Muniquistas que não querem deixar que Hitler “morra”.	136
Os Estudantes Noruegueses 7/12/1943	Juventude alemã iludida pelo sonho de domínio de Hitler. Resistência sempre!	140
Teerã Significa Liberdade 9/12/1943	Conferência de Teerã não só contra a Alemanha de Hitler, mas também contra a pretensão fascista no mundo – futuro, última pá de terra sobre Hitler, Mussolini, Pétain, etc.	142-3
Panorama 11/12/1943	Fotografia de Hitler saindo de um avião – Mussolini abatido o espera.	144
A Quinta-Coluna 16/12/1943	Quinta coluna não está morta, não pode haver benevolência aos que apoiavam Hitler.	148
Os Balcãs 5/1/1944	Ditaduras nos Balcãs crescidas à sombra de Hitler ou de Mussolini.	155
A Proposta Russa 13/1/1944	Ala podre da Polônia que se assemelha à Alemanha de Hitler.	158
Democracia em Ação 26/1/1944	Também Hitler se diz anticapitalista – ironia.	163
Segundo Aniversário 28/1/1944	Não basta levar o país à guerra contra Hitler e Mussolini. Faz-se necessário esclarecer o povo sobre o nazifascismo. Hitler está derrotado, mas o espírito obscurantista do fascismo não está.	166
Cultura e Democracia 4/2/1944	Queima de livros, prisão de escritores, banimentos... não estamos na Alemanha de Hitler.	168
Lutamos pela Cultura 15/2/1944	Não basta vencer Hitler e Mussolini. É necessário liquidar o espírito fascista.	175
Onda de Acontecimentos 26/2/1944	Como irá Hitler explicar ao povo alemão mais um fracasso no leste?	183
Olga, Vladimir e Miltisa 28/2/1944	Hitler manda divisões e divisões contra esse <i>punhado de heróis</i> (Iugoslávia). Sorriso infantil de Miltisa. Invasão da Iugoslávia por Hitler e Mussolini (depredavam lares, assassinavam, etc.).	185-6
Em Defesa da Cultura 2/3/1944	Censura de livros, Carpeaux, fogueira de livros: métodos de Hitler e Mussolini.	188
Democracia em Ação 8/3/1944	Fascistas já não creem na vitória de Hitler.	190
Freda Kirchwey Denuncia 17/3/1944	Jornalista norte-americana que denunciou Hitler quando as democracias ainda se demoravam a ver o perigo iminente.	195
A Lição Hungara 23/3/1944	Hitler invade a Hungria – que era aliada ao nazismo. Hitler prende fascistas que também se aliavam a ele.	197-8
Novos Métodos da Quinta-Coluna 30/3/1944	Notícia falsa de traidores russos – por que não surgiram quando o exército Hitler avançava?	203
Considerações quase Religiosas 7/4/1944	Salazar que vende volfrâmio a Hitler – ironia. Nazifascismo contra a religião, espírito cristão.	207
Os Povos Combaterão 13/6/1944	A Guerra: tragédia que Hitler desencadeou.	212
Fascistas em Ação 18/6/1944	Raimundo Padilha: sub-Führer indígena.	219
Razões da Conferência Verde 29/6/1944	Legiões civilizadoras de Hitler contra os bárbaros bolchevistas – ironia.	222
Revolta na Dinamarca 4/7/1944	Podridão da Dinamarca que veio de fora, de saudações a Hitler.	225
França 15/7/1944	Traidores franceses que namoravam Hitler como mocinhas em busca de casamento.	226

A Surpreendente Geografia 18/7/1944	Hitler e a ilusão de que tomar Moscou era fácil – <i>um passeio divertido.</i>	229
O Gaiato de Madri 27/7/1944	Não é só a guerra que está perdida para Hitler, Mussolini, etc. O fascismo também será derrotado. Franco, o gaiato de Madri, criado de Hitler, sairá também fracassado.	234-5
Arma Secreta 29/7/1944	Bomba voadora, a arma secreta de Hitler não mudam o panorama da guerra. Luta entre os generais e Hitler, povo alemão não mais acredita nos <i>dons sobrenaturais</i> de Hitler, <i>o carrasco</i> .	238-9
A Frente da Bretanha 17/8/1944	Destrução do poderia nazifascista – só resta a Hitler a tentativa de paz, o que é impossível.	247
O Traidor Vira Herói 30/8/1944	Pétain e outros que foram sustentáculos de Hitler e Mussolini, com a iminência da derrota nazifascista pretendem desfazer esse passado de ligações suspeitas.	250
Fim de Carreira 6/9/1944	Legiões de Hitler fogem do avanço dos Aliados, barão Gustav da Finlândia: <i>namoro</i> com Hitler e Mussolini, Hitler <i>encheu de condecorações</i> barão-marechal (lacaio de Hitler).	252-3
A Batalha de Berlim 13/9/1944	Países antes aliados a Hitler passam a inimigos.	254

6.3. Crônicas em que Jorge Amado faz referência aos judeus e aos campos de concentração

Crônica	Assunto/Resumo	Página(s)
A Poesia também é uma Arma 31/12/1942	Expulsão e perseguição de cientistas e intelectuais pelo nazismo... Einstein, Freud, Thomas Mann, etc.	31-3
Ódio 19/1/1943	Polônia, separação de membros da família, prisões, morte em massa.	40-2
Solidários com a Vossa Dor?... 4/2/1943	Ascensão do poder de Hitler como pesadelo aos judeus, Hitler revive a Idade Média.	52-4
Pétain, o Triste Exemplo 21/2/1943	Embaixador brasileiro levado a campo de concentração em Bonn.	60
Hitler contra Zumbi dos Palmares 27/2/1943	Hitler contra “Moisés” (judeus).	63
Refugiados Políticos 12/3/1943	Hitler e sua tropa de assassinos na Europa, <i>pogroms</i> de Hitler (criança judia).	69-70
A Ciência Mártir 18/3/1943	Intelectuais, cientistas, campos de concentração, poloneses.	74-76
Monólogo de Adolf... 17/7/1943	Preconceito contra os judeus – <i>conspiração judaica</i> .	91-3
O Mocinho e o Herói 6/10/1943	Menção a campo de concentração.	116
Crime contra a Cultura 15/10/1943	Romain Rolland, campo de concentração, Zweig.	122-3
Os Estudantes Noruegueses 7/12/1943	Milhares de estudantes noruegueses foram levados para os campos de concentração da Alemanha.	140
A Universidade 12/12/1943	Estudantes noruegueses, campos de concentração, teorias racistas.	146
O Diploma 19/12/1943	Thomas Mann devolve título honorífico à Alemanha – tema do nazismo x cultura.	150-1

Os “Humanitários” 17/2/1944	Menção a grupos antijudaicos e acusação nos EUA de que os judeus iniciaram a guerra.	178
Golpe Branco na Argentina 18/2/1944	Menção a Frei Tomás de Torquemada, um dos responsáveis pela expulsão de judeus em terras espanholas, em 1492.	181
Democracia Latino-Americana 12/3/1944	Campos de concentração na América do Sul.	191-2
Bolívia 28/6/1944	Campos de concentração no Paraguai.	220
Revolta na Dinamarca 4/7/1944	Execução em massa, campos de concentração, etc. que o nazismo trouxe.	224
Um Quadro de Segall 19/7/1944	Tragédia trazida pelos nazistas, perseguição aos judeus, representadas na tela de Segall.	230-1
Michael Gold 4/8/1944	Romance <i>Judeus sem Dinheiro</i> , de Gold.	166